



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE
DOUTORADO**

EDUARDO TABORDA DE JESUS

**O TURISMO E A BUSCA DE SENTIDO:
A HOSPITALIDADE NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES CATÓLICAS**

CAXIAS DO SUL

2019

EDUARDO TABORDA DE JESUS

**O TURISMO E A BUSCA DE SENTIDO:
A HOSPITALIDADE NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES CATÓLICAS**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Orientadora: Professora Doutora Vania
Beatriz Merlotti Herédia

Caxias do Sul

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

D278t De Jesus, Eduardo Taborda

O turismo e a busca de sentido : a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas / Eduardo Taborda de Jesus. – 2019.

179 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2019.

Orientação: Vânia Beatriz Merlotti Herédia.

1. Turismo. 2. Peregrinos e peregrinações. 3. Hospitalidade
4. Santuários - Portugal. I. Herédia, Vania Beatriz Merlotti, orient.
II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48-6:2

EDUARDO TABORDA DE JESUS

**O TURISMO E A BUSCA DE SENTIDO:
A HOSPITALIDADE NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES CATÓLICAS**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 13 de maio de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Luciano Marques de Jesus
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof. Dr. João Luís Jesus Fernandes
Universidade de Coimbra - Portugal

AGRADECIMENTOS

Em primeiro, e principal lugar, agradeço a *Deus: Alpha e Ômega*, princípio e fim.

De forma especial, agradeço à *minha família*, por tudo que tenho e sou. Meu pai *Nilton Ferreira de Jesus*, minha mãe *Nilza Terezinha Taborda de Jesus*, minha irmã *Nilza Cristina Taborda de Jesus*, meu cunhado *Cristiano Colombo* e minha sobrinha *Cecília Maria de Jesus Colombo*; e, de forma especial, ao meu irmão, *Matheus José Taborda de Jesus*, que me ensina diariamente o verdadeiro Sentido da Vida.

Agradeço também à *Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia*, minha orientadora, que tanto soube me respeitar, que entendeu as situações em que escrever era impossível, que entendeu minha dor. Isso garantiu a dignidade acadêmica, tão necessária para alcançar este objetivo. Agradeço a amizade e o companheirismo.

Por motivos bastantes semelhantes, ao *Prof. Dr. João Luis Jesus Fernandes*. Sempre atento e disposto para contribuir com esta pesquisa. Sempre humano, empático. Eu estava no Santuário de Fátima quando liguei ao Prof. João Luís e disse: Meu irmão... atiraram nele ontem! O restante daquela conversa não foi professor-aluno. Essa conversa foi a concretização completa e irrestrita da hospitalidade e do acolhimento no mais puro do que se possa teorizar. Um acolhimento e hospitalidade vívidos no choro e concretizada na acolhida.

Agradeço, de forma intensa, ao *Capelão da Universidade de Coimbra, Padre Paulo Simões*, ao *Sr. Licínio Gaspar Pinto* e ao *Instituto Universitário Justiça e Paz*, que abriu a casa para o estrangeiro, e permitiu que eu ficasse lá até meu retorno ao Brasil, pois sabiam que assim estariam me ajudando psicológica e espiritualmente, por estar no meio de amigos. *“Não podes ficar aí, sozinho, em Fátima. Venhas para Coimbra. Ficas aqui. Até quando precisares.”* Também à *Comunidade de Domingo das 19h da Sé Nova de Coimbra*, que realizaram um ofertório em uma missa dominical para que eu pudesse ajudar minha família mesmo de longe. Sensibilidade em atos tão concretos que encabulam, mas demonstram o trajeto realizado neste doutorado, que oportunizou, na prática, as atitudes de acolhimento e as ações intraculturais de hospitalidades trabalhadas neste estudo.

Ao *Cardeal Dom António Marto*, bispo da diocese de Leiria-Fátima, por toda generosidade e gentileza antes, durante e após a entrevista realizada.

A *Dom Serafim de Sousa Ferreira e Silva*, bispo emérito da diocese de Leiria-Fátima, pelas inúmeras conversas e atenção nos momentos mais necessários.

Ao *Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima*. Sem o apoio de todos, seria impossível ter iniciado sequer a primeira entrevista. Meus mais sinceros agradecimentos àqueles que compartilharam seus conhecimentos e me deram palavras de conforto e estímulo para que eu conseguisse concluir de forma plena este estudo. Todas as entrevistas foram realizadas após a minha noite escura e, por isso, deixo tão presente o agradecimento a *Carlos Cabecinhas, Carmo Rodeia, à Claudia Camelo, a Claudio Saraiva, Cristina Fernandes, Hector Alfonso Ramirez Sanz Cerrada, José Nuno Ferreira da Silva, Manuel Antunes, Marco Daniel Duarte, Pedro Valinho, Sergio Henriques, Vítor Coutinho*. Também ao *André Melícias*, funcionário designado para intermediar meu estudo naquele espaço.

Ainda, e de forma especial, ao *Padre Hector Alfonso Ramirez Sanz Cerrada*, sacerdote, confessor e capelão no Santuário de Fátima, que, com suas palavras, orações e ações me fez (re)acreditar que veria meu irmão novamente; que, na bênção final da missa transmitida na Capelinha das Aparições, fez uma oração específica pelos doentes que estavam longe, por saber que minha mãe estava acompanhando pela internet; fez um singelo gesto que minha mãe, no Brasil, reconheceu ser para nós. Acolhida!

Aos incansáveis médicos do Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre e, após, do Hospital Moinhos de Vento, que salvaram a vida do meu irmão. Meu agradecimento a todos pela vida dele, nas pessoas dos médicos *Daniel Augusto Becker, Gabriel Dalla Costa e Juliana Mara Stormovski de Andrade*.

Ao *Santuário Nossa Senhora de Schoenstatt, de Porto Alegre*;

A *Dom Irineu Roman*, bispo referencial da Pastoral do Turismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, pelas palavras e apoio.

Ao *Padre Manoel Oliveira Filho*, coordenador da Pastoral do Turismo da CNBB, pelas palavras, orações e pelos convites para que eu pudesse compartilhar a teoria estudada com a prática desenvolvida pela Pastoral do Turismo da CNBB.

À *Comunidade Canção Nova* e ao *Sistema Canção Nova de Comunicação*. Sem palavras para explicar a importância da televisão Canção Nova – Brasil e Portugal. Agradeço nas pessoas de *Sandra Silva e Carlos Eduardo Andrade*.

Também pela gentileza da autorização para utilizar as fotos do arquivo Canção Nova de Portugal neste estudo.

Aos colegas e professores do *PPGTURH* – Universidade de Caxias do Sul, representados, aqui, pela *mestranda Fabíola Carla Sartori e doutoranda Rosalina Cassol Schvarstzhaupt*, pela *Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos* e pelo *Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César*. À secretária do PPGTURH, *Regina de Azevedo Montesso*, pela amizade, pelo companheirismo e apoio em todos os momentos. À *Marcela Ferreira Marinho*, no sentimento lusitano que nos uniu pelo choro, pela indignação e pela esperança.

A *Fabiano Machado da Rosa e Michele Quarti Machado da Rosa*, meus queridos afilhados, pelas palavras de conforto e presença nos momentos em que mais precisei. A *Marcio Henrique Cruz Pacheco e Vanessa Basoni Pacheco* pela empatia nos momentos em que uma simples palavra significava tanto.

Aos que se dispuseram a compartilhar comigo seus conhecimentos e, sem obrigação nenhuma, me receberam para conversar sobre este estudo e outros tantos assuntos relacionados ao doutorado: *Dom José Tolentino Mendonça, Dom Serafim de Sousa Ferreira e Silva, João Alberto Souza Correia, João Luis Jesus Fernandes, João Manuel Duque, Luciano Marques de Jesus, Marcia Maria Cappellano dos Santos, Pedro de Alcântara Bittencourt César e Urbano Zilles*.

Ao Escritório MRK - Petek Traduções, nas pessoas de *Liv Petek, Nina Petek e Marko Petek*, pelas traduções utilizadas neste estudo e no período do doutorado.

À *Universidade de Coimbra*, que me recebeu novamente como aluno;

À *Universidade Católica Portuguesa*, nas pessoas de *João Manuel Duque, João Alberto Souza Correia, Alexandra Esteves e Carla Cardoso*, pelo convite e pela oportunidade de poder compartilhar meu estudo com os alunos da graduação em Turismo da UCP – Centro Regional de Braga.

À *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*, nas pessoas de *Maurício Schaidhauer e Cintia Dhein*, pela possibilidade de realizar o estágio-docência no curso de Turismo e para a bibliotecária *Aline Debastiani* pela atenção e competência no auxílio para o correto uso da ABNT.

Por fim, agradeço à Mãe do Céu, *Nossa Senhora de Fátima*, que me acolheu em casa como filho, me guiou, tranquilizou quando parecia que o sol não voltaria a nascer e me apresentou três amigos: *Francisco de Jesus Marto, Jacinta de Jesus Marto e Lucia Santos de Jesus*, a quem agradeço de forma especial este trabalho.

Para Eduardo
que a hospitalidade
se torne forma de
amor. C. L. L.,
J. T. M. 7/2/17

Dedicatória de José Tolentino Mendonça, após conversa privada sobre este estudo. Reitoria, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 26 de maio de 2017.

Começamos no caminho e a caminho do santuário; estamos de novo a caminho e no caminho do mundo. É no caminho precisamente que ambos, mundo e santuário, se cruzam, e é no caminho que Fátima pode e deve ser vivida. Porque a peregrinação ao santuário, mesmo que implique uma rutura com o cotidiano, não é fuga do cotidiano, mas, sim, reconfiguração do mesmo, segundo uma interpretação dada pela imersão no sagrado do seu sentido. Essa reconfiguração implica o regresso – ou melhor, o progresso, pois o regresso a casa nunca é o regresso ao mesmo, mas antes a transformação do mesmo no diferente. (DUQUE, 2017, p. 151).

RESUMO

Este estudo objetiva compreender o sentido do acolhimento institucional em um local católico de peregrinação (Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal), com vistas a identificar as ações intraculturais de hospitalidade realizadas para a construção identitária cristã-católica no peregrino contemporâneo. Para tal, faz a discussão sobre o sentido no deslocamento turístico, através da reflexão sobre a busca de sentido, do sentido da hospitalidade e das ações intraculturais. Examina a natureza mística das peregrinações católicas contemporâneas, diferenciando-as do tradicional turismo religioso e trata dos principais aspectos do ordenamento sócio-humano do catolicismo, no turismo, por meio dos posicionamentos publicados na Pastoral do Turismo, de forma a colocá-los acessíveis aos estudos técnico-científicos atuais. O estudo identifica e analisa o sentido da hospitalidade no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal, e de suas ações intraculturais, através dos documentos do arquivo do Santuário e das entrevistas realizadas com representantes de todos os serviços que constituem, administrativamente, a vida pastoral e orgânica do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A análise textual discursiva (MORAES; GALLIAZZI, 2016), eleita como método, permitiu a apropriação e a análise do *corpus* da pesquisa, dividido em dois grupos: a) os documentos da Igreja Católica e do Santuário de Fátima sobre turismo e peregrinações; b) as entrevistas com os gestores do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Portugal. Dessas entrevistas narrativas nasceram as seguintes categorias analíticas: Lugar de Peregrinação e Sentido; Acolhimento Humano, Pastoral e Espiritual; Acolhimento para a Vivência da Mensagem de Fátima e o Sentido Teleológico nas Ações Intraculturais de Hospitalidade. Conclui-se com a presença de uma série de atitudes de acolhimento, por parte desse Santuário, que propiciam a qualquer visitante condições que valorizam a dignidade humana, com cuidados físicos e psíquicos compartilhados com os visitantes, que não são realizados de maneira a contemplar unicamente os partícipes da mesma crença, ou cultura. Todavia, essas atitudes de acolhimento, no Santuário de Fátima, existem para um fim maior, que pode ser encontrado somente com a percepção desses gestos, tendo um fator de Sentido que os una.

Palavras-chave: Turismo. Peregrinações. Hospitalidade. Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Sentido.

ABSTRACT

This study aims to understand the meaning of the institutional reception in a Catholic place of peregrination (Sanctuary Our Lady of the Rosary of Fatima, Portugal) aiming to identify the intra-cultural actions of hospitality performed to build the Christian-catholic identity in the contemporary pilgrim. In order to do that, it discusses by means of reflection about the meaning in the touristic displacement by means of the reflection about the search by meaning, the meaning of hospitality and of intra-cultural actions. It examines the mystical nature of contemporary catholic peregrinations, differentiating them from the traditional religious tourism and deals with the main aspects of the social-human planning of Catholicism, in tourism, by means of the positions published by the Pastoral of Tourism, in order to make them accessible to current Technical-scientific studies. The study identifies and analyzes the meaning of hospitality in the Sanctuary of Fatima, Portugal and of its intra-cultural actions, by means of documents from the archives of the Sanctuary and of interviews made with representatives of all services that administratively constitute the pastoral and organic life of the Sanctuary of Fatima. The discursive textual analysis (MORAES; GALLIAZZI, 2016), elected as method, allowed the appropriation and analysis of the “corpus” of the research, divided into two groups: a) documents of the Catholic Church and of the Sanctuary of Fatima about tourism and peregrinations; b) the interviews with the managers of the Sanctuary Our Lady of the Rosary of Fatima, in Portugal. From those narratives were born the following analytical categories: Place of Peregrination and Meaning; Human, Pastoral and Spiritual Reception; hosting to live the message of Fatima and the Theological Meaning in Intra-cultural Actions of Hospitality. The conclusion is that there is a set of Receptioning Attitudes, by the Sanctuary, propitiating to any visitor conditions valuing the human dignity, with physical and psychological care shared with the visitors, which are not made in order to just contemplate the participants of a same creed or culture. However, those aptitudes of Reception of the Sanctuary of Fatima exist for a greater finality, which may only be found with the perception of those gestures having a factor of Meaning uniting them.

Keywords: Tourism. Peregrinations. Hospitality. Sanctuary Our Lady of the Rosary of Fatima. Meaning.

LISTA DE SIGLAS

- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- ASF – Arquivo Santuário de Fátima
- ATD – Análise Textual Discursiva
- Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CDC – Código de Direito Canônico
- CIC – Catecismo da Igreja Católica
- DCF – Documentação Crítica de Fátima: Seleção de documentos (1917-1930)
- DS – Documento do Santuário de Fátima
- JMJ – Jornada Mundial da Juventude
- OMT – Organização Mundial do Turismo
- PDSE – Programa Doutorado Sanduíche no Exterior
- PPGTURH – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade
- PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- Sead – Serviço de Administração
- Seal – Serviço de Alojamentos
- SEC – Serviço Executivo do Centenário
- Sedo – Serviço dos Doentes
- Sepaju – Serviço de Pastoral Juvenil
- Sepali – Serviço de Pastoral Litúrgica
- Sepe – Serviço de Peregrinos
- Sepram – Serviço de Promoção e Preservação do Ambiente
- Sesdi – Serviço de Estudos e Difusão
- SF – Santuário de Fátima
- TCC – Trabalho de conclusão de curso
- UC – Universidade de Coimbra
- UCS – Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 JUSTIFICATIVA.....	24
3 TURISMO E HOSPITALIDADE: CAMINHOS PARA UMA BUSCA DE SENTIDO	27
3.1 O turismo como uma busca de sentido	27
3.2 O sentido da hospitalidade na (re)construção da identidade humana.....	34
3.3 A essência do turismo religioso: o ordenamento do catolicismo para o turismo e a natureza mística das peregrinações.....	40
4 METODOLOGIA	56
4.1 Método.....	58
4.2 Tipo de amostra e seleção dos sujeitos da pesquisa	60
4.3 Instrumento da pesquisa	61
4.4 Construção do <i>corpus</i>	64
4.5 Local do estudo: Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal	67
5 O SENTIDO DA HOSPITALIDADE NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES	71
5.1 Lugar de peregrinação e sentido	71
5.2 O sentido do acolhimento humano, pastoral e espiritual.....	80
5.3 Lugar de acolhimento para vivência da mensagem de Fátima	86
5.4 O sentido teleológico nas ações intraculturais de hospitalidade.....	96
6 CONCLUSÕES	112
REFERÊNCIAS.....	119

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA PERÍODO DE ESTUDOS NO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E TURISMO, UNIVERSIDADE DE COIMBRA.....	135
ANEXO B – PARECER DO PROFESSOR RESPONSÁVEL NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, APÓS TÉRMINO DO PERÍODO DO ESTÁGIO-DOCTORAL, NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.....	136
ANEXO C – AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO A ESTUDOS NA BIBLIOTECA E NO ARQUIVO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA	137
ANEXO D – DECLARAÇÕES E TERMOS DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS	138
ANEXO E – NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES: PELO OLHAR DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA	143
ANEXO F – NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES: PELAS LENTES DO SISTEMA CANÇÃO NOVA DE COMUNICAÇÃO – FÁTIMA.....	146
ANEXO G – NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES: PELO AUTOR DO ESTUDO	157
ANEXO H – NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES: IMAGENS HISTÓRICAS DO ARQUIVO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA.....	172

1 INTRODUÇÃO

O convite aqui proposto é uma viagem ao conhecimento. Essa viagem embasa seu roteiro em duas trilhas distintas, mas complementares: o deslocamento físico e o processo de completude interior, realizado através desse movimento. Desvelar a humanidade da pessoa, em estudos que abordam o movimento do turismo e das peregrinações, tem como pano de fundo o olhar sobre a Busca de Sentido¹ da existência humana. Esse percurso permite reflexão sobre o sentido que move o ser humano em turismo e em peregrinações e, da mesma forma, se os locais que recebem esses visitantes estão organizados para atender a esse perfil de turista.

Para tal, o título da tese ora apresentada ***O turismo e a busca de sentido: a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas*** pretende, neste início do trajeto, apresentar, demonstrar, reforçar a clara, mas não óbvia, aproximação entre o ser humano que possui um desejo de busca de sentido, e de que forma ele coloca em prática – através do deslocamento turístico – esse processo de procura. Ao analisar e eleger as nuances que identificam as formas específicas de Turismo, Turismo Religioso e das Peregrinações, propõe-se a resgatar os temas que apresentam a motivação e a teleologia do deslocamento turístico.

Para percorrer essa trilha, foram convidados para participar do caminho autores como *Turner e Turner* (2011), *Graburn* (1989, 2001, 2009), *Solla* (2002, 2010), *Mendonça* (2002, 2010, 2016) e *Santana Talavera* (vários); que com suas contribuições ladrilharam o trajeto e permitiram que os passos seguintes fossem feitos de forma mais segura, e com menos riscos de entorses e atalhos, que pudessem interferir no processo da viagem, e levar os caminhantes a locais difusos e não desejados.

De posse da concepção sobre o desejo de sentido e o fator teleológico, sendo representados nesse caminho por *Frankl* (vários); *Jesus, L.* (2018); e *Zilles* (vários), e após realizar as aproximações que demonstram que os deslocamentos turísticos e de peregrinações são interessantes meios utilizados pelos viajantes para esse fim, percebeu-se que havia uma parte do mapa da trilha que precisava ainda

¹ Logoterapia de Viktor Emil Frankl.

ser complementado. Qual fator permitiria a aproximação entre visitante e visitado, para que essa fosse frutífera, permitisse e oferecesse ao caminhante condições para o sucesso de sua busca? Nesse questionamento surgiram muitos atalhos que, se num primeiro momento pareciam guiar o autor a um belo local, mostraram-se distantes no diálogo com os primeiros convidados da viagem. Com esses outros acompanhantes, o percurso até poderia chegar ao final com êxito, mas não seria um processo que contemplaria todos os questionamentos envolvidos para essa rota.

Assim, os convidados para trilhar o caminho que subsidia aportes correspondentes ao subtítulo da tese ***a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas*** demoraram um pouco mais para se juntar ao grupo, mas, no momento em que o fizeram, demonstraram a riqueza e permitiram, com ideias e propostas, incentivar o autoconhecimento dos próprios caminhantes que acompanhavam esse percurso. Não é essa, também, uma das propostas realizadas no início do caminho?

Com o sentimento de acolhida de quem pensa todo o trajeto, optou-se por aproximar dessa rota autores como *Baptista (2002)*, *Correia (2014)*, *Di Sante (2012)*, e *Duque (2017)*. Esses pensadores contribuem com temas relativos ao acolhimento e à hospitalidade; a atitudes humanas e geradoras de humanidade; à teleologia, ao valor, sofrimento e à identidade do ser humano. Ainda, tal qual árvores frutíferas, sombra e lagoas claras que refrescam e auxiliam os caminhantes no decorrer da trilha, esteve presente no grupo não mais uma pessoa, mas uma gama de escritos de uma instituição que direciona temas, tendo como referência apontar o norte. Por ser uma instituição religiosa, católica, seus posicionamentos podem ser comparados à seta da bússola, que busca sempre o Norte, e não com a biruta, que simplesmente aponta para onde o vento lhe aprouver.

Dessa forma, com os bons companheiros de caminhada, em diferentes áreas do conhecimento, e um trajeto que demonstrou oferecer frutas frescas, sombra e água potável para ajudar a indicar o caminho que se devia manter, foi possível atrair outros participantes para esse trajeto. A esses outros convidados, foi necessário apresentar o porquê dessa trilha existir, e para que foi pensada. Assim, a pergunta proposta – que acompanha os novos companheiros de jornada – e que, durante todo o caminho surgiu de modo mais ou menos explícito, é: *De que forma o Sentido do Acolhimento Institucional e as Ações Intraculturais de Hospitalidade, em um local católico de peregrinação (Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima,*

Portugal), são realizadas como construção e reforço da identidade cristã-católica no peregrino contemporâneo?

O objetivo principal deste estudo é compreender o Sentido do Acolhimento Institucional em um local católico de peregrinação (Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal), com vistas a identificar as Ações Intraculturais de Hospitalidade realizadas para a construção identitária cristã-católica no peregrino contemporâneo.

Para realizá-lo foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) discutir o Sentido, no deslocamento turístico através de reflexão sobre a Busca de Sentido, o Sentido da Hospitalidade e suas Ações Intraculturais;
- b) significar a natureza mística das peregrinações católicas contemporâneas, diferenciando-a do tradicional Turismo Religioso;
- c) apresentar os principais aspectos do ordenamento sócio-humano do catolicismo, no turismo, por meio dos posicionamentos publicados pela Pastoral do Turismo, de forma a colocá-los acessíveis aos estudos técnico-científicos atuais;
- d) identificar e analisar o Sentido da Hospitalidade no Santuário de Fátima, Portugal, e suas Ações Intraculturais, através dos documentos do arquivo do Santuário e das entrevistas realizadas com o bispo diocesano do Santuário, reitor, vice-reitor e os diretores dos serviços que compõem administrativamente a vida pastoral e orgânica do Santuário de Fátima.

O trajeto segue da seguinte forma: Na discussão teórica o diálogo existente se deu sobre *Turismo e hospitalidade: caminhos para uma busca de sentido*, com as seguintes subdivisões: *O turismo como uma busca de sentido*; *o sentido da hospitalidade na (re)construção da identidade humana*; e *A essência do turismo religioso: o ordenamento do catolicismo para o turismo e a natureza mística das peregrinações*.

Ao compreender o Sentido, conforme apresentado por Frankl (2003, 2007, 2014a) e por Jesus, L. (2018), percebe-se que a logoterapia é afastada de qualquer confissão religiosa. Poderia ser conflitante, e guiaria os caminhantes para uma viela escura e insegura, abordar um sentido do acolhimento e da hospitalidade, no momento em que esse Sentido logoterápico fosse subsidiado por argumentos advindos de uma confissão religiosa. Xausa (2007, p. 7) explica que “Frankl exclui do estudo da logoterapia qualquer comprometimento com confissão religiosa”.

Jesus, L. (2018, p. 67) afirma que “a logoterapia é uma abordagem laica de problemas clínicos e não uma terapia religiosa”. Todavia, acrescenta: “A religião pode ser trazida para a terapia, como qualquer outra dimensão da vida do paciente.” (JESUS, L, 2018, p. 67).

Para construir uma ponte que permitisse um zeloso acesso entre esses campos, foram convidados para este caminho autores como Santana Talavera (1997), Santa Talavera e Pinto (2008) e Urbano Zilles (2003). Santana Talavera e Pinto utilizam o elemento “teleológico” como **“relativo às motivações do turista”** (2008, p. 08) e Zilles (2003), por sua vez, apresenta que,

em geral se entende por teleologia a ordenação da estrutura e função de um ser ao fim que constitui a consecução da plenitude que essencialmente lhe corresponde. Em Husserl, a teleologia refere-se à estrutura finalista da consciência **que tende à plenitude de sentido, tanto na ordem teórica (conhecimento) como na ordem prática (valores, vontade)**. (ZILLES, 2003, p. 191, grifo nosso).

Neste caso, quando abordada nesta pesquisa, a Teleologia significará algo mais profundo que a motivação do turista. (SANTANA TALAVERA, 1997). Com o intuito de complementar a concepção logoterápica do Sentido – imbuído de espiritualidade, mas despido de matiz religiosa –, Teleologia, aqui, será a **“Plenitude de Sentido”, que contempla o aspecto espiritual e, também, o aspecto confessional religioso, que criam e fomentam as ações intraculturais de hospitalidade de cada confissão religiosa.**

Para esse fim, discorre-se sobre a ideia de que o Sentido do Acolhimento e das Ações Intraculturais de Hospitalidade, em um ambiente confessional católico, traz consigo a realização de elementos singulares e identitários da própria crença. As ações intraculturais (SANTANA TALAVERA, 1997), na hospitalidade, estão arraigadas a um sentido pleno e, por isso, com um significado intangível e profundo para aqueles que realizam os atos. Um sentido que o faz observar e buscar a sua própria humanidade através da busca da transcendência, mas com a realização de gestos que o tornam mais humano, e que transformam “o limbo da indiferença ao círculo da empatia” (CORREIA, 2014, p. 221) e que tem, na hospitalidade, “um dos traços fundamentais da forma de ser e estar”. (CORREIA, 2014, p. 221).

Também, Di Sante (2012) e Correia (2014) abordam aspectos que são utilizados como sinais luminosos de orientação nesta trilha. Parte-se da compreensão de quatro aspectos que acompanharão todo o trajeto:

- a) a hospitalidade como atitude humana e geradora de humanidade (CORREIA, 2014);
- b) os cinco passos do “Eu Hospitaleiro” (DI SANTE, 2012);
- c) a hospitalidade como soma das atitudes humanas apresentadas no “Eu Hospitaleiro” (DI SANTE, 2012); e
- d) o sentido teleológico nas ações intraculturais (SANTANA TALAVERA, 1997) de hospitalidade, como resultado das ações de acolhimento, possuidoras de um sentido humano e transcendente, apresentadas e concretizadas em santuário católico.

Ao compreender a existência de um sentido, e que esse sentido move as atitudes de acolhimento, transformando-as em ações intraculturais de hospitalidade, deve-se ter em conta que, se não houvesse um sentido confessional que as unisse – obviamente ligado a natureza do espaço -, essas atitudes não ocorreriam, ou não seriam desenvolvidas no espaço proposto para o presente estudo: O Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Portugal.

Ainda, para identificar não apenas as ações intraculturais de hospitalidade, mas também o sentido dessas ações, utiliza-se a seta da bússola doutrinal para a compreensão do que trata a Igreja Católica em temas relativos ao turismo e às peregrinações, ao acolhimento e à hospitalidade.

Com um grupo já coeso, e disposto a percorrer na totalidade a viagem pelo conhecimento proposta no início, apresenta-se os autores escolhidos: Richardson (1999); Pereira (2003); Moraes e Galiazzi (2016) para conduzir o trajeto proposto na Análise Textual Discursiva (ATD):

[...] inserida no movimento de pesquisa qualitativa não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 33).

Com um regramento que define a “unitarização, categorização e produção de metatextos” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 239), como elementos-chave para a concretização do método, buscou-se seguir atentamente o proposto por eles, para garantir segurança, rigor e dignidade ao trabalho científico agora apresentado.

Cabe, ainda, compartilhar que, entre os dias 18/4/2017 e 4/12/2017, este autor participou ativamente da vida no Santuário de Fátima, em Portugal, o que resultou em significativos aportes bibliográficos, de diário de campo, entrevistas e

participação de eventos em temas diretamente relacionados ao projeto em tela, e também periféricamente relacionados ao escopo do texto. Para a realização desse período, foi recebido como aluno convidado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Departamento de Geografia e Turismo (Licenciatura, Mestrado e Doutorado), tendo como professor responsável o Doutor João Luis Jesus Fernandes. Esse período foi financiado pelo Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)². O período denominado “Programa Doutorado Sanduíche no Exterior”, da Capes, que vinculou este pesquisador à Universidade de Coimbra, durante a elaboração de parte do doutorado, permitiu a realização de pesquisas e entrevistas diretamente no Santuário de Fátima, em Portugal. Ainda, é importante a ressalva de que os entrevistados que compõem o *corpus* deste estudo também, de alguma forma, estão presentes na viagem ao conhecimento trilhada nesta obra. Como, entre pessoas que buscam o conhecimento da verdade, ou ao menos o mais próximo dela, seria estranho que parte dos caminantes convidados estivessem de alguma forma blindados pelas palavras que trazem os argumentos ao escopo desta pesquisa. Dessa forma, com o intuito de maior acolhimento e respeito a todos os convidados desse percurso, foram condicionadas à participação neste caminho somente pessoas que, voluntária e livremente, aceitassem despir-se de toda e qualquer condição de anonimato. Reconhece-se que, muitas vezes, é importante, e até essencial, a preservação das fontes das entrevistas, mas, neste caso, neste trabalho, como ocultar uma citação proferida pelo reitor do Santuário, revelando dados sobre uma conversa tão íntima com o papa?

No dia trinta nós tivemos uma audiência que Dom Antônio tinha pedido ao santo padre. Trinta de setembro. Uma audiência com o santo padre para agradecer a vinda do Papa nos dias doze e treze de maio. O Sr. Dom Antônio, quer a mim, quer o Padre Vítor Coutinho, como vice-reitor do Santuário, mais a postuladora, fomos os três acompanhar o Sr. Dom Antônio. E no diálogo com o Papa [...]. (CABECINHAS, 2017).

Ou esta, proferida pelo Cardeal Dom António Marto, bispo da Diocese de Leiria-Fátima e responsável pelo Santuário, quando demonstra o direcionamento

² "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001". Nota de rodapé para atender Portaria 206, de 4 de setembro de 2018, que dispõe sobre obrigatoriedade de citação da CAPES. Entre 01/05/2015 e 01/04/2017 (Programa de Suporte à Pós-Graduação de Institutos de Ensino Particulares); 01/05/2017 a 30/11/2017 (PDSE) e 01/12/2017 e 30/04/2019 (PROSUC).

oficial da Igreja Católica para a acolhida no Santuário de Fátima? “A primeira carta de apresentação do Santuário é o acolhimento.” (MARTO, 2017).

Ou ainda, quando o diretor do Serviço de Pastoral Litúrgica justifica, como ação de inclusão, o uso do Latim nas missas? Tem-se a percepção de que, para este trabalho e para dignificar o devido peso das entrevistas, perder-se-ia muito se elas fossem apresentadas nas citações de forma anônima.

Assim sendo, essa parcela específica dos convidados a esta jornada acompanham os demais convidados tendo, por escrito, concordado em dois fatores:

- a) a autorização da captação em áudio de toda a entrevista;
- b) a autorização de dispensa de anonimato para as citações neste estudo.

E mais, ressalta-se a livre concordância, sem maiores questionamentos nem desistências, dos treze entrevistados, sendo eles capelães do Santuário, diretores de Serviços, coordenadores de setores, vice-reitor e reitor. Além de um cardeal da Igreja Católica.

Ao buscar seguir corretamente a proposta do método escolhido, a parte teórica e a parte empírica do trajeto descrevem as categorias de análise. Nesta investigação as categorias emergentes surgem após análise nos dois grupos do *corpus* da pesquisa:

- a) documentação do Arquivo do Santuário e de documentos oficiais da Igreja Católica sobre o tema proposto;
- b) as treze entrevistas realizadas com representantes do Santuário e da Diocese de Leiria-Fátima.

Assim, inicia-se a análise dos dados. Como resultados nasceram as seguintes categorias: 1ª) *lugar de peregrinação e sentido*; 2ª) *o sentido do acolhimento humano, pastoral e espiritual*; 3ª) *lugar de acolhimento para a vivência da mensagem de Fátima*; e a 4ª) *o sentido teleológico nas ações intraculturais de hospitalidade*.

Diversos entrevistados destacaram o Santuário de Fátima como um local de peregrinação, e possuidor de um sentido. Dentre eles, as palavras do Cardeal Dom António Marto ganham significativa relevância: “Vocês no Brasil usam muito esse termo de Romaria. Nós não usamos muito esse termo. É peregrinação. Romaria para nós tem mais o sentido de festa popular. Portanto, não é o mesmo sentido de peregrinação.” (MARTO, 2017). Nesse, o caminhante da nossa trilha percebe, de imediato, algumas diferenças importantes nesse pensamento: a percepção, pelo

entrevistado, da diferenciação entre esses dois deslocamentos, na mesma forma que deixa claro que as romarias e as peregrinações possuem sentidos distintos. O conhecimento sobre a utilização do termo *romaria* no Brasil, origem-base deste estudo, em relação a Portugal, local do objeto desta pesquisa. Apenas essa diferença cultural poderia ser aceita, mas, no decorrer do caminho há ainda um terceiro fator: os documentos da Igreja Católica, uniformes em todo o globo, que também abordam o direcionamento de sentido nas peregrinações e nos santuários. O apresentado por esses documentos, pelos documentos do arquivo do Santuário de Fátima, e pelas entrevistas permitem para este autor classificar, como categoria de análise emergente, o Santuário de Fátima como um lugar de peregrinação e sentido.

O *sentido do acolhimento humano, pastoral e espiritual* é discutido com o intuito de compreender o que gera determinadas atitudes no interior de um espaço católico que recebe fluxo turístico. Pelo apresentado no *corpus*, documentos e entrevistas, percebe-se a separação de três ideias de acolhimento: humano, pastoral e espiritual. Compreensivo, visto que o perfil dos visitantes do Santuário de Fátima é diverso, e acolhê-los da mesma forma poderia causar conflitos desnecessários. Assim, esta divisão – que consta já no primeiro artigo do Estatuto do Santuário – auxilia a realização das futuras ações, e faz pensar sobre qual parte do Santuário (Capelinha, Basílicas, Museu, Exposições, Casa dos Pastorinhos, Apresentações Culturais, etc.) terá mais atenção do acolhido.

Dentre esses visitantes, é priorizado o acolhimento dos peregrinos. “[...] o primeiro objetivo deste lugar é, antes de ser inclusivamente da difusão da mensagem que aqui foi deixada, o acolhimento daqueles que querem viver esta mensagem aqui.” (DUARTE, 2017). Marco Daniel Duarte³ esclarece a importância do acolhimento daqueles que querem viver a mensagem de Fátima nesse espaço. O condicionamento do desejo do peregrino ao que ele receberá como acolhida parece algo coerente, no momento em que o Santuário existe para propagar a Mensagem de Fátima. A questão que se apresenta, nessa categoria emergente, é: Qual mensagem foi lá deixada, que leva milhões de pessoas por ano, de tantos países, em busca do conhecimento da própria existencialidade do ser? Para este estudo, a ocorrência de uma *Mariofania* como em Fátima não é discutida no viés da real

³ Diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima.

aparição. Todavia, torna-se incontestável que dessa suposta, ou não, Mariofania, nasce a realização de determinadas atitudes e ações que, por pertencerem à cultura Católica, podem ser chamadas de “Ações Intraculturais” de Hospitalidade.

Por fim, apresenta-se a categoria que explicita as *Ações Intraculturais de Hospitalidade* que o Santuário de Fátima oferece àqueles que o visitam. Para dialogar nesse momento, são utilizados, principalmente, os seguintes autores: Baptista (2002); Correia (2014); Jesus, L. (2018); Di Sante (2012); Duque (2017); Santana Talavera (1997). São estabelecidas as correlações entre sentido do acolhimento e o sentido teleológico das ações intraculturais. Dessa forma, essas atitudes, plenas de sentido, transformam as atitudes de acolhimento em ações intraculturais de hospitalidade. Essa categoria permitiu e propiciou que as respostas levantadas no problema atendessem os objetivos previstos.

2 JUSTIFICATIVA

Quando a temática do turismo religioso e das peregrinações é foco de publicações em artigos científicos, dissertações e teses, normalmente é apresentada sob a ótica daqueles que estudam o fenômeno do turismo e entendem, na religiosidade, apenas um dos diversos segmentos que o deslocamento turístico alcança. Muitas vezes, constata-se que esses estudos não aprofundam a discussão acerca do ser humano e religioso, como essência do deslocamento, ignorando a parte fundante do deslocamento turístico-religioso: a religião.

Independentemente de qual crença, as religiões têm preceitos internos, difusos e particulares, que influenciam diretamente as motivações do deslocamento do crente. Ignorar esses preceitos doutrinários cria um abismo conceitual entre o significado do deslocamento turístico religioso e a real significância da viagem com matiz religiosa. Outro fator que contribui para o distanciamento conceitual entre esses deslocamentos é o fato de muitos estudos não abordarem, sequer superficialmente, os autores e documentos oficiais das instituições religiosas, creditando a autores periféricos importância maior em detrimento da documentação bibliográfico-institucional. Diversos autores classificam turismo religioso e peregrinações como algo similar. Alguns pesquisadores entendem a existência de uma diferenciação, mas não conseguem esclarecer realmente a raiz dessa dualidade. Essas razões motivaram a abordar as diferenças entre turismo, turismo religioso e peregrinações; o sentido desses deslocamentos, e como os aspectos de acolhimento e hospitalidade são apresentados diretamente ao turista e peregrino.

Utilizar referências de natureza epistemológica da pesquisa científica nas áreas do turismo e da antropologia, para compreender o significado de turismo, turismo religioso e peregrinações, e relacioná-los aos documentos oficiais da Igreja Católica e suas motivações, quando abordam o deslocamento humano, socializa significativo aporte ao referencial bibliográfico para futuros estudos dessa temática.

De posse dessa gama de argumentos, advinda dos documentos católicos, percebeu-se a existência de motivos que conduzem a um aprofundado entendimento do substantivo *peregrinação*, quando pertence aos deslocamentos no catolicismo. Esses deslocamentos possuem regramentos distintos que não são analisados pelos autores acadêmicos, na área do turismo. Essa lacuna não auxilia para a busca do conhecimento que as pesquisas científicas devem suprir, e este

estudo contribui para suprir esse hiato, nessa área do saber. A quase ausência de resultados encontrados nas principais plataformas de busca científica no Brasil é emblemática. Soma-se, também, a carência nas citações de escritos de Pio XII, João XXIII, Paulo VI, Bento XVI, João Paulo II e Código de Direito Canônico, em trabalhos acadêmicos, que abordam o Turismo Religioso e as Peregrinações.

Nesse intuito, o tema ora proposto, **O turismo e a busca de sentido: a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas**, pretende compreender o *sentido do acolhimento* institucional em um local católico de peregrinação, com vistas a identificar as *Ações Intraculturais de Hospitalidade* realizadas para a construção identitária cristã-católica no peregrino contemporâneo.

Nesse sentido, o tema tem sido objeto de estudo desde a graduação, quando se escolheu como trabalho de conclusão de curso, no bacharelado em Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, investigar a busca do sentido da vida nos deslocamentos em turismo religioso. Após essa experiência, na continuidade de estudos na pós-graduação, desenvolvidos na Universidade de Coimbra, Portugal, foi escolhido, como objeto de pesquisa no mestrado em História da Arte, Patrimônio e Turismo Cultural, a questão ética nos documentos de turismo cultural oriundos da Santa Sé. A experiência profícua do mestrado estimulou a continuar as pesquisas nessa área de conhecimento no Programa de Doutorado em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul.

Ter realizado mestrado na Universidade de Coimbra, em Portugal, facilitou o acesso, por já ter desenvolvido proximidade com a equipe do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima pelo estudo realizado em 2011/2012. Em 2016, buscou-se autorização diretamente com os responsáveis pelo Santuário de Fátima, para desenvolver, naquele espaço, a pesquisa de doutoramento. Esse fato mostrou ter grande valia para o acesso, a pesquisa e o estudo no campo teórico, e para a elaboração e execução da pesquisa empírica com os gestores ligados diretamente à vida administrativa do Santuário de Fátima, no ano da celebração do seu centenário, 2017.

O acesso ao acervo do **Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima**, no arquivo e biblioteca do Santuário, possibilitou a pesquisa *in loco* do material produzido pelos principais pesquisadores do e no Santuário de Fátima;

muitos documentos se encontram arquivados somente naquele acervo, transformando este estudo um material inédito com a concepção pretendida.

Esta pesquisa subsidiará futuros projetos profissionais e acadêmicos que tenham como objetivo a identificação, análise e interpretação do tema do *Sentido*, da peregrinação, do acolhimento e da hospitalidade em um local de peregrinação católico, sobretudo em espaços conhecidos como Santuários. Beneficiará, também, a sociedade pelo desenvolvimento cultural, social e de hospitalidade da localidade onde futuros estudos, embasados neste, sejam realizados. Permitirá, também, que o próprio espaço-destino de peregrinação possa aprimorar e reestruturar, administrativamente, o espaço, priorizando o acolhimento e a hospitalidade desenvolvidos, com subsídios teóricos e práticos utilizados como modelo de ações desenvolvidas em santuário internacionalmente conhecido e respeitado, que atrai milhões de peregrinos/ano, de todos os continentes do mundo.

3 TURISMO E HOSPITALIDADE: CAMINHOS PARA UMA BUSCA DE SENTIDO

A necessidade de compreender os aspectos motivacionais, conscientes e inconscientes, do desejo de partir em movimento turístico – em viagem de turismo religioso e peregrinação – aproximou os temas ora apresentados. A maneira como se relacionam *Turismo, Hospitalidade, Peregrinação, Busca e Oferecimento de Sentido* conduziu os questionamentos e as proposições deste capítulo. Essa relação, entre linhas da Psicoterapia, Filosofia, Antropologia, do Turismo e dos documentos oficiais da Igreja Católica, serviu de base para buscar o entendimento do sentido teleológico nas peregrinações, percebido na ótica do ser em movimento e, após, analisar o entendimento de quem recebe esses viajantes.

3.1 O turismo como uma busca de sentido

El turismo es funcional y simbolicamente equivalente de otras instituciones que emplea la especie humana para embellecer y dar sentido a su propia vida. (GRABURN, 1989, p. 46).

Em diferentes graus, o ser humano almeja sentido para sua própria existência, e faz isso quotidianamente de diferentes formas. Por tratar-se de uma abordagem que prima pela pessoa em deslocamento turístico, e o que ela contempla, entende-se importante aprofundar a proporção do quanto afeta a vida da pessoa, envolta no movimento turístico-religioso, essa constante busca de sentido. O *sentido* aqui proposto está diretamente inspirado em Frankl (2003, 2007, 2014a) e apresentado por Jesus, L. (2018).

O sentido que se quer referir aqui é fim, propósito, finalidade. Qual o sentido da vida? Qual seu fim, propósito, finalidade? [...] Cultivar a Filosofia como uma busca de sentido de tudo e, especialmente, o sentido da vida. Essa perspectiva teleológica, *telos* significa sentido, ela supõe que a realidade tenha sentido. (JESUS, L., 2018, p. 12).

O propósito, a finalidade, e o motivo existentes resultam na perspectiva teleológica⁴ do descortinar-se diante de um questionamento filosófico, perpassa

⁴ Teleologia. Zilles apresenta que, “em geral se entende por teleologia a ordenação da estrutura e função de um ser ao fim que constitui a consecução da plenitude que essencialmente lhe

diversas áreas do saber e, neste caso, pelo estudo do turismo, do turismo religioso e das peregrinações. É proposto abordar a teleologia do movimento turístico-religioso com a chave interpretativa da logoterapia,⁵ visto que considera “como outras dimensões da vida, a religião pode dar sentido, ajudar a pessoa a mobilizar seus recursos psicológicos ou espirituais e descobrir o sentido da vida”. (JESUS, L., 2018, p. 68). E, ainda compreende que

A questão do sentido varia de pessoa para pessoa, de momento para momento, e constitui-se uma tarefa que dura a vida toda. Não se pode falar em sentido geral, mas da necessidade de responder às situações que a vida coloca. (JESUS, L., 2018, p. 60).

Essa necessidade de sentido, apresentada por Frankl (2003, 2007, 2014a) como uma expressão da busca pela completude e totalidade do ser humano, mostra a pessoa humana não mais como um ser apenas biológico. Para preencher essa lacuna dos desejos intrínsecos que acompanham o ser humano, Frankl (2007) apresenta a ideia

[...] pelo fato de o ser humano estar centrado como indivíduo em uma pessoa determinada (como centro espiritual e existencial), e somente por isso, o ser humano é também um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano. Ela forma essa totalidade como sendo biopsicoespiritual. Não será demais enfatizar que somente essa totalidade tripla torna o ser humano completo. Portanto não se justifica, como frequentemente ocorre, falar do ser humano como uma ‘totalidade corpo-mente’; corpo e mente podem constituir uma unidade, por exemplo ‘unidade’ psicofísica, porém essa unidade jamais seria capaz de representar a totalidade humana. A essa totalidade, ao ser humano total, pertence o espiritual, e lhe pertence como a sua característica mais específica. Enquanto somente se falar de corpo e mente, é evidente que não se pode estar falando da totalidade. (FRANKL, 2007, p. 23).

A Totalidade Tripla⁶ contempla os aspectos biológico, psicológico, social⁷ e espiritual do ser humano, e é nessa concepção integral que se reflete o que significa

corresponde. Em Husserl, a teleologia refere-se à estrutura finalista da consciência que tende à plenitude de sentido, tanto na ordem teórica (conhecimento) como na ordem prática (valores, vontade)”. (ZILLES, 2003, p. 191).

⁵ *Logoterapia*: Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, fundada por Viktor Frankl, fundamentada na Busca de Sentido. “A logoterapia é uma abordagem laica de problemas clínicos”. (JESUS, L., 2018, p. 67). Também conhecida como Terapia do Sentido.

⁶ A *Totalidade Tripla* do ser humano apresentada por Frankl (2007) (aparentemente ignorando o fator social) em nada exclui a interveniência biopsicossocial apresentada por Perazollo, Santos e Pereira, (2010) e em Lacerda (2009). Viktor Frankl dedica seus estudos sobre os aspectos psicológicos e espirituais do ser humano, permeando-os a outros condicionantes no decorrer de suas obras. Luciano de Jesus (2018) enfatiza: “Muitas vezes Frankl foi questionado se, como psiquiatra, e neurologista, não reconhece os enormes condicionantes, e determinantes, de toda

a completude dessa existência. Ao considerar como característica mais específica o espiritual, Frankl (2007) sinaliza como fundante no *Logos*⁸, que guiará a pessoa no deslocamento turístico, e também ao *Logos* da pessoa que receberá o ser em movimento, visto que “A crença não é um pensamento, diminuída da realidade do pensado, mas um pensamento, ampliado da existencialidade do pensante” (FRANKL, 2014a, p. 291), e é exatamente na existencialidade do pensante que se descobrem as Ações Intraculturais⁹ do indivíduo e de que forma elas se manifestam no coletivo. Essa manifestação do indivíduo, acentuado pelo fator espiritual em seu interior, pode apresentar-se de diversas maneiras e ocorre tanto de forma consciente quanto inconsciente¹⁰. Para Frankl, é necessário que se faça:

[...] uma revisão de limites: Não se trata mais de um simples inconsciente instintivo, mas também de um inconsciente espiritual. O Inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais. Desta forma, o conteúdo de inconsciente fica consideravelmente ampliado, diferenciando-se em instintividade inconsciente e espiritualidade inconsciente. Agora surge a necessidade de incluir o espiritual no inconsciente, o que precisamente chamamos de inconsciente espiritual. (FRANKL, 2007, p. 19).

ordem, a que o ser humano está submetido: biológicos, sociais, culturais, econômicos e psicológicos. Ao que responde positivamente, conhece muito bem essas limitações, como clínico e professor. Todavia, como sobrevivente de quatro campos de concentração, conhece também a força humana de resistir nas piores situações e de enfrentá-las corajosamente”. (DE JESUS, L., 2018, p. 39). Portanto, utiliza-se a totalidade do ser humano como sendo **biopsicossocioespiritual**, mas por respeitar as ideias do autor mantém-se o original sobre a Totalidade Tripla.

⁷ Como já explicado anteriormente.

⁸ “*Logos*, em grego, tem uma série de acepções, podendo significar ser, conhecer, dizer e, por extensão, palavra, discurso, ciência, dito, máxima, sentença, exemplo, decisão, resolução, condição, promessas, argumento, ordem, conversação, razão, inteligência, a razão de algo, motivo, sentido. A acepção escolhida por Frankl é **sentido**”. (JESUS, L., 2018, p. 36, grifo nosso).

⁹ Ações Intraculturais: ações inerentes à determinada cultura, não dogmáticas, repletas de significados passados e presentes, que projetam um futuro que também ofereça significado aos seus membros. (SANTANA TALAVERA, 1997).

¹⁰ “Na linguagem corrente, o termo inconsciente é utilizado como adjetivo, para designar o conjunto dos processos mentais que não são conscientemente pensados. Pode também ser empregado como substantivo, com uma conotação pejorativa, para falar de um indivíduo irresponsável ou louco, incapaz de prestar contas de seus atos. Conceitualmente empregado em língua inglesa pela primeira vez em 1751 (com a significação de inconsciência), pelo jurista escocês Henry Home Kames (1696-1782), o termo inconsciente foi depois vulgarizado na Alemanha, no período romântico, e definido como um reservatório de imagens mentais e uma fonte de paixões cujo conteúdo escapa à consciência. Introduzido na língua francesa por volta de 1860 (com a significação de vida inconsciente) pelo escritor suíço Henri Amiel (1821-1881) foi incluído no Dictionnaire de l'Académie Française em 1878. Em psicanálise, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma “outra cena”. Na primeira tópica elaborada por Sigmund Freud, trata-se de uma instância ou sistema (Ics) constituído por conteúdos recalçados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente e o consciente (Pcs-Cs). Na segunda tópica, deixa de ser uma instância, passando a servir para qualificar o isso e, em grande parte, o eu e o supereu.” (ROUDINESCO; PLON, 1998. p. 374.)

Xausa (2007)¹¹ defende a ideia sobre a existência do inconsciente espiritual, ao mesmo tempo em que a afasta de qualquer confissão religiosa. Ela explica:

Assim como terapeuta experiente descobriu a religiosidade em estado latente no interior do sujeito, muitas vezes só revelada através da análise dos sonhos, inclusive de pessoas irreligiosas [...] Frankl exclui do estudo da logoterapia qualquer comprometimento com confissão religiosa. (XAUSA, 2007, p. 6).

Esse distanciamento da Logoterapia com a confissão religiosa também é reforçado por Jesus, L. (2018) quando narra:

Há alguns anos, fui apresentado a uma psicóloga de orientação psicanalítica como professor de Filosofia que estuda Viktor Frankl. Ela pergunta se é aquele da religião, ao que respondo prontamente que sim, tanto quanto Sigmund Freud é aquele da sacanagem. Ficou visível o enfurecimento da psicóloga, e eu completei dizendo que afirmar que Frankl é aquele da religião corresponde exatamente a afirmar que Freud é aquele da sacanagem. Admito que foi uma resposta bastante feia, mas efetiva [...] a logoterapia é uma abordagem laica de problemas clínicos e não uma terapia religiosa. A religião pode ser trazida para a terapia, como qualquer outra dimensão da vida do paciente. (JESUS, L., 2018, p. 67).

Como, para Frankl, a totalidade do ser humano contempla o espiritual, a existência de um inconsciente espiritual é natural, e esse inconsciente determinaria algumas atitudes da pessoa. Ao abrir-se essa perspectiva com a existência do inconsciente espiritual apresentado, pode-se fazer a seguinte constatação: existe um fator, pessoal e nem sempre conhecido, que motiva e é determinante, que decide sobre o possível deslocamento da pessoa a um determinado local, tendo ou não motivação religiosa. Esse deslocamento reflete, consciente ou inconscientemente, uma busca de sentido à própria existência através do seu (ser humano) inconsciente espiritual. (DE JESUS, E., 2018).

Aquela instância que decide se algo deve se tornar consciente ou permanecer inconsciente, funciona, ela própria, inconscientemente. Porém, a fim de poder decidir, ela deve ser capaz, de alguma forma, de discernir. E ambas as ações, decidir e discernir, são próprias do algo espiritual. Assim, novamente verificamos que o espiritual não somente pode ser inconsciente, em diferentes graus, mas necessariamente deve ser inconsciente, tanto na sua instância última quanto na sua origem. (FRANKL, 2007, p. 28).

A esse sujeito, a esse indivíduo, os estudos e projetos, no âmbito do turismo, são considerados o que permite contemplar a totalidade do ente humano – o ser

¹¹ Introdução à edição brasileira da tese de doutoramento de Viktor Frankl (FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. 10. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007).

espiritual? Tais estudos reconhecem a existência de um *logos* espiritual que compõe de forma equilibrada os aspectos biológicos, sociais e psicológicos do ser humano, permitindo que o todo possua um sentido?

Quando a temática do turismo é proposta, pode-se buscar referências em diversas ciências acerca do tema. Nesse intuito, o presente estudo recorre aos estudos dos antropólogos norte-americanos¹² e britânico¹³, bem como aos geógrafos espanhóis¹⁴ que aprofundam estudos sobre o movimento físico e as motivações daqueles em deslocamento. Santana Talavera (2003, 2008) sinaliza distintos elementos¹⁵ que orientam o complexo sistema turístico, e identifica a existência de quatro aspectos que abrangem os principais tópicos do estudo do turismo. São eles: dinâmico, estático, teleológico e consequencial.

[...] dos quatro campos bem marcados: o aspecto **dinâmico**, referente ao deslocamento do turista; o aspecto **estático**, que seria o destino turístico em si mesmo; o aspecto **teleológico**, relativo às motivações do turista; e o **consequencial**, que diz respeito aos impactos causados pela atividade turística. (SANTANA TALAVERA; PINTO, 2008, p. 8).

Para Santana Talavera (1997, 2003, 2008, 2009), o aspecto dinâmico aborda a mudança de lugar do ser em questão. Está “associado às áreas geradoras de turistas, implicando viagens e deslocamentos; inclui os componentes das sociedades geradoras de turistas”. (SANTANA TALAVERA; 2009, p. 60).

O aspecto estático está associado aos destinos turísticos, à estrutura, força de trabalho e a todos os elementos que permitem a recepção de um turista em determinado local. O subsistema estático se apresenta como uma

[...] instância privilegiada de investigação e é onde se concentra a maioria das análises sobre o tema. Não só pelo fato de ser nele onde se processa a fruição do “produto”, representando o laboratório do cientista social por

¹² Victor Turner; Edith Turner.

¹³ Nelson Graburn.

¹⁴ Augustin Santana Talavera; Xosé Manuel Santos Solla.

¹⁵ A classificação desses quatro aspectos, ou elementos, varia, nos próprios escritos de Santana Talavera. Isso é explicado por ele próprio quando argumenta: “Os autores sugerem o isolamento de algumas variáveis que seriam determinantes na formação e percepção da imagem turística a partir do ponto de vista do turista, tais como [...] **motivações sócio-psicológicas para viajar**.” (SANTANA TALAVERA; PINTO, 2008, p. 13, grifo nosso). Essa explicação clarifica o fato de Santana Talavera, em 1997 e 2009, esmiuçar três elementos e, em 2003 e 2008, apresentar quatro. Esse aspecto que ora surge distinto dos demais, e ora aparece como um elo que permeia os três restantes é o Teleológico, também apresentado por ele como “cognitivo-normativo, motivacional” (SANTANA TALAVERA, 1997, p. 35), “motivacional-comportamental” (p. 36), “psicológicos, valores motivacionais, personalidade” (SANTANA TALAVERA; PINTO, 2008, p. 13), “cognitivo-normativo, tipologia motivacionais”. (SANTANA TALAVERA, 2009, p. 83).

excelência, como também por ser o referente de todo um simbolismo que conforma o *lugar turístico* no contexto mais amplo da sociedade, isto é, um espaço físico ordinário que é ativado para o turismo através de estímulos sensoriais e da manipulação do imaginário. (SANTANA TALAVERA; PINTO, 2008, p. 08).

Já o aspecto consequencial aborda os impactos resultantes das diferentes relações entre os envolvidos. Esses impactos incluem os “efectos primários”, ocasionados com “[...] el desarrollo inicial del turismo en un destino, como los rutinarios, que suceden lentamente en comparacion con los anteriores pero de manera mucho mas firme”. (SANTANA TALAVERA, 1997, p. 57). Nesse aspecto consequencial, os efeitos do turismo

[...] no son una consecuencia directa de una causa especifica (las variaciones en cualquier elemento del sistema puede influir a outro u otros de manera indirecta) y han de ser analizados como algo más que los resultados de un hecho turístico. (SANTANA TALAVERA, 1997, p. 57).

O último aspecto, observado neste estudo mais profundamente, é o teleológico.¹⁶ Para Santana Talavera (2003) e Santana Talavera e Pinto (2008), a teleologia do deslocamento turístico está ligada às motivações que fizeram o ser humano iniciar seu movimento. O que, afinal, motiva o turista a ir em busca de algo? E o que seria esse algo?

A aproximação do estudo do Turismo com a necessidade de busca de sentido pelo ser humano, apesar de não comumente relacionada, não é algo inédito. Aqui, destaca-se o entendimento de Graburn (1989, 2001, 2009) quando refere sobre a necessidade de busca do algo indefinido, que o turismo propõe-se a sanar, exatamente por ser o turismo “[...] a manifestação de uma necessidade de mudança, e que a mudança que o turista busca depende de quais das atrações turísticas

¹⁶ Como já referido na introdução, Santana Talavera e Pinto (2008, p. 8) utilizam o elemento “teleológico” como “**relativo às motivações do turista**”. Contudo, Zilles apresenta que, “em geral se entende por teleologia a ordenação da estrutura e função de um ser ao fim que constitui a consecução da plenitude que essencialmente lhe corresponde”. Em Husserl, a teleologia refere-se à estrutura finalista da consciência, que tende à plenitude de sentido, tanto na ordem teórica (conhecimento) como na ordem prática (valores, vontade). (ZILLES, 2003, p. 191). Neste caso, quando abordada, a Teleologia significa algo mais profundo que a motivação do turista. (SANTANA TALAVERA, 1997). Com o intuito de complementar a concepção logoterápica do Sentido – imbuído de espiritualidade, mas despido de matiz religiosa – Teleologia, aqui, é a “Plenitude de Sentido”, que contempla o aspecto espiritual e, também, o aspecto confessional-religioso, que criam e fomentam as ações intraculturais de hospitalidade de cada confissão religiosa.

identificadas irão satisfazer algo que não se encontra, inteiramente, em seu lar.”. (GRABURN, 2001, p. 49, tradução nossa).

Para a logoterapia, “a pessoa descobre sentido na sua vida sempre através da realização de valores. Três são os tipos de valores que, uma vez vivenciados e realizados, inundam a vida de sentido”. (JESUS, L., 2018, p. 43). O primeiro tipo de valor pode ser compreendido pelo **Sentido do Trabalho e Valores Criativos**, e estão relacionados àquilo que a “pessoa faz pelo mundo: o trabalho, as realizações, o voluntariado”. (JESUS, L., 2018, p. 43). O segundo tipo de valor proposto pela logoterapia, e apresentado por Jesus, L. (2018), encontra-se nos **Valores Vivenciais**, e se refere àquilo que “a pessoa acolhe do mundo: a arte, a música, a filosofia, a amizade, o amor” (JESUS, L., 2018, p. 43). O terceiro valor é apresentado pelo **Sofrimento e os Valores Atitudinais**:

Há certas circunstâncias na vida que não temos força para dirigir a vontade de sentido para fora de nós, realizando um valor criador que nos plenifique de sentido; e aquilo que o mundo nos oferece também não está bom, o valor vivenciado não está nos fazendo felizes, mas temos ainda uma forma de descobrir sentido nessas situações de sofrimento. Não podendo mudar as circunstâncias, está ao nosso alcance mudar nós mesmos. Chama-se a essa forma de encontrar sentido à realização de valores atitudinais, está nas minhas mãos ter uma atitude última diante da vida. O sofrimento faz parte da vida. (JESUS, L., 2018, p. 48).

A realização de valores permite ao ser humano direcionar um sentido para sua vida e significar uma razão para sua existência. Acompanham a reflexão dos valores Criativos, Vivenciais e Atitudinais proposições como o que, de fato, o ser humano faz pelo mundo; o que, realmente importa daquilo que o ser humano acolhe do mundo; e o que fazer quando a pessoa não pode mudar a realidade que a envolve. A Busca de Sentido, assim como a peregrinação, desafia o ente humano a trilhar um caminho de reflexão e descobertas. Um deslocamento físico, mas, sobretudo, um trajeto de ressignificação interior.

3.2 O sentido da hospitalidade na (re)construção da identidade humana

[...] o ser humano encontra no acolhimento aos outros um dos traços mais específicos da sua humanidade. A hospitalidade afirma a dependência da sua natureza e deriva da condição relacional que o caracteriza (ser com é uma das melhores definições do ser humano). E tudo isto porque os fundamentos do ser humano se encontram para além de si mesmo e porque os seus anseios o transportam para fora e até para longe de si. (CORREIA, 2014, p. 225).

A hospitalidade, por ser um fenômeno humano complexo e profundo, exige, para sua definição, uma densa reflexão acerca das relações humanas e suas motivações. Presente em todas as sociedades, culturas e religiões (CORREIA, 2014) a hospitalidade demanda um conjunto de ações e gestos positivos em relação ao outro, que qualifica as atitudes de acolhimento e as transforma em uma “atitude humana, e geradora de humanidade”. (CORREIA, 2014 p. 218).

[...] não deixamos de ensaiar uma aproximação ao conceito (identidade) e de tecer algumas considerações sobre a hospitalidade e as suas exigências ou aspectos: a relação, como expressão da alteridade, e a linguagem, como veículo de relação. É isto que faz dela uma atitude humana e geradora de humanidade. (CORREIA, 2014, p. 218).

O que difere nessas diversas relações humanas, então, é a dimensão e o alcance dessa mesma relação, que geralmente são potencializados, quando em grupos que compartilham as mesmas noções éticas, morais e de valores; e reduzidas, quando em grupos díspares que apenas coexistem territorialmente.

Essa correlação da hospitalidade, como uma atitude de acolhimento, atitude humana e geradora de humanidade, também é interpretada por Baptista (2005, p. 16), quando declara que “a noção de hospitalidade deve ser valorizada, sobretudo, a partir da sua dimensão ética”. Nesse caso, uma pessoa que não realiza ações de hospitalidade em sua essência passa a perder, aos poucos, a condição identitária da própria condição humana, tendo em vista que sua “experiência de relação” (BAPTISTA, 2005, p.15) identifica a própria construção da identidade e humanidade do ser.¹⁷ Percebe-se isso de forma mais evidente, quando se aborda a questão da hospitalidade como um fator identitário da própria crença, no momento em que a

¹⁷ Baptista (2002) discorre análise sobre a ética e a hospitalidade na leitura de Levinas em *Totalidade e infinito*. Desse encontro surge a concepção de hospitalidade como um “modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”. (BAPTISTA, 2002, p.157). Aborda a hospitalidade como um “acontecimento ético por excelência, devendo dizer respeito a todas as práticas de acolhimento e de civilidade que permitem tornar a cidade um lugar mais humano”. (BAPTISTA, 2002, p. 158).

acolhida e a hospitalidade refletem o testemunho coerente de uma determinada denominação religiosa.

A boa acolhida é a expressão da caridade eclesial, entendida em sua natureza profunda e em sua universalidade, inclui uma série de disposições que vão da hospitalidade à compreensão, à valorização, que é o pressuposto psicológico para o conhecimento recíproco e convivência pacífica e em harmonia. O acolhimento traduz-se, também, em testemunho cristão. (PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. 04 mai 1978, Lettera alle Conferenze Episcopali Chiesa e Mobilità Umana. In: Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo, 2009, p. 239, tradução nossa).

Ao encarar, então, a noção de hospitalidade a partir da dimensão ética e identitária do ser, compreendida na dimensão do *êthos* grego como a habitação do ser, ou a configuração da existência, busca-se em Amaral que

[...] a palavra *êthos*, da qual deriva ética, não significa somente ‘uso’ ou “costumes” como tradicionalmente lembram os estudos introdutórios aos compêndios de Ética. [...] *êthos* tem também uma outra etimologia, mais antiga, fundamental, e sugestiva “moradia”, “lugar onde se habita”. (AMARAL, 1997, p. 8).

Não é objetivo aqui discorrer sobre definições e conceitos acerca de ética e moral, apesar de esses entendimentos estarem proximamente relacionados à ideia da integralidade do ser humano e de sua construção identitária, que nele se faz presente. Basta, assim, a percepção de ética como “moradia e lugar onde se habita” (AMARAL, 1997, p. 8), já que evidencia ser valor humano, profundamente ligado à essência de ser, da pessoa. Em relação à moral, destaca-se a etimologia latina *moris*, cujo sentido aproxima-se do comportamento religioso, com a função de normatizar a conduta dos membros.

Tanto na questão ética, como no cumprimento moral, percebe-se que o tema da hospitalidade assume propriedades de manifestação direta na construção da identidade do ser e, assim, é reflexo da própria humanização do ente. Quem não age com hospitalidade, não deixa de ser *homo sapiens*, mas o ser, ao optar agir sem hospitalidade renuncia a um dos princípios básicos da sua condição, consciente, de ser humano. Zilles confirma esse pensamento ao apontar a necessidade da reinvenção do ser humano, em vista de torná-lo, efetivamente, mais humano:

[...] o ser humano deverá definir o valor e o sentido de sua existência. Talvez seja necessário reinventar o ser humano para torná-lo mais humano. Tudo isso faz com que hoje se torne impossível uma teoria do

conhecimento e uma epistemologia, sem mencionar a questão ética. (ZILLES, 2015, p. 13).

Assim, Zilles apresenta a questão ética como delimitadora para a compreensão do sentido da existência humana. Ao compreender a hospitalidade como uma questão ética do ser humano, torna-se a própria essência da hospitalidade um ato humanizador e identitário do ser. Correia apresenta esse ato humano – que agora carece de sentido para existir –, quando define seu entendimento sobre hospitalidade como uma

[...] categoria antropológica, um acto humano. E humanizador. Com sua dinâmica transformadora, torna-se os seus intérpretes mais humanos, na medida em que, fazendo passar do limbo da indiferença ao círculo da empatia gera relação e integração. (CORREIA, 2014, p. 220).

Essa afirmação de Correia (2014) encontra eco em Levinas quando manifesta que “o sentido de uma coisa está na sua relação com outra coisa”. (LEVINAS, 2017, p. 79). Nesse caso, apenas encontra-se o sentido, a significância da ação realizada, quando esta está intimamente relacionada a outra coisa que possua o real significado para a pessoa que realiza as ações. Dialoga-se, assim, que as ações intraculturais (SANTANA TALAVERA, 1997), na hospitalidade, estão arraigadas a um sentido pleno e, por isso, com um significado intangível e profundo para o realizador dos atos. Um sentido que o faz observar e buscar a sua própria humanidade através do transcendente, mas com a realização de gestos que o tornam mais humano, e que transformam “o limbo da indiferença ao círculo da empatia”. (CORREIA, 2014, p. 221). Há na hospitalidade “um dos traços fundamentais da forma de ser e estar”. (p. 221).

Paralelamente a isso, Correia também alerta:

Definir a hospitalidade como acto humano significara afirmar que o ser humano não oferece hospitalidade senão a outro ser humano? Entendemos que a hospitalidade é um acto humano, mas tem muitos outros destinatários, além do ser humano. (CORREIA, 2014, p. 220).

Há ciência de que, para a existência de um conjunto de atitudes humanas de acolhimento, é necessário um norteador moral que, ao menos, aproxime os agentes. Para tal, parece apropriado buscar em Santana Talavera (1997) o que ele apresenta como “ações intraculturais”. Essas ações intraculturais são um conjunto de ações representativas e significantes dos pertencentes a determinadas culturas, visto que

[...] las culturas varían también por acciones intraculturales, están vivas, y esto las desacraliza, haciendo hincapié no sólo en sus significaciones pasadas, en su historia, sino también en las acciones e intereses futuros de sus miembros. (SANTANA TALAVERA, 1997, p. 12).

Ter o ser humano como razão principal das atitudes de acolhimento, e ver nessas – inclusive – uma manifestação de sua condição humana, torna as atitudes de acolhimento e as ações de hospitalidade uma manifestação própria e identitária do ser humano e de sua cultura.

A hospitalidade era considerada pelos primeiros cristãos como um dever fundamental e uma das expressões mais autênticas da caridade. É considerada uma importante virtude humana e cristã, uma manifestação da vida comunitária, um direito inviolável do estrangeiro, um caminho para alcançar Deus, um presente que vem do céu, uma ocasião para fazer o bem e expiar os pecados. (PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Orientamenti per La Pastorale Del Turismo, 2001, p. 29, tradução nossa).

O pesquisador italiano *Carmin Di Sante* (2012) distingue a hospitalidade *recettiva* (receptiva) (DI SANTE, 2012, p. 13-56) e a hospitalidade *attiva* (oferecida) (p. 57-102) como dois focos de estudos importantes que caminham lado a lado, em trilhas próximas, mas distintas. De um lado o ser humano acolhido e, no outro lado, o ser humano acolhente. Optar por aprofundar o estudo de um não desmerece o outro, apenas pretende-se compreender o fenômeno da hospitalidade na ótica de um ator específico, que, nesse caso, é o agente *ativo* desse fenômeno, o humano acolhente.

Di Sante (2012, p. 83) apresenta cinco traços definidores do “Eu Hospitaleiro”, que delimitam quais as atitudes-chave que, em conjunto, deixariam de ser atitudes de acolhimento e seriam elevadas à categoria de hospitalidade. Seria hospitaleiro aquele que:

- a) “tem aberta a porta da própria casa” (p. 80);
- b) “dá as boas-vindas ao que chega, não o olhando como intruso” (p. 82);
- c) “dá conta do sofrimento do outro e de suas necessidades” (p. 83);
- d) “abre espaço para o outro, limitando o seu próprio” (p. 84);
- e) “o que dá aquilo que tem” (p. 85).

Ao elencar os cinco traços que definem o “Eu Hospitaleiro”, Di Sante (2012) propõe um direcionamento que pode ser utilizado para confirmar a existência de ações de hospitalidade, sem a necessidade de retorno ao debate conceitual sobre o

que seriam essas atitudes de acolhida que, qualificadas, tornam reais as ações de hospitalidade. Diante disso, é dessa forma que as ações intraculturais de hospitalidade são compreendidas neste estudo: atitudes inerentes à determinada cultura, não dogmáticas, repletas de significados passados e presentes que projetam um futuro que também ofereça significado aos seus membros. (SANTANA TALAVERA, 1997).

Da mesma forma, as atitudes do “Eu Hospitaleiro” (DI SANTE, 2012) responde à parte das propostas levantadas nas obras de Frankl (2003, 2007, 2014a) e em Jesus, L. (2018), acerca dos Valores Criativos, Vivenciais, e Atitudinais. Ao adaptá-las para a realidade do sujeito vinculado ao fenômeno do turismo e das peregrinações, através das atitudes de acolhida e ações de hospitalidade, pode-se perceber esses valores da seguinte forma:

O **Sentido do Trabalho e Valores Criativos** são encontrados nas atitudes de acolhimento; ações de hospitalidade; no desprendimento; na tolerância, e na própria atuação desenvolvida durante a realização do deslocamento turístico. Esses atos permitem que a pessoa encontre um sentido para sua existência, no contato com o outro e pela empatia gerada na relação, sendo esse outro o turista, peregrino ou autóctone. É aquilo que o ser humano faz pelo mundo. “O ser humano dirige a vontade de sentido para fora de si, se autotranscendendo, e realiza um valor criador, criativo, que enche sua vida de sentido”. (JESUS, L., 2018, p. 45). Isso porque, “saindo de si, gratuitamente, realizam um valor criador capaz de dar muito sentido” à sua vida. (JESUS, L., 2018, p. 45).

Os **Valores Vivenciais** são percebidos no momento da vivência da peregrinação como uma experiência religiosa; guiada pela doutrina da Instituição, permite experienciar o ensinado por ela. Vivenciar e promover a experiência da relação contribui para que a pessoa encontre um sentido para sua vida, através do turismo e das peregrinações. Aquilo que o ser humano acolhe do mundo.

O **Sofrimento e os Valores Atitudinais** ocorrem quando o sofrimento, a dor ou doença são tão fortes para a pessoa que a forma de encontrar um significado é buscada na instituição religiosa que oferece/recebe a peregrinação. O significado para que o inevitável sofrimento não seja em vão passa pela vivência de seu sentido, proposto pelos ditames da peregrinação. É quando o ser humano não consegue mudar a realidade exterior, mas pode mudar a si mesmo. A descoberta de um sentido, através das situações inevitáveis do sofrimento, não retira esse mesmo

sofrimento da vida humana, mas tende a dar um significado para essa existência. O convite para uma reconfiguração interior, e a proposta de uma mudança, na maneira de encarar as situações de sofrimento, propiciam a compreensão de significados que, se não explicam sua existência, ao menos auxiliam a ultrapassá-los.

O proposto como atitudes para a existência do “Eu Hospitaleiro” (DI SANTE, 2012) também encontra razoabilidade ao ser analisado após reflexão de Zilles (2015, p. 13): “[...] o ser humano deverá definir o valor e o sentido de sua existência. Talvez seja necessário reinventar o ser humano para torná-lo mais humano.” Igualmente, é admissível após ponderação de Correia (2014, p. 218) “[...] a relação, como expressão da alteridade, e a linguagem, como veículo de relação. É isto que faz dela uma atitude humana e geradora de humanidade.” De igual forma, percebe-se que as ideias de Di Sante também encontram plausibilidade em Baptista:

Não uma hospitalidade convencional ou artificial, reduzida a um ritual de comércio e falsa cortesia, mas uma hospitalidade ancorada no carinho e na sensibilidade que só podem ser dados por outra pessoa. Assim, é imperativo investir, por exemplo, na qualidade relacional dos espaços ditos como creches, hospitais, escolas e outras instituições sociais. Situados entre o público e o privado, estes espaços constituem lugares de eleição para a mediação humana e, nessa medida, para a promoção dos valores necessários à vida em comum. (BAPTISTA, 2002, p. 162-163).

Nesta premissa, dos “lugares de hospitalidade” (BAPTISTA, 2002), e também do “elemento estático” proposto por Santana Talavera (1997, 2003) e Santana Talavera e Pinto (2008), apresenta-se, como objeto de estudo deste, o Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Portugal, como lugar de hospitalidade que foge do “convencional ou artificial reduzido a um ritual de comércio e falsa cortesia” (BAPTISTA, 2002, p. 162) que é, ou deseja ser, “ancorada no carinho e na sensibilidade” (p. 162); situado “entre o público e o privado” (p. 163), constitui lugar “de eleição para a mediação humana e, nessa medida, para a promoção dos valores necessários à vida em comum”. (p. 163).

O local é um “destino turístico em si mesmo” (SANTANA TALAVERA; PINTO, 2008, p. 8) e apresenta uma “instância privilegiada de investigação” (p. 8). Também, por ser um “espaço físico ordinário, é ativado para o turismo através dos estímulos sensoriais e da manipulação do imaginário” (p. 8). Existe nele a “demonstracion, el choque de culturas y la aculturacion, los niveles de desarrollo, simbologia de los espacios, etc.” (SANTANA TALAVERA, 1997, p. 53).

3.3 A essência do turismo religioso: o ordenamento¹⁸ do catolicismo para o turismo e a natureza mística das peregrinações

Podemos dizer que, efetivamente, o turista religioso anda à procura do sagrado, mas incorporando um olhar turístico. (SOLLA, 2010, p. 185).

A literatura existente no Brasil sobre turismo religioso possui a particularidade de não aprofundar a raiz religiosa do movimento turístico. Embora não sendo uma literatura reduzida – quando comparada a outros nichos de turismo –, ela é apresentada, sobretudo, pelos aspectos sociais e econômicos do destino turístico e pelo matiz ideológico dos autores. Quando comparada aos autores de língua inglesa, como Coleman (2002); Robichaud (1999); Turner e Turner (2011); Graburn (1989; 2001; 2009); Rinschede (1992); Cohen (1992; 1998); Smith e Brent (2001); Sharpley e Sundaram (2005) e Heath (2011); do idioma espanhol, como Torres *et al.* (2017); Serralonga e Hakobyan (2011) e Solla (2010); ou nos escritos portugueses de Santos (2000); Ambrósio (2000) e Neves (2010), percebe-se a distância existente entre abordar o turismo religioso apenas no enfoque do turismo, ou quando busca-se compreender a realidade da religião, tanto quanto emissora quanto receptora de turistas. (DE JESUS, E., 2018).

Outros autores brasileiros¹⁹ poderiam ser utilizados como referência para ilustrar essa observação. Como critério por ser constantemente utilizado em referências bibliográficas em artigos e teses sobre esse tema no Brasil, utiliza-se Oliveira (2004). Para ele, o posicionamento em que há identificação da raiz religiosa no turismo religioso deve ser totalmente repelido.

Pouco importam as especificidades oficiais que obrigam, regulam ou conduzem a prática da peregrinação – e da aceitação do turismo religioso – no interior de uma religião (um sistema oficial de crenças, uma confissão). Devemos observar, acima de tudo, os vínculos culturais do peregrino, no contexto de uma sociedade contemporânea, em diferenciados graus de mutação. Dessa forma, identificar o turismo religioso com os dogmas religiosos é quase juntar água com óleo! (OLIVEIRA, 2004, p. 17).

Um estudo que pretende abordar a essência do ser em peregrinação e ignora os ditames que fazem parte dessa complexa mobilidade da instituição

¹⁸ Doutrina manifesta através de seus representantes oficiais. Posicionamentos do Papa, Conselhos Pontifícios, Santuário de Fátima e pessoas que, pelo cargo que ocupam, estão autorizadas a se manifestarem pela Igreja Católica, em determinado assunto e/ou local de jurisdição.

¹⁹ Exemplifica-se com Rosendhal (1998); Cavalcante (1998); Hartmann (1998); Costa (1998).

religiosa a que o peregrino e a peregrinação fazem parte não atinge o aspecto humano que o próprio estudo se dispõe a abordar. Comparar as especificidades oficiais que regulam a peregrinação com os dogmas da instituição - para justificar a separação da religião do turismo religioso – demonstra a existência de diferentes interpretações sobre o que, de fato, são dogmas e o que são orientações sobre a utilização do espaço-sagrado-católico para o turismo e para as peregrinações. Como não é esse o objetivo desta pesquisa o estudo dos dogmas, basta recordar Bento XVI a respeito da utilização dos espaços sagrados por turistas, e que não existiria turismo religioso, se não houvesse o matiz religioso.

É importante cuidar do acolhimento e organizar as visitas turísticas sempre dentro do respeito devido ao lugar sagrado e à função litúrgica que foi, e continua a ser, o destino principal para que nasceram muitas destas obras. (BENTO XVI, Discurso no VII Congresso Mundial da Pastoral do Turismo, 18 de abril de 2012).

A intensidade dessa motivação religiosa pode ser discutida, mas se as singularidades religiosas existem, elas devem ser encaradas nos estudos sobre esse deslocamento. Dias (2003), diferentemente de Oliveira (2004), defende que uma leve aproximação seja iniciada, mas ainda muito aquém da ideia de um deslocamento que tem em seu viés a fundante religiosa. Para Dias, o turismo religioso é

[...] aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participações em eventos de caráter religioso. Compreende romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas. O turismo religioso exige [...] uma abordagem interdisciplinar, que controle seus aspectos econômicos, sociais, espaciais e culturais envolvidos. (DIAS, 2003, p. 17).

Ainda que não abordando as especificidades da religião, Dias abre possibilidade para a existência das motivações religiosas no deslocamento turístico. Em virtude dessa teleologia não se apresentar de forma tangível, é necessário entender quais poderiam ser as já referidas motivações de ordem religiosa no turismo, pelo entendimento da própria instituição religiosa.²⁰ Solla (2010) desenvolve

²⁰ Nesse quesito Ambrósio (2000) relata a publicação, em 1966, pela IUOTTO, atual WTO, de uma coletânea de documentos da Igreja Católica “visando a inter-relação entre Turismo e Religião” (p. 59), chamada *The Catholic Church and Tourism*, mas não a desenvolve. Dias (2003) também não aprofunda esse tema; Hartmann (1998) apenas cita a existência de uma “Pastoral do Turismo” (p. 173), sem entrar no mérito de seu conteúdo; Schneider e Santos (2013) e Schvarstzhaupt (2018) abordam sobre a existência de uma “Pastoral do Turismo”, mas também não a aprofundam, que é apresentada mais detalhadamente em De Jesus, E. (2012, 2014, 2018).

pensamento mais apropriado para guiar o conceito de turismo religioso neste trabalho, com sua concepção religiosa do deslocamento como algo elementar e inseparável do contexto da instituição religiosa à qual o deslocamento se aplica.

Podemos dizer que, efectivamente, o turista religioso anda à procura do sagrado, mas incorporando um olhar turístico. [...] a intensidade desse olhar é variável, mas está quase sempre presente e, mais ainda, está a ser reforçada de forma consciente, quer pelas administrações públicas, quer pelos sectores religiosos. (SOLLA, 2010, p. 185).

Ainda em Solla, o que se discute nesse caso é “[...] se uma pessoa que se desloca a um local de culto ou sagrado por motivações profundamente religiosas é ou não é um turista. Para muitos autores estaríamos diante de um peregrino”. (SOLLA, 2010, p. 179). No momento em que se passa a considerar as motivações profundamente religiosas do ser humano, cria-se um impasse: Como medir a intensidade dessa teleologia motivacional, se isso é algo intrínseco e extremamente pessoal? Turner e Turner afirmam que “o que é secreto na peregrinação cristã, então, é o movimento interior do coração” (TURNER; TURNER, 2011, p. 8, tradução nossa) e, sendo assim, não é possível quantificar o tamanho nem a intensidade da fé e da crença daquele que se desloca em turismo e/ou peregrinação. Contudo, alguns fatores podem auxiliar para a compreensão e amplitude dessa motivação, que é a observação das ações daqueles agentes diretamente envolvidos nos atos:

[...] o centro da questão é a intensidade do sentimento religioso e como o mesmo condiciona os comportamentos, num caso mais próximos dos de um turista-padrão de motivação cultural e, no outro, mais ligados exclusivamente à religião. (SOLLA, 2010, p. 179).

Ao abordar sobre a intensidade do sentimento religioso como fator balizador para a compreensão do ser turista e ser peregrino, Solla (2010) delega ao fator intangível a responsabilidade da quantificação entre determinados perfis de viajantes. Em raciocínio que aprofunda reflexão sobre as proximidades e diferenças entre turista e peregrino, Mendonça pondera:

O turista e o peregrino têm mais em comum do que se possa parecer. Um pelo caminho do lazer, outro pela volta do sagrado: é, contudo, um impulso antropológico semelhante que os move. O peregrino conserva alguma coisa do turista. A peregrinação também é uma forma de viagem. Na prova real da deambulação pelo espaço, o peregrino busca, também ele, uma visão. Com uma diferença qualitativa: a natureza dessa visão é interior. Não se trata simplesmente de ver mundo, mas de dentro e para lá do mundo, tateando um sentido, uma luz, um encontro, uma revelação. (MENDONÇA, 2011, p. 217).

Nesse contexto, os santuários possuem uma missão de acolher e resgatar tanto a fé dos visitantes como a crença deles num sentido para a própria vida, ainda e apesar de dificuldades e sofrimentos cotidianos oriundos da própria existência humana. O turismo, visto como aquele que mobiliza e fomenta a própria comunidade religiosa, seja pela pastoral do turismo, seja pelas atividades próprias da comunidade, acolhe o turista incorporando-o e tratando-o como igual; coloca os agentes lado a lado nas comunidades emissoras e receptoras; oferece uma possibilidade de encontro físico e espiritual na busca intangível por um sentido da vida, através dos gestos concretos de hospitalidade dos envolvidos no deslocamento religioso.

Desde 1952 (DE JESUS, E., 2012, 2014, 2018)²¹ a Santa Sé dedica importantes manifestações sobre o tema turismo, ora aproximando esse deslocamento para fins espirituais e busca de sentido, ora utilizando-o como um meio de buscar maior justiça e desenvolvimento entre os indivíduos e as localidades. Em uma dessas abordagens, Pio XII (1952) apresenta, como umas das vantagens relevantes, que

[...] o turismo busca é o refinamento dos sentidos, a amplitude do espírito, o enriquecimento de experiências. Vê-se, ouve-se, observa-se muitas coisas, que, na natureza, na arte, nos costumes regionais ou nas tradições locais, podiam, em um primeiro momento, parecer estranhas, para não dizer irritantes ou ridículas, não aparecem mais do que apenas diferentes, e, pelo contrário, frequentemente, compreensíveis, e, às vezes, muito sábias. (PIO XII, *La Nozione Cristiana del Turismo*, 30/03/1952, tradução nossa).

A proposta de trabalhar esse item implica a leitura e explicitação dos textos e discursos que compõem os documentos sobre Turismo e Peregrinações, bem como das manifestações papais sobre o mesmo tema. São profusas as publicações oficiais sobre os tópicos do turismo e da hospitalidade por parte da Igreja Católica, que poderiam ser abordadas aqui.²² O discurso do Papa Pio XII é um dos que

²¹ De Jesus E. (2012, 2014) apresenta as manifestações dos papas, em ordem cronológica, e dos principais documentos oriundos da Santa Sé. O primeiro documento sobre Turismo foi o discurso de Pio XII '*La Nozione Cristiana del Turismo*', de 30/03/1952. O principal documento sobre Turismo elaborado pela Santa Sé é o *Direttorio Generale Peregrinans in Terra*, de 1969. No ano de 1970, é criado no organograma da Santa Sé a Pastoral do Turismo, existente até hoje. Aqui, prioriza-se o retratado a respeito do sentido do turismo, das peregrinações e da hospitalidade, pronunciadas de forma oficial tanto pelos papas como pelos órgãos oficiais da Santa Sé, em discursos, livros e/ou anais de congressos.

²² Cita-se como exemplo: Mensagens para o Dia Mundial do Turismo de 1980 a 2018; *Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla Pastorale del Turismo* (2009); Anais dos Congressos Mundial da Pastoral do Turismo (1º em 1978 ao 7º em 2012); Anais dos Congressos Latino-Americanos da Pastoral do Turismo; Anais dos Congressos Mundial de Pastoral de Peregrinações

merecem destaque, pois foi o primeiro a utilizar o termo *turismo* num discurso papal. Isso basta para transformar-se em história, mas é necessário aprofundar o significado do texto e compreender como, naquele momento histórico, o turismo era gestado. Naquele entendimento, o turismo permitia o “refinamento dos sentidos, a amplitude do espírito”. (PIO XII, 30/03/1952, tradução nossa). O tema do Turismo passa a ser debatido pela Santa Sé como uma forma de melhor compreensão entre os povos em deslocamento.

O papa seguinte, João XXIII,²³ passa a observar a diferenciação dos segmentos do turismo, e acompanha a necessidade de uma melhor preparação e formação daqueles que trabalham com o turismo, para que essas segmentações fossem respeitadas no aspecto religioso, quando se tratasse de locais sagrados para as religiões, como os santuários.

A praia do mar é uma coisa; as ruínas dos monumentos antigos uma outra; mas o santuário, os lugares santificados pela memória dos Santos exigem uma preparação, um comportamento, um espírito que denote educação, respeito, correspondência de sensibilidade interior. (JOÃO XXIII, Discorso ai partecipanti alle celebrazioni del Centro Turistico Giovanile, 1961, tradução nossa).

Percebe-se uma clara distinção, na visão de João XXIII, entre locais de turismo e locais em que o turismo é meio para algo com um significado maior. Com uma mais profunda percepção entre os deslocamentos do turismo e aqueles locais sagrados em que os visitantes rumam em peregrinação, João Paulo II ²⁴ apresenta:

[...] a peregrinação é uma experiência fundamental e fundante na condição do “homo viator”, homem caminho da Fonte de todo o bem e do seu cumprimento. Pondo todo o seu ser em caminho, seu corpo, seu coração e sua inteligência, o homem descobre-se buscador de Deus e peregrino do Eterno” (JOÃO PAULO II, Discorso ai partecipanti al I Congresso Mondiale della Pastorale dei Santuari e dei Pellegrinaggi, 1992, tradução nossa).

e Santuários; *Chiesa e mobilità umana: documenti della Santa Sede dal 1883 al 1983* (1985); *Migrazioni e accoglienza nella Sacra Scrittura: senza frontiere* (1987b); *Direttorio Generale Peregrinans in Terra: per la pastoral del turismo* (1969); *Orientamenti per La Pastorale del Turismo* (2001); entre outros também citados nas referências.

²³ Canonizado como santo da Igreja Católica em 27 de abril de 2014, na Praça São Pedro, pelo Papa Francisco.

²⁴ Canonizado como santo da Igreja Católica em 27 de abril de 2014, na Praça São Pedro, em Roma, pelo Papa Francisco.

Ao apresentar o turismo como uma experiência que entende o homem como um ser buscador de Deus, João Paulo II significa o deslocamento existente e o demonstra possuidor de nuances que o movimento turístico normalmente realizado não contempla em sua plenitude. O Papa, por perceber essa dualidade, reflete, no II Congresso Mundial do Turismo, em 1979a:

A Igreja deve aprofundar sem descanso a realidade crescente e continuamente mutável do turismo. Com simpatia e lucidez é preciso ir mais longe no conhecimento dos aspectos econômicos, políticos, sociológicos e psicossociológicos do turismo atual, se quereis participar de maneira racional e competente na promoção dos verdadeiros valores do turismo, e dar autoridade, pouco a pouco na opinião pública, a uma ética do turismo. Porque o turismo é feito para o homem e não o homem para o turismo. A vossa tarefa exige tanto tato como coragem e perseverança. Mas que felicidade contribuir para libertar este mundo novo do turismo das suas ambiguidades numerosas para lhe dar o seu aspecto humano e cristão. (JOÃO PAULO II, Discorso ai partecipanti al II Congresso Mondiale sulla pastorale del turismo, 1979a, tradução nossa).

Para aprofundar esses aspectos econômicos, políticos e psicossociológicos do turismo, tendo como norte um turismo ético, e que considere os valores cristãos entre aqueles agentes envolvidos, João Paulo II dedica especial atenção ao tema da formação acadêmica e o trabalho adequado entre os envolvidos. João Paulo II (1979a) o trata com seriedade e apresenta:

[...] o desejo é que certas universidades católicas se preocupem – antes que seja tarde demais – em dar esta formação apropriada a todos os que têm bons desejos de se comprometer, permanente ou temporariamente, na pastoral do turismo. [...]. Esta formação indispensável e esta ação combinada de todos os responsáveis turísticos são o caminho necessário para despertar e desenvolver no meio turístico uma mentalidade individual e coletiva, feita de respeito, de acolhimento, de hospitalidade, de confiança, de honestidade, de serviço, de intercâmbios profundos e mesmo de realizações comuns. Assim, os que organizam o turismo, os que dele vivem, e os próprios turistas tornar-se-ão aquilo que devem ser, no plano humano primeiramente e, para os que são cristãos, no plano da fé. (JOÃO PAULO II, Discorso ai partecipanti al II Congresso Mondiale sulla pastorale del turismo, 1979a, tradução nossa).

E ainda retoma, três anos após, na sede da Organização Mundial do Turismo – único discurso até então de um papa na sede da OMT – a preocupação com a formação e com o desenvolvimento social e moral, tanto dos turistas quanto dos agentes envolvidos, e daqueles que oferecem a hospitalidade no mundo do turismo. Para João Paulo II existe a

[...] necessidade de uma formação adequada tanto do turista como dos operadores turísticos em cuja honestidade e capacidade se confia, assim como daquele que oferece a hospitalidade. Como todo o desenvolvimento social, também o do turismo, nas suas diversas formas, exige um desenvolvimento proporcional da vida moral. (JOÃO PAULO II, Discorso all'Organizzazione Mondiale del Turismo, Madrid, 02/11/1982, tradução nossa).

A preocupação com a formação moral dos envolvidos no turismo é recorrente por parte da Santa Sé. Já em 1969, o documento *Peregrinans in Terra* apresenta esse receio e alerta, inclusive, sobre o abuso da hospitalidade oferecida como um dos riscos do turismo, quando realizada por pessoas que interpretam esse deslocamento de forma equivocada. A Santa Sé esclarece:

[...] quando o homem carece de uma formação moral sólida, ao praticar o turismo, ele pode se tornar um viajante distraído, perdido, apressado, um escravo dos poderosos meios que lhe são disponibilizados pelo crescente progresso técnico, superficial, incapaz de diálogo humano, desatento às belezas da natureza e à riqueza da obra do homem, procurador insaciável de prazeres e experiências más, até ao abuso da hospitalidade que lhe é oferecida. (PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Direttorio Generale *Peregrinans in Terra*: per la pastorale del turismo, 30 abr 1969. In: Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo, 2009, p. 220, tradução nossa).

E, ainda no próprio documento pontifício, alerta sobre a necessidade de “ensinar que o diálogo falho ou descuidado com os turistas e agentes turísticos – sobretudo com os que são pouco praticantes – não é menos grave que o oferecimento de uma hospitalidade medíocre”. (PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Direttorio Generale *Peregrinans in Terra*: per la pastorale del turismo, 30 abr 1969. In: Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo, 2009, p. 223).

Para isso, João Paulo II, em 1986, apresenta o turismo como portador de (e que busca) valores, sendo, então, meio de resposta às ansiedades do espírito que cada ser humano pode obter, quando realiza esse tipo de deslocamento. Nessa compreensão, entende-se o turismo como algo maior do que as simples fruições consumistas, que tornam a viagem um deslocamento sem um sentido amplo, que contemple aspectos mais nobres do ser humano.

O turismo é, sim, um fenômeno geral, que é também portador e que busca valores: a industrialização, a automação, o progresso pode e deve dar aos homens uma maior disponibilidade de tempo para o repouso, a recreação, a cultura e o diálogo, o divertimento, a meditação, a oração. Verifica-se, além disso, uma crescente exigência de um turismo cultural, especialmente, entre

as jovens gerações. A Igreja ouve e segue estas novas exigências do espírito e convida a todos exprimir novas formas de turismo, capazes de satisfazer exigências interiores – além das simples fruições consumistas – ao contato com a natureza na sua primitiva beleza e com culturas diferentes. (JOÃO PAULO II, Discurso alla cittadinanza di Courmayeur, 1986, tradução nossa).

Nesse diapasão, aceitar o deslocamento turístico como fator que possa propiciar algo, também, no aspecto espiritual do ser humano, é condição *sine qua non* para aprofundar, nos estudos da doutrina católica, as discussões sobre a peregrinação como um deslocamento que busca um aspecto espiritual e transcendente – de forma consciente ou inconsciente, e possuidor de um sentido mais amplo – do que o Turismo apresenta. Se o deslocamento turístico é compreendido pela Igreja Católica como um meio para algo revestido de maior significado, ele não é entendido como o único deslocamento que merece ser observado mais atentamente. Se os debates conceituais na academia sobre conceitos e definições do turismo é amplo, para a Igreja esse debate é complementar ao que a instituição defende como um deslocamento em busca de algo com sentido: as peregrinações.

Nesta época de progresso do turismo, os católicos devem ajudar-se uns aos outros a conservar ou recuperar o sentido profundo das peregrinações, que é interrupção exigente da vida habitual, renovação espiritual séria, experiência de vida cristã, nova aliança com Cristo Salvador e retomada de responsabilidades eclesiais. A viagem cultural, que tem o seu valor e o seu lugar, é uma coisa. A peregrinação é outra coisa. Dizei-o aos irmãos cristãos e ajudai-os a tornarem-se também eles verdadeiros peregrinos. (JOÃO PAULO II, Discurso a uma peregrinação do Senegal, 1979b, tradução nossa).

Já a natureza mística²⁵ das peregrinações compreende a aceitação do acesso ao transcendente proposto pela instituição religiosa à qual a peregrinação

²⁵ A ideia do místico aqui apresentada remete à compreensão de Mendonça (2016, p. 31). “Por isso, se me fosse dado um instante, apenas um instante para explicar o significado de mística, a frase de Michel Certeau seria perfeita: ‘É místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar’. Sei que a frase pode parecer, pelo seu radical minimalismo [...]. Ora, na frase ‘É místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar’, identifico de início uma extraordinária qualidade: não exclui ninguém, testemunha como a mística diz respeito a todos, é literalmente universal. [...] O místico é aquele que não pode deixar de caminhar. Seguro daquilo que lhe falta, percebe que cada lugar por onde passa é ainda provisório e que a demanda continua. Não pode ser só isso. E essa espécie de excesso que é o seu desejo o faz ir além, atravessar e perder os lugares.” E ainda: “A mística, entendida como experiência integral da vida, desafia-nos a uma nova composição onde os opostos (matéria e espírito, corpo e alma, razão e sentimento, logos e mito, prosa e poesia) são reconhecidos e mantidos conjuntamente em harmonia. A ideia não é negá-los nem reconduzi-los a uma unidade amalgamada.” (MENDONÇA, 2016, p. 33).

teve origem,²⁶ com o deslocamento físico e territorial que a ela pertence. Dessa forma, a reflexão das necessidades dos peregrinos, observadas por aqueles que, em virtude do seu trabalho, convivem diariamente com o fluxo de peregrinos em um santuário, deve ser observada e estudada mais profundamente. Baptista aborda:

As mudanças que se têm registado nos últimos anos, resultantes de factores sociológicos, materiais e espirituais, têm consequências no perfil de peregrino que nos chega ao local de acolhimento. Nesta medida, seria interessante, para além dos dados estatísticos que aqui se registam, reflectisse sobre os aspectos antropológicos das peregrinações. (BAPTISTA, 2007, p. 119).

O aspecto antropológico, nesse caso, poderia ser chamado de *interior*, no momento em que se compreende a peregrinação, em si, como um “misticismo exteriorizado” (TURNER; TURNER, 2011, p. 7)²⁷, *continuum*, tendo em conta que: “A peregrinação não tem propriamente um fim: tem uma extraordinária finalidade”. (MENDONÇA, 2012, p. 102). Essa finalidade, manifesta em Mendonça (2012), torna-se evidente quando se encontra a mística teleológica que orienta os agentes das peregrinações (os que se deslocam e os que recebem) para manifestarem atitudes coerentes com a crença que os colocam nesse movimento.

De sua parte, a comunidade cristã deve sentir-se responsável nos confrontos de todos os que nela, por causa do turismo, vêm inserir-se, ainda que temporariamente, seja qual for a sua cultura ou religião. A comunidade deve, pois, acolhê-los com senso de ativa hospitalidade e oferecer-lhes um coerente testemunho de fé e caridade. (PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Direttorio Generale Peregrinans in Terra: per la pastorale del turismo, 30 abr 1969. In: Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo, 2009, p. 218, tradução nossa).²⁸

Turner e Turner (2011) constatam que as peregrinações são: “[...] uma forma de instituição, não têm muita preeminência antes da emergência das maiores religiões históricas – Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Cristianismo e Islã”. E acrescentam: “Tendo visto a importância que ela tem no funcionamento de tais religiões, tanto quantitativa quanto qualitativamente, peregrinações têm sido surpreendentemente negligenciadas por historiadores e cientistas sociais.”

²⁶ E que o turismo religioso não necessariamente contempla em sua totalidade.

²⁷ “Se o misticismo é uma peregrinação interior, a peregrinação é um misticismo exteriorizado.” (TURNER; TURNER, 2011, p. 7)

²⁸ Documento original em Latim. Tradução própria da versão italiana em todas as citações do documento *Peregrinans in Terra* neste estudo.

(TURNER; TURNER, 2011, p. 1, tradução nossa). Esses autores chamam a atenção sobre a forma negligenciada como o tema das peregrinações tem sido tratado pelos cientistas sociais. Essa negligência pode ser interpretada, também, pela ausência de materiais que buscam, nas instituições religiosas, os preceitos que constituem o deslocamento das peregrinações. Após essa constatação de Turner e Turner, em 1978, alguns autores apresentaram²⁹ consideráveis tentativas de aproximação entre o turismo, as peregrinações e os fatores motivacionais presentes nesse processo. Para Turner e Turner (2011) o peregrino é caracterizado como um “sujeito do ritual, individual ou em grupo [...] tem direitos e obrigações de uma estrutura clara e definida, e deve se comportar de acordo com as normas e a ética dos padrões ao seu novo estado”. (TURNER; TURNER, 2011, p. 1, tradução nossa). Graburn (2001) entende que esse sujeito do ritual necessita de rituais de preparação para uma melhor compreensão e vivência da própria peregrinação em si. Para ele,

[...] ir em peregrinação tem efeitos importantes sobre a vida do viajante fora do tempo gasto viajando. Da mesma forma que existem rituais de preparação, limpeza, troca de roupas, talvez colocando perfumes, ou entrando no estado de espírito certo antes de realizar certos ritos religiosos, como peregrinações, sacrifícios ou comunhão cristã, para o turista e os viajantes há rituais de preparação. (GRABURN, 2001, p. 46, tradução nossa).

Mendonça (2012) aprofunda a ideia de peregrinação, aproximando com a finalidade e seus objetivos profundamente existenciais e religiosos.

Quando se faz uma peregrinação, muitas vezes nos interrogamos onde é que ela termina, porque umas das coisas que se experimenta é que, à medida que caminhamos, a realidade torna-se mais aberta. Quando o peregrino chega a perceber no seu coração, então, é que começa verdadeiramente. A peregrinação não tem um fim: tem uma extraordinária finalidade. (MENDONÇA, 2012, p. 102).

Assim, Mendonça (2012, p. 102) ressalta o ato do peregrinar entre o deslocamento físico ocorrido, e a ação que esse deslocamento realiza no “coração” do indivíduo, tornando a busca do transcendente uma, ou a finalidade da peregrinação. Esse intangível transcendente, buscado nas peregrinações, é apresentado de acordo com as orientações de cada instituição religiosa promotora do espaço sagrado que recebe os ditos peregrinos. Nesse intuito, aborda-se o espaço de um destino católico e, para tal, é preciso pesquisar nos documentos

²⁹ Graburn (1989, 2001, 2009); Rinschede (1992); Steil (2002, 2003, 2018); Santos (2010); Solla (2010); Mendonça (2012).

dessa instituição, o que pode oferecer a compreensão dos seus reais significados quanto as significâncias da peregrinação em si.

¿Qué es lo que mueve a peregrinar al hombre y la mujer de hoy? ¿Qué buscan? Me atrevería a decir que, en el fondo, esperan hallar una respuesta a sus interrogantes, una explicación a sus sufrimientos y a sus gozos, un sentido a sus vidas, una fuerza que sostenga sus pasos. Buscan, fundamentalmente, la verdadera felicidad que anhelan sus corazones, con la esperanza de poder un día encontrarla. Quizá la peregrinación que inician esconde un deseo de volver a Dios, una búsqueda de renovación y de reconciliación. Por ello, el camino exterior no es más que reflejo de un camino interior. El peregrino sale de su vida ordinaria y marcha a otro lugar para, aun, pareciendo una paradoja, buscar sentido a esa cotidianidad, al lugar habitual. Pero él ya no es el mismo. Seguramente muchas cosas han cambiado en lo profundo de su corazón. (VEGLIÓ, 2011, p. 17).

Para tal, Veglió³⁰ (2011) expõe reflexão no II Congresso Mundial da Pastoral dos Peregrinos e dos Santuários, em Santiago de Compostela, e aborda singularidades dos aspectos intrínsecos dos peregrinos aos santuários. Destaca-se a esperança, o sofrimento, a alegria, o sentimento de fracasso e, inclusive, àqueles que, ainda que de forma inconsciente, buscam sentido à própria vida. Essas características, então, diferenciam os peregrinos dos turistas naquele espaço físico dos santuários, e clarificam a teleologia do viajante em sintonia com o oferecimento da hospitalidade singular e própria da Igreja Católica aos peregrinos.

Quien peregrina o visita un santuario, tantas veces lo hace en unas circunstancias vitales singularmente particulares de esperanza, de sufrimiento profundo, de gozo, de fracaso, de agradecimiento, de preocupación, de incerteza, de fragilidad. Otros, aun, sin saberlo, pueden ir buscando un sentido a sus vidas [...] Estas experiencias, cuando son profundizadas, le ponen al descubierto lo interrogantes más acuciantes de su existencia. La persona necesita explicarse la realidad, dotar de significado a su vida cotidiana. Con su actitud de búsqueda, el peregrino manifiesta que desconoce la respuesta a sus interrogantes más profundos, y que su corazón se siente insatisfecho con las respuestas encontradas. Pero al mismo tiempo también muestra su voluntad de encontrarla. (VEGLIÓ, 2011, p. 23).

Em carta, neste já referido congresso, Bento XVI reforça características que devem acompanhar o peregrino católico, apresentando diretrizes tanto de ordem do agente receptivo quanto das ações dos peregrinos. Aos gestores desses espaços, ressalta o acolhimento que dá destaque à dignidade e beleza do local e, também, pede que sejam observados os momentos e espaços de oração, tanto pessoais

³⁰ Cardeal, presidente do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/s_index_members-staff/rc_pc_migrants_members_it.html. Acesso em nov 2018.

como comunitários, com atenção às práticas de piedade. Reforça que, no ambiente católico, deve haver a disponibilização aos fiéis das ações próprias e fundantes da fé, como oferecer o atendimento adequado para os peregrinos que desejam momentos de confissão e, também, da celebração eucarística, por ser essa a atividade principal que ocorre no interior de um santuário.

[...] com grande esmero, o acolhimento dos peregrinos, dando o justo destaque, nomeadamente, à dignidade e beleza do santuário, [...] aos momentos e espaços de oração, tanto pessoais como comunitários; à atenção às práticas de piedade. [...] os santuários hão de ser faróis de caridade, incessantemente dedicados aos mais desfavorecidos mediante obras concretas de solidariedade e misericórdia e uma constante disponibilidade para escutar. Há que favorecer também o acesso dos fiéis ao sacramento da Reconciliação, consentindo-lhes participar dignamente na celebração eucarística, de tal modo que esta possa ser o centro e o cume de toda ação pastoral dos santuários. Tornar-se-á assim manifesto que a Eucaristia é, sem dúvida alguma, o alimento do peregrino (BENTO XVI. Carta por ocasião do II Congresso Mundial da Pastoral de Peregrinações e Santuários, 8 de set 2010a, tradução nossa).

Dessa forma, Bento XVI direciona dois aspectos de cunho essencialmente religioso como ação fulcral de um local que recebe peregrinos: acesso às confissões e participação da missa, tendo em vista que a “Eucaristia é, sem dúvida alguma, o alimento do peregrino”. (BENTO XVI, 2010a). Ao considerar a participação em dois sacramentos (Confissão e Eucaristia), como norte em uma peregrinação católica, a meta do peregrino católico deve ser refletida durante o trajeto e vivenciada no local a que o caminhante se desloca. Afinal,

[...] de fato, diversamente do vagabundo, cujos passos não têm uma destinação precisa, o peregrino tem sempre uma meta diante de si, mesmo se por vezes não tem disso plena consciência. E a meta mais não é do que o encontro com Deus por meio de Jesus, no qual todas as nossas aspirações encontram a sua resposta. É por isso que a celebração da Eucaristia deve ser considerada o ponto culminante da peregrinação. (BENTO XVI. Carta por ocasião do II Congresso Mundial da Pastoral de Peregrinações e Santuários, 08 de set 2010a).

Para a Igreja Católica Apostólica Romana, a ideia de peregrinação é, também, uma forma para a obtenção de indulgências. “Concede-se indulgência plenária ao fiel que visitar com devoção uma das quatro basílicas patriarcais de Roma e aí recitar o Pai-nosso e o Creio.” (PAULO VI, 1967). Ou seja, um ordenamento repleto de significado oferecido ao viajante que se desloca e cumpre determinados preceitos religiosos. Obter uma “indulgência”, no catolicismo, tem

como significante a “remissão das penas temporais, sequelas dos pecados” (JOÃO PAULO II, 1985, CIC, § 1498)³¹ e constitui a

[...] remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por meio da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica, com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos. (PAULO VI, 1967, § 1).

A ideia das indulgências sempre esteve presente na história da Igreja, em diferentes graus e contextos. É promulgada, em 1967, pelo Paulo VI,³² a *Indulgentiarum Doctrina* – Doutrina sobre as Indulgências – em que apresenta as razões, os significados e as formas para a obtenção dessas indulgências. No §17 consta a seguinte doutrina: “Para ganhar a indulgência anexa a algum dia, **se é exigida visita à igreja ou oratório**, esta pode fazer-se desde o meio dia do dia precedente até a meia-noite do dia determinado.” (PAULO VI, 1967, grifo nosso).

Primeiro aspecto que pode ser observado é a condição para a obtenção dessa indulgência na visita à igreja ou ao oratório. A peregrinação passa a ter um significado católico que o afasta dos conceitos atuais sobre deslocamentos no turismo, não apenas pelos motivos acadêmicos ou estruturais normalmente apresentados pelos autores já citados, mas porque essas visitas fazem parte de um processo em busca de um sentido e, no caso dos locais católicos, a indulgência e toda sua significância no âmbito do catolicismo.

Algo comumente percebido nos documentos sobre as indulgências é o condicionamento às especificações *ordinárias* sobre a forma de realização válida para cada caso. Paulo VI, ainda na *Indulgentiarum Doctrina*, apresenta o ordenamento para esse fim e, no caso de participantes das peregrinações, a clarifica sobre a permanência no espaço físico do local sagrado ser essencial: “A obra prescrita para alcançar a indulgência, anexa à igreja ou oratório, **é a visita aos mesmos**: neles se recitam a oração dominical e o símbolo aos apóstolos – Pai Nosso e Creio, a não ser caso especial em que se marque outra coisa.” (PAULO VI, 1967, § 22, grifo nosso).

³¹ Os Documentos da Igreja Católica não são identificados pela página, visto que pela publicação em diferentes idiomas e editoras tornaria a citação diferenciada da mesma frase em diversas fontes. Em vista disso, utiliza-se o sinal de parágrafo § para, independentemente da edição, do idioma ou da busca pela internet, a citação selecionada coincidir com o que for pesquisado pelo leitor.

³² Canonizado como Santo da Igreja Católica em 14 de outubro de 2018, na Praça São Pedro, pelo Papa Francisco.

Ao estudar os documentos da Penitenciária Apostólica,³³ constata-se a recorrente possibilidade da concessão de indulgência diante de festas dos santos e datas comemorativas, como atualmente nos casos da(s) Jornada(s) Mundial da Juventude (JMJ). No ano de 2013, na JMJ no Rio de Janeiro, foi promulgado documento sobre indulgências.

[...] a *Indulgência plenária*, que pode ser obtida uma vez por dia nas habituais condições (confissão sacramental, comunhão eucarística e oração segundo a intenção do Sumo Pontífice) e também aplicadas como sufrágio pelas almas dos fiéis defuntos, para os fiéis verdadeiramente arrependidos e contritos, que com devoção participarem nos ritos sagrados e nos exercícios piedosos que se realizarão no Rio de Janeiro. (FRANCISCO, Decreto Penitenciária Apostólica, 2013a).

Merece destaque, nessa citação, a frase “participarem nos ritos sagrados e nos exercícios piedosos que se realizarão no Rio de Janeiro” (FRANCISCO, Decreto Penitenciária Apostólica, 2013a), que condiciona o deslocamento ao Rio de Janeiro para a obtenção dessa indulgência. Entretanto, a simples ida ao Rio de Janeiro nesse período, ainda que em deslocamento de turismo religioso, não bastaria para a concessão da indulgência – o que já demonstra a relação existente para a Igreja entre peregrinação e indulgências. Para tal, era necessária a participação nos ritos sagrados e piedosos – condicional – que se realizaram no Rio de Janeiro, em 2013. Para essa indulgência os católicos de todo o mundo foram convidados ao deslocamento – em peregrinação – ao Rio de Janeiro.

Contudo, cabe ressalva que, sendo a peregrinação um meio para algo, e não um fim em si próprio (MENDONÇA, 2012), a própria exceção à obrigatoriedade do deslocamento ganha um parágrafo específico:

Os fiéis legitimamente impedidos poderão obter a *indulgência plenária* contanto que, obedecendo às condições espirituais, sacramentais e de oração habituais, com o propósito de submissão filial ao romano Pontífice, participem espiritualmente nas funções sagradas nos dias determinados e sigam os mesmos ritos e exercícios piedosos enquanto se realizam, através da televisão ou do rádio ou, sempre com a devoção devida, através dos novos meios de comunicação social. (FRANCISCO, Decreto Penitenciária Apostólica, 2013a, grifo nosso)

³³ Penitenciária Apostólica é o nome do setor responsável do Vaticano que publicita os momentos em que são concedidas as indulgências, e quais as regras para determinadas ocasiões. Ao contrário do que o nome sugere, não é um presídio, mas o setor que – com determinação do Papa – oficializa os momentos em que as “penas” de pecados serão indulgenciadas de forma oficial.

Havendo o destaque aos fiéis “legitimamente impedidos”, a Igreja não exclui aqueles que, por motivos de doença, financeiros, por estarem presos, ou devido ao trabalho, não possam ir ao local para cumprir os ritos necessários. Reforçar que, aos que não estiverem legitimamente impedidos, a peregrinação é revestida de uma significância que a torna etapa essencial no processo.

No caso do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Portugal, a hospitalidade da indulgência, por parte do papa, surge logo no primeiro ano em que, oficialmente, foram permitidas celebrações no recinto das aparições. Em outubro de 1930, o Papa Pio XI

[...] concedeu a um de outubro de 1930 aos peregrinos a Nossa Senhora de Fátima as seguintes indulgências: 1. Indulgência de sete anos e sete quarentenas a todo fiel cristão, contrito de suas faltas, todas as vezes que visitar o Santuário e ali orar segundo as intenções do S. Pontífice. 2. Indulgência plenária, nas condições ordinárias – uma vez por mês – aos peregrinos em grupo ao mesmo Santuário se aí orarem pelas intenções do S Pontífice. (SILVA, 15/10/1930, Documentação Crítica de Fátima. Seleção de Documentos 1917-1930, p. 557).³⁴

Percebe-se, novamente, esse ordenamento³⁵ na celebração do Centenário das Aparições, em Fátima, no ano de 2017. Nesse documento, a Penitenciária Apostólica, através do Santuário de Fátima, informa a concessão da indulgência plenária aos fiéis que “**visitarem em peregrinação o Santuário de Fátima** e aí participarem devotamente em alguma celebração ou oração em honra da Virgem Maria, rezarem a oração do Pai-Nosso.” (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, 2017, grifo nosso). Novamente, é aberta uma possibilidade aos fiéis impedidos ao deslocamento:

[...] **aos fiéis que, pela idade, doença ou outra causa grave, estejam impedidos de se deslocarem**, se, arrependidos de todos os seus pecados e tendo firme intenção de realizar, assim que lhes for possível, as três condições abaixo indicadas, frente a uma pequena imagem de Nossa Senhora de Fátima, nos dias das aparições, se unirem espiritualmente às celebrações jubilares, oferecendo com confiança a Deus misericordioso através de Maria as suas preces e dores, ou os sacrifícios da sua própria vida. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, 2017, grifo nosso).

³⁴ “**Documentação Crítica de Fátima (DCF): Seleção de Documentos 1917-1930**”. Citado a partir deste momento, por critério deste autor, como: **Sobrenome do autor do documento em específico + data original do documento citado + DCF + página do livro em que consta**. No espaço dedicado às referências, a citação segue a ABNT.

³⁵ A doutrina manifesta, através de seus representantes oficiais, posicionamentos dos papas, dos Conselhos Pontifícios, do Santuário de Fátima e de pessoas que, pelo cargo que ocupam, estão autorizadas a se manifestar pela Igreja Católica, sobre determinado assunto e/ou o local de jurisdição.

Essa possibilidade, oferecida aos peregrinos, foi amplamente divulgada pelo Santuário de Fátima através dos meios digitais e da afixação de cartazes no recinto do Santuário. Dessa forma, o Santuário de Fátima ao promover, divulgar e incentivar a possibilidade da concessão das indulgências aos seus peregrinos, coaduna-se com a doutrina apresentada por Bento XVI, quando explica que a peregrinação

[...] não é simplesmente visitar um lugar qualquer para admirar os seus tesouros da natureza, arte e história. Peregrinar significa, aliás, sair de nós próprios para ir ao encontro de Deus lá onde Ele se manifestou, onde a graça divina se mostrou com particular esplendor e produziu abundantes frutos de conversão e de santidade entre os crentes. (BENTO XVI, Visita à Catedral de Santiago de Compostela, 2010b).

Parece evidente a existência de um significante no deslocamento da peregrinação católica, que a distingue das demais peregrinações, viagens, ou dos passeios turísticos. O que não é evidente é o momento em que um turista passa a ser peregrino ou permanece *ad eternum* como turista. Como dito anteriormente, Turner e Turner entendem que “o que é secreto na peregrinação cristã, então, é o movimento interior do coração” (TURNER; TURNER, 2011, p. 8, tradução nossa) e, provavelmente, o limite entre turismo e peregrinação continuará secreto, no íntimo do coração do crente. Isso não gera maiores problemas, pois como visto em De Jesus, E.,

[...] para o estudo e estatísticas do turismo enquanto fenômeno, o peregrino não deixa de ser turista religioso, todavia para o fim espiritual e transcendente nem sempre o turista religioso é um peregrino. Ou seja, todo peregrino é turista e, [por] conseguinte, para a definição do nicho turista religioso. Contudo, nem todo o turista religioso é peregrino. E os limites entre ambos só serão esclarecidos pela consciência de cada viajante sobre sua atividade durante o momento em que assume a identidade de *homo peregrinus* e *homo turistas*. (DE JESUS, E., 2014, p. 151).

4 METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa e tem como objetivo identificar e analisar o sentido das ações intraculturais de hospitalidade institucionais em um local de peregrinação. O tema abarca a “Hospitalidade nos bastidores das peregrinações”, especificamente no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal. Este estudo aprofunda o sentido do problema em questão, e busca a “compreensão dos significados”. (GROULX, 2010, p. 98).

Os estudos de natureza qualitativa podem “descrever a complexidade de determinado problema; analisar a interação de certas variáveis; compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. (RICHARDSON, 1999, p. 39). Essa explicação mostra que esses estudos têm mais preocupações em compreender as especificidades do fenômeno em questão do que a sua quantificação.

Richardson (1999, p. 39) postula que o estudo qualitativo contribui no “processo de mudança de determinado grupo e possibilita, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos”. Ainda na concepção de Richardson, os procedimentos metodológicos nas pesquisas qualitativas de campo “exploram as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que estas penetram na complexidade de um problema”. (RICHARDSON, 1999, p. 39).

Nesse sentido, a fim de atender aos objetivos previstos, a pesquisa qualitativa inclui a necessidade de, além de tratar dos documentos e dos seus significados, ampliar a visão por meio de entrevistas sobre o tema, o que oportuniza uma série de dados com vistas a favorecer a análise textual discursiva.

Dessa forma, a pesquisa foi dividida em quatro etapas:

- a) a discussão teórica do aparato conceitual que subsidiou a pesquisa e que compreende a reflexão do sentido teleológico no deslocamento turístico, através dos estudos sobre a busca de sentido do turismo e da hospitalidade. A apresentação dos entendimentos sobre ser humano e as peregrinações no pensamento católico, para clarificar as ações de hospitalidade enquanto um ato intrínseco do ser humano crente e a natureza mística das peregrinações católicas contemporâneas;

- b) a apresentação dos principais aspectos do ordenamento sócio-humano do catolicismo, no turismo, através dos posicionamentos já publicados pelos Conselhos Pontifícios e pela Pastoral do Turismo;
- c) a pesquisa empírica, ou seja, a realização de entrevistas com diretores e coordenadores no local, ou seja, o Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal;
- d) a análise do sentido do acolhimento institucional no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal, e das ações intraculturais de Hospitalidade da instituição religiosa, em relação ao conteúdo dos documentos dos Conselhos Pontifícios e da Pastoral do Turismo, nos destinos de fluxo turístico-religioso católico.

A delimitação e a aproximação com o espaço de observação participante, em busca de maior clareza na análise, permitiram classificar este trabalho na área das ciências, e não no domínio do dogmatismo religioso. Richardson explica que

[...] a grande vantagem da observação participante diz respeito à sua própria natureza, isto é, ao fato do pesquisador tornar-se membro do grupo em observação. Isso significa que as atividades do grupo serão desempenhadas naturalmente porque seus membros não apresentarão inibições diante do observador, nem tentarão influenciá-lo com procedimentos que fujam ao seu comportamento normal. (RICHARDSON, 1999, p. 262).

Richardson (1999) também previne sobre a forma como o pesquisador deve se precaver de alguma possível aproximação tão intensa entre ele e o objeto de estudo que possa, de alguma forma, colocar em risco o rigor científico do estudo.

O primeiro passo para resguardar-se do viés que surge dos conflitos íntimos é ter consciência dos conflitos e da natureza de nossas defesas. Com essa consciência, o pesquisador pode criar defesas adequadas para a natureza dos conflitos e da situação estudada. (RICHARDSON, 1999, p. 263).

Dessa forma, o estudo qualitativo proposto prevê dois momentos distintos: o da pesquisa bibliográfica e documental e o da pesquisa de campo. Os procedimentos metodológicos garantem a natureza epistemológica da investigação. O uso do método “Análise Textual Discursiva” (MORAES; GALIAZZI, 2016), o tratamento dos dados e sua devida descrição e interpretação foram os mais adequados para atender aos objetivos desta pesquisa.

4.1 Método

A Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes e Galiazzi (2016), foi escolhida como método para tratar das narrativas que versam sobre o tema, no intuito de entender o que os discursos evidenciam.

A pesquisa qualitativa, ainda segundo esses autores, pretende “interpretar os fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 33) e, para isso, a

ATD, inserida no movimento de pesquisa qualitativa não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 33).

O rigor e critério dessa análise decorrem da percepção dos “níveis descritivos interpretativos como forma de se apresentar os resultados da análise, formas de explicitar uma nova compreensão de um fenômeno”. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 165). A Análise Textual Discursiva constitui uma “metodologia de análise de informações que tem sido cada vez mais utilizada em pesquisas sociais, especialmente na Educação. Consistindo de unitarização, categorização e produção de metatextos”. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 239).

Segundo esse método, a abordagem prevê a presença de três focos para a devida realização da análise, ou seja: o primeiro passo trata da desconstrução dos textos do *corpus*, ou o que os autores chamam de unitarização; o segundo diz respeito ao estabelecimento da relação entre os elementos unitários (categorização), quando são criadas as categorias de análise; o terceiro concerne à construção do metatexto, sua compreensão e teorização.

Para a desconstrução do texto do *corpus*, a desmontagem dos textos, a desconstrução e a unitarização, buscou-se o significado que as narrativas apresentam, fazendo com que fosse possível a desconstrução do texto, fragmentando-o e identificando as unidades de cada narrativa. Dessa forma, a reescrita de cada unidade é “de modo que assuma um significado o mais completo possível em si mesma” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 41) e atribua um título para cada unidade que for produzida.

[...] é importante salientar que o processo da unitarização não necessita se prender exclusivamente ao que está expresso nos textos num sentido mais explícito. Podem ser construídas unidades que se afastam mais do imediatamente expresso, correspondendo a interpretações do pesquisador que atingem sentidos implícitos dos textos. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 42).

Essa fase é seguida pelo estabelecimento de relações, ou seja, pelo processo de categorização. Esse processo implica a construção de categorias analíticas que reúnem os principais argumentos dos significados dos textos. Moraes e Galiazzi (2016) explicam que essa abordagem envolve descrição e interpretação e abre horizontes para a compreensão do fenômeno a ser analisado. O método da ATD permite aprofundar o entendimento do objeto de estudo, por meio de uma análise confiável devido aos critérios utilizados. Postula a importância de

[...] colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes dos textos, um processo de decomposição que toda análise requer. Com essa fragmentação ou desconstrução pretende-se conseguir perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que se saiba que um limite final e absoluto nunca é atingido. É o próprio pesquisador quem decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultarem unidades de análise de maior ou menor amplitude. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 40).

A categorização proposta pelo método desafia o autor a manter a “comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes”. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 44). Nesse sentido, os autores propõem, por meio da categorização, uma forma de análise textual na qual as narrativas conversam e dialogam com os conceitos estabelecidos. Na construção das categorias de análise, inicialmente, utilizou-se a conhecida como *a priori*, tendo em vista que, nesse modelo,

[...] o pesquisador deriva suas categorias de seus pressupostos teóricos, sejam explícitos ou implícitos. Nesse caso as categorias já estão definidas antes de se encaminhar a análise e a classificação propriamente dita. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 139).

Após, percebeu-se que as categorias definidas pelos pressupostos teóricos “explícitos ou implícitos” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 139) do conhecimento prévio do autor poderiam ser complementadas com o material dos discursos obtidos pelas vozes dos entrevistados. Para tal, e sem prejudicar o método escolhido, alterou-se das categorias *a priori* para as categorias emergentes.

Nessas categorias,

[...] o pesquisador assume uma atitude fenomenológica de deixar que os fenômenos se manifestem, construindo categorias a partir das múltiplas vozes emergentes do texto que analisa. [...] O processo emergente de construção de categorias tende a ser mais trabalhoso, exigindo conviver com a insegurança de um caminho que precisa ser construído no próprio processo. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 139).

Nesse sentido, e através do processo de escolha das categorias emergentes da ATD, elegeram-se as seguintes categorias: A 1ª categoria chama-se *Lugar de Peregrinação e Sentido*; a 2ª categoria: *O Sentido do Acolhimento Humano, Pastoral e Espiritual*; a 3ª categoria: *Lugar de Acolhimento para a Vivência da Mensagem de Fátima*; e a 4ª categoria: *O Sentido Teleológico nas Ações Intraculturais de Hospitalidade*.

Recorda-se que, ao respeitar o método da ATD, percebeu-se natural a utilização de elementos comuns em mais de uma categoria, por esses elementos não serem totalmente independentes entre uma categoria e outra. Moraes e Galiazzi (2016, p. 139) indicam que “compreende-se que em relação ao mesmo *corpus* podem ser derivadas várias estruturas de categorias válidas, ainda que todas podem ter elementos em comum.”

A partir da criação das categorias de análise, retorna-se ao texto desconstruído e é estabelecido um diálogo com as teorias que permitirão um novo significado, o que conduz para a construção do metatexto, momento em que é realizada a descrição e interpretação.

4.2 Tipo de amostra e seleção dos sujeitos da pesquisa

O presente estudo utilizou uma amostra por conveniência, uma vez que os sujeitos pesquisados são representantes de setores importantes no Santuário (reitoria, direção e coordenação de departamentos). Nesse raciocínio, a amostra é intencional, por conveniência, ou seja, não aleatória. As amostras de conveniência, ou não aleatórias, de acordo com Pereira,

[...] são usadas intencionalmente em muitas ocasiões. Por vezes os especialistas se referem a elas simplesmente como “amostras selecionadas”, significando que os elementos que dela fazem parte foram selecionados por um julgamento de valor, e não por aleatoriedade estatística. (PEREIRA, 2003, p. 342).

A escolha desse tipo de amostra por conveniência tornou-se adequada, uma vez que os sujeitos entrevistados ocupam funções na reitoria, direção e coordenação dentro do Santuário, e esse fator influencia o poder decisório da Instituição como um todo.

Ainda, segundo Pereira (2003, p. 342), pode-se entender que o tamanho da amostra de conveniência é definido pelo julgamento do especialista que realiza o estudo, atendendo e justificando suas escolhas, com o intuito de bem representar o universo a que se propõe o estudo.

Ao utilizar esse raciocínio, entende-se que as transcrições das entrevistas realizadas com o bispo da Diocese de Leiria-Fátima, com o reitor, vice-reitor, capelães, diretores e coordenadores setoriais do Santuário e os documentos do Arquivo constituíram o *corpus* desta pesquisa.

Esse critério de escolha também encontra respaldo em Moraes e Galiuzzi (2016), quando classificam a ATD como um “exercício e interpretação hermenêutica, capaz de atingir compreensões emergentes em discursos sociais analisados a partir de textos produzidos por uma diversidade de sujeitos”. (p. 243).

O critério utilizado para a escolha dos sujeitos para serem entrevistados foi o da representatividade/responsabilidade na organização/gestão dos serviços disponíveis no Santuário, como será explanado em seguida no Quadro 1. Acredita-se que os responsáveis pelos setores forneceram informações e dados peculiares sobre a gestão, história e ação do e/no Santuário, de forma específica quanto à maneira como se dão as atitudes de acolhimento e as ações de hospitalidade institucional aos peregrinos. Além desse critério, houve a aceitação de participar da pesquisa, da gravação da entrevista narrativa e da concordância da dispensa do anonimato nas citações que compõem o *corpus* desta pesquisa, através de declaração assinada por todos os entrevistados.

4.3 Instrumento da pesquisa

Ao definir a pesquisa empírica como instrumento, a técnica utilizada foi a entrevista-narrativa, com base em Jovchelovitch e Bauer (2002). Para os autores citados, é através da narrativa que “as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e

jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (2002, p. 91).

[...] a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimento, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo como no sentido. Se nós considerarmos os acontecimentos isolados, eles se nos apresentam como simples. Mas se eles estão estruturados em uma história, as maneiras como eles são contados permitem a operação de produção de sentido do enredo. É o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, moralidade e relações que geralmente constituem a história (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

A entrevista-narrativa defendida por esses autores parte de algumas questões que permitem explorar o campo, com a formulação de questões que conduzem a entrevista como um pré-roteiro, e na qual são esboçadas as questões norteadoras. A fase inicial da entrevista-narrativa pressupõe o contato do pesquisador com o entrevistado, mas, na medida em que o entrevistado começa a narrar, não deve ser interrompido antes da percepção do entrevistador de sinais que o entrevistado pretende encerrar a explanação.

O entrevistador não deve interferir, e não o fez, nas respostas em nenhum momento para não prejudicar o andamento da entrevista. No final, foi possível realizar algumas perguntas específicas sobre particularidades de temas e/ou dúvidas que surgiram no decorrer da entrevista. Após, foi feito um resgate dos principais tópicos abordados durante a entrevista, que fizeram o entrevistado refletir se existia algo importante ainda a ser dito. “As regras de execução da entrevista narrativa restringem o entrevistador. A entrevista narrativa vai mais além que qualquer outro método ao evitar uma pré-estruturação da entrevista”. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95).

Na entrevista-narrativa é importante que as perguntas sejam claras, objetivas e adequadas ao tema a ser investigado. A coerência e a lógica na ordenação das perguntas podem ajudar o entrevistado a manter nexos nas respostas e evitar repetição de fatos. Nesse contexto, as questões norteadoras utilizadas tiveram como objetivo obter respostas nos âmbitos pessoal, profissional e institucional dos entrevistados. As questões norteadoras foram:

- a) Qual o seu entendimento sobre hospitalidade?
- b) De que forma é pensada a hospitalidade pelo serviço que és responsável?
- c) Que ações o serviço a fim de oportunizar essa hospitalidade?

Após as respostas dessas questões foram realizadas algumas perguntas específicas, que não estavam preparadas para a entrevista, visto que, como já informado, nesse método da entrevista narrativa deve-se “evitar uma pré-estruturação da entrevista”. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95). Essas posteriores perguntas tiveram como objetivo permitir aos entrevistados complementarem as respostas dos tópicos das questões norteadoras, aprofundando a própria resposta. Citam-se algumas como exemplo:

Ao bispo da Diocese de Leiria-Fátima e, também, ao reitor do Santuário, foi perguntado: Alguns dos diretores de serviços disseram que o peregrino de Fátima é diferente do Peregrino de Santiago. O Peregrino de Santiago, por exemplo, se preocupa muito com o caminho, e o peregrino de Fátima quer chegar logo ao Santuário, porque ele tem a motivação toda diretamente situada no Santuário. O senhor nota se o Santuário de Fátima, tem algum diferencial em relação aos outros?

Ao diretor do Serviço de Administração (que também é diretor do Serviço de Promoção e Preservação do Ambiente), e ao diretor do Serviço de Peregrinos o questionamento específico foi sobre a acessibilidade no local: Existe algum trabalho direcionado para os peregrinos que têm algum tipo de dificuldade de mobilidade?

Foi perguntado à diretora do Serviço de Alojamentos: A senhora falou que o Santuário possui casas. Existe um Santuário, e a esse Santuário pertencem algumas casas, com camas, alojamentos. A senhora tem ideia do número de camas, por exemplo, que tem a casa Nossa Senhora do Carmo? A casa Nossa Senhora das Dores? E esses albergues?

Essas perguntas específicas ajudaram a complementar e compreender muitas respostas dadas pelos diretores dos serviços, por entenderem e trabalharem, lá tendo essa diferenciação em mente. Essas perguntas, pensadas no decorrer da entrevista, e após as questões norteadoras, não feriram o método utilizado por não alterarem essas questões, mas auxiliarem a complementar a resposta, de acordo com o conhecimento do entrevistado e a relevância do cargo que ocupa. Moraes e Galiuzzi (2016, p.40) definem: “É o próprio pesquisador quem decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultarem unidades de análise de maior ou menor amplitude.” Por fim, foi dito a todos os entrevistados que, caso tivessem recordado de e/ou lembrado de algo, que pudesse contribuir com a pesquisa, que compartilhassem naquele momento.

A fase conclusiva da entrevista-narrativa propiciou momentos informais entre entrevistador e entrevistado, que puderam clarificar determinadas situações distintas da entrevista, então sem a tensão de falar sendo gravado. Após a gravação, o entrevistado pôde, ainda, fornecer informações mais detalhadas sobre aspectos que, durante a gravação, não foram lembrados, mas que fizeram parte deste estudo, através do diário de campo.

4.4 Construção do *corpus*

O *corpus* do estudo foi constituído pelo conjunto de entrevistas com os sujeitos definidos na amostra, vinculados ao Santuário de Fátima, bem como através da documentação estudada *in loco*, no arquivo do Santuário de Fátima; da documentação existente sobre a temática produzida pelos Conselhos Pontifícios; das anotações deste autor – realizadas no local de estudo – e que aqui entram como “observação participante” (RICHARDSON, 1999, p. 262) e como “registros de observação” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 39). Estas observações, registros de arquivos de imagens e documentos escritos, são elaborações da percepção do autor. Procurou-se organizar dessa forma a construção do *corpus*, para respeitar o método escolhido da ATD que esclarece:

Os textos que compõem o corpus da análise podem tanto ser produzidos especialmente para a pesquisa quanto podem ser documentos existentes. No primeiro grupo integram-se transcrições de entrevistas, registros de observação, depoimentos produzidos por escrito, assim como anotações e diários diversos. O segundo grupo pode ser constituído de relatórios, publicações de variada natureza, tais como editoriais de jornais e revistas, resultados de avaliações, atas e diversos, entre outros muitos tipos de documentos. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 39).

O material correspondente ao primeiro grupo do *corpus* advém das transcrições das entrevistas, que foram realizadas com sujeitos vinculados ao Santuário de Fátima, durante o ano comemorativo do centenário das aparições, que originou as primeiras peregrinações ao local em 1917. Essas entrevistas tiveram como objetivo compreender as práticas de hospitalidade institucionais em um local de peregrinação, com vistas a identificar as ações intraculturais da Instituição religiosa, e o alcance do conteúdo dos documentos da pastoral do turismo, no destino de turismo religioso-católico no Santuário Nossa Senhora do Rosário de

Fátima, em Portugal. Dessa forma, a composição dos sujeitos entrevistados está relacionada ao núcleo decisório do Santuário, que segue:

Quadro 1 – Entrevistados da pesquisa – 2017

Nome	Função	Citado neste estudo como
1. Cardeal Dom António Augusto dos Santos Marto	- Bispo da Diocese de Leiria-Fátima (Responsável pelo Santuário de Fátima). - Vice-presidente da Conferência Episcopal Portuguesa	MARTO (2017)
2. Padre Doutor Carlos Cabecinhas	- Reitor do Santuário de Fátima - Diretor do Serviço de Ambiente e Construções	CABECINHAS (2017)
3. Padre Doutor Vitor Coutinho	- Vice-Reitor do Santuário de Fátima - Diretor do Serviço Executivo do Centenário	COUTINHO (2017)
4. Padre Doutor José Nuno Ferreira da Silva	- Diretor do Serviço da Pastoral Juvenil - Capelão para os peregrinos de língua portuguesa no Santuário de Fátima	SILVA (2017)
5. Padre Doutor Cristiano Saraiva	- Diretor do Serviço de Administração - Diretor do Serviço de Promoção e Preservação do Ambiente	SARAIVA (2017)
6. Padre Doutor Manuel Antunes	- Diretor do Serviço de Doentes - Capelão para os peregrinos de língua portuguesa no Santuário de Fátima	ANTUNES (2017)
7. Padre Doutor Sérgio Henriques	- Diretor do Serviço de Pastoral Litúrgica	HENRIQUES (2017)
8. Doutor Marco Daniel Duarte	- Diretor do Serviço de Estudos e Difusão	DUARTE (2017)
9. Doutor Pedro Valinho	- Diretor do Serviço de Peregrinos	VALINHO (2017)
10. Dra. Cristina Fernandes	- Diretora dos Serviços de Alojamentos no Santuário de Fátima	FERNANDES (2017)
11. Dra. Carmo Rodeia	- Coordenadora de Comunicação Social do Santuário de Fátima	RODEIA (2017)
12. Dra. Cláudia Camelo	- Coordenadora dos Recursos Humanos do Santuário de Fátima	CAMELO (2017)
13. Padre Dr. Hector Alfonso Ramirez Sanz Cerrada	- Capelão para os peregrinos de língua espanhola no Santuário de Fátima	CERRADA (2017)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Entrevistas realizadas entre julho e novembro de 2017 em Fátima e em Leiria, Portugal.

Em 2017, por ocasião do Centenário das aparições de Fátima, estavam ativos **10 (dez) Serviços**, cujos responsáveis foram entrevistados para este estudo (Peregrinos; Alojamento; Administrativo; Executivo do Centenário; Ambientes e Construções; Promoção e Preservação do Ambiente; Doentes; Pastoral Litúrgica; Estudos e Difusão; Pastoral Juvenil); **1 (um) reitor** (2 vezes entrevistado mas apenas a última entrevista foi gravada), **1 (um) vice-reitor**, **2 (dois) coordenadores de Setores** (Comunicação Social; Recursos Humanos); **2 (dois) capelães para**

peregrinos de Língua Portuguesa; 1 (um) capelão para peregrinos de Língua Espanhola. Também foi realizada entrevista com **1 (um) bispo**, responsável pela Diocese de Leiria-Fátima.

A documentação referente ao segundo grupo, apresentado por Moraes e Galiuzzi (2016) para a construção do *corpus*, é composta por textos e imagens em mais de mil páginas estudadas dos documentos do *Arquivo Santuário de Fátima*. Destacam-se: **Documentação Crítica de Fátima Seleção dos Documentos (1917-1930); Regulamento do Santuário (2009); Relatório da Reitoria e Serviço de Alojamento (SEAL)**, a entregar ao novo reitor, Pe. Virgílio do Nascimento Antunes (2008); **Vida Administrativa do Santuário 1917-1972 – (ASF³⁶ 341); Estudo de Estruturação Pastoral (Ensaio)**, setembro de 1974; **Pasta 4740**, documentação completa presente; **Pasta 14, os seguintes documentos:** DS³⁷ 14.8, DS 14. 9, DS 14. 10, DS 14.11, DS 14.12, DS 14.13, DS 14.13,DS 14.15, DS 14.16, DS 14.56, DS 14.62; **Pasta 95, os seguintes documentos:** DS 95.3, DS 95.5, DS 95.8, DS 95.9, DS 95.10, DS 95.14, DS 95.22, DS 95.24, DS 95.35, DS 95.36, DS 95.37, DS 95.38, DS 95.39, DS 95.44, DS 95.46, DS 95.54, e_DS 95.54 até DS 95.96; **Pasta 97, os seguintes documentos:** DS 97.18, DS 97.19, DS 97.42, DS 97.43, DS 97.44, DS 97.45, DS 97.48, DS 97.49; **Pasta 98, os seguintes documentos:** DS 98.7, DS 98.18, DS 98.19, DS 98.20, DS 98.23, DS 98.18, DS 98.24, DS 98.25, DS 98.54, DS 98.55, DS 98.58; **Jornal mensal “Voz de Fátima” dos anos de 1920 a 2017.** Somem-se a estes anais de congressos realizados no Santuário e publicações avulsas de determinados Serviços.

As imagens constantes nos anexos foram pensadas como meio de ilustração. Nesse sentido, o Arquivo do Santuário de Fátima permitiu a utilização, neste estudo, de fotografias históricas, desde o ano de 1917, que foram disponibilizadas sob confiança para este autor. Por critério utilizado, essas imagens são apresentadas, no Anexo G, como fonte de auxílio visual para determinadas partes do texto, sendo informada, no decorrer da escrita, a possibilidade de visualizar a informação com busca no referido local. Da mesma forma, este autor solicitou algumas fotos específicas de eventos e locais em que não era permitido a terceiros fotografarem nem realizarem vídeos, em defesa da intimidade dos

³⁶ Referência interna do Santuário de Fátima que significa: Arquivo Santuário de Fátima.

³⁷ Referência interna do Santuário de Fátima que significa: Documento do Santuário.

envolvidos ou da própria ação.³⁸ Essas fotos foram solicitadas com o objetivo de auxiliar, pela visualização das imagens, partes específicas do apresentado nas Categorias do 4º capítulo. Enviadas pelo Centro de Imagem Mariana, do Santuário de Fátima, também através do Arquivo do Santuário, são referenciadas, no Anexo E, com o mesmo código que possuem no Santuário.³⁹ Igualmente, o Sistema Canção Nova de Comunicação,⁴⁰ em Fátima, disponibilizou parte de seu arquivo digital para que constassem, neste estudo, as imagens a eles também solicitadas, constantes no Anexo F. Por fim, compõem o Anexo G as fotografias tiradas por este autor em dois momentos: em maio de 2011, quando recebeu autorização para estudos e captação de imagem em locais reservados, no espaço referente à Basílica da Santíssima Trindade, e durante o ano de 2017, no período de estudos para a realização deste trabalho.

4.5 Local do estudo: Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal

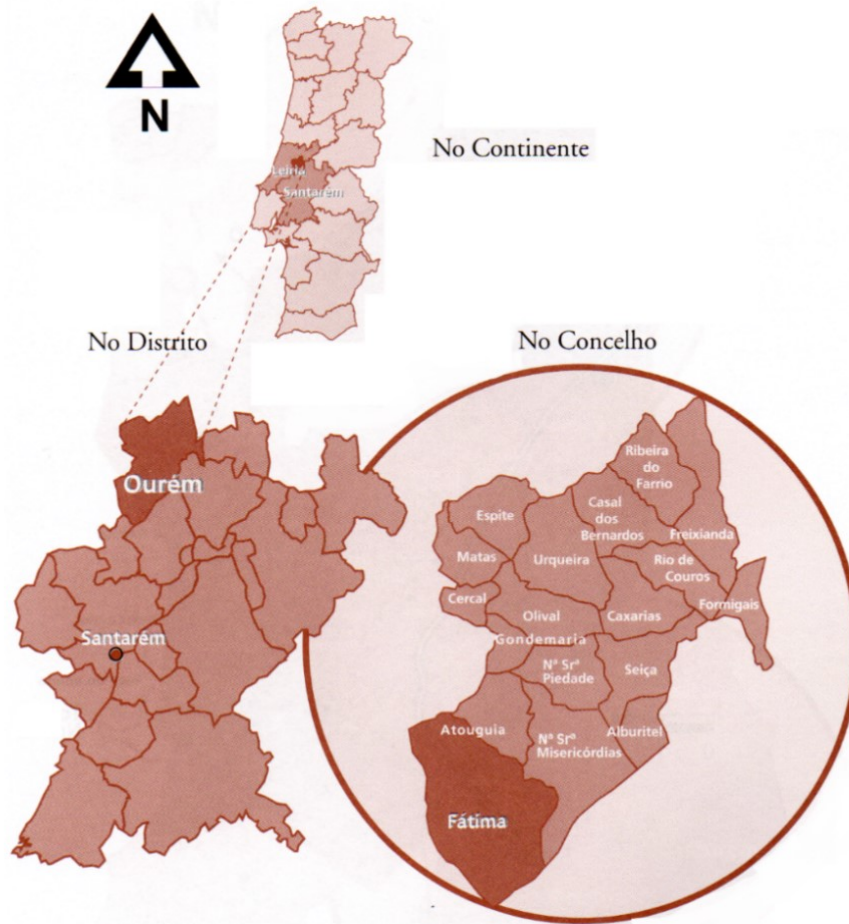
O Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima encontra-se no local chamado *Cova da Iria*, Concelho de Fátima, pertencente ao Distrito de Ourem, e fica a 130 km ao Norte de Lisboa, 200 km ao Sul do Porto e 85 km ao Sul de Coimbra.

³⁸ Como por exemplo: A capela, com os recursos tecnológicos, em que são realizadas as confissões; as atividades realizadas com portadores de deficiência; o cumprimento de promessas por parte dos peregrinos; fotos bastante próximas dos últimos papas que celebraram no Santuário de Fátima; imagens de líderes de outras religiões sendo recebidos em Fátima, entre outro.

³⁹ Exemplifico. Neste anexo, a primeira foto tem como código 279 e a legenda “João Paulo II oferece terço à Nossa Senhora de Fátima”. No mesmo grupo a imagem da numeração já avança para 46447, que tem como legenda “Amman Al-Hakim, vice-presidente do Conselho Superior Islâmico, é recebido pelo Padre Virgílio Antunes, reitor do Santuário de Fátima.” Foram respeitados os códigos e as legendas tal como foram enviados, sob confiança, para este autor, pelos setores do Santuário de Fátima.

⁴⁰ Comunidade da Igreja Católica, com casa de missão em Fátima. Sendo um sistema de comunicação, possui credencial específica no Santuário de Fátima e, por isso, com acesso a locais exclusivos para a imprensa nos grandes eventos, como a vigília com o Papa Francisco, em 12 de maio de 2017, e a missa do centenário e da canonização de Francisco e Jacinta, em 13 de maio de 2017.

Figura 1 – Localização de Fátima



Fonte: Ambrósio (2000, p. 67).

Ao propor, como ponto de observação de escrito científico na área *Turismo e Hospitalidade*, uma visão sobre o aspecto teleológico de um conjunto de atitudes que geram ações de hospitalidade, é preciso retornar acerca de em qual arcabouço doutrinal essas ações são apresentadas. Quando as peregrinações são esmiuçadas sob a “lente” específica dos documentos da Igreja Católica, o que gera esse movimento passa a ser analisado de acordo com o apresentado, então, pela doutrina católica, em um deslocamento de peregrinação mariana ao Santuário de Fátima.

O espaço geográfico conhecido como *Cova da Iria*, que atualmente compõe parte do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, tornou-se destino de peregrinos desde os primeiros meses após as aparições, ainda em 1917. Naquela época, três crianças: Francisco de Jesus Marto, Jacinta de Jesus Marto e Lúcia de Jesus dos Santos, tiveram uma experiência que mudou a história dessa localidade.

Para este estudo não se aborda a veracidade ou não do fato, mas os reflexos e a importância da mensagem que deixaram no contexto das peregrinações católicas na contemporaneidade. Esse fato pode ser observado na capa do jornal *O Século*, de 15 de outubro de 1917.⁴¹

Em 1953 foi concluída a construção da Basílica, mas já em 1951 iniciou-se outra obra no espaço do Santuário conhecida como *Colunata do Santuário*. Essa Colunata circunda o território do Santuário, tornando-o “um dos maiores recintos de oração do mundo (suas dimensões ultrapassam as da romana Praça de São Pedro)”. (DUARTE, 2006, p. 26). Data de 1973 o desejo de construir uma nova igreja dentro do Santuário de Fátima, cientes de que a Basílica Nossa Senhora do Rosário já não comportava a quantidade de peregrinos que se deslocavam até o Santuário. Ao longo de duas décadas, a edificação da nova igreja foi pensada e discutida, mas só em 1997 foi aberto concurso público para a construção do novo espaço. Foi escolhido o projeto do arquiteto grego Alexandros Tombazis. A solenidade de lançamento da primeira pedra ocorreu em 6 de junho de 2004, tendo sido inaugurada em 12 de outubro de 2007. A Basílica da Santíssima Trindade tem um formato circular com 125 metros de diâmetro e o pé direito do edifício tem aproximadamente 18 metros. Apesar de essa Basílica ficar em frente da primeira Basílica do Santuário, elas não entram em confronto visual, preocupação de muitos entre 1973 e 1996. Esta dificuldade foi superada pela construção da igreja em terreno íngreme.⁴² O espaço comporta 8.633 (oito mil, seiscentas e trinta e três) pessoas. (DUARTE, 2006).⁴³

No ano da comemoração do centenário das aparições de Fátima, a estrutura administrativa do Santuário é bastante semelhante à composição apresentada no Estudo de Estruturação Pastoral (ensaio),⁴⁴ datado de setembro de 1974 e assinado pelo então reitor Padre Luciano Gomes Paulo Guerra. Constata-se que este reitor e o Padre Horácio Coelho Cristino estiveram por três dias, no ano de 1973, no Santuário de Lourdes (França) para observar sua organização administrativa.⁴⁵ Nota-se que a composição administrativa do Santuário de Fátima desenvolvida um

⁴¹ Anexo G, Figura 62.

⁴² Anexo F, Figuras 4 e 5; Anexo G, Figuras: 30 e 31.

⁴³ Anexo G, Figuras: 35 e 36.

⁴⁴ Documento do Arquivo do Santuário de Fátima (ASF), referência interna “PT_ASF_Estudo_estruturação_1974_09”.

⁴⁵ Documento do Arquivo do Santuário de Fátima (ASF), referência interna “PT_ASF_4740_6”.

ano após a visita, em 1974, foi bastante inspirada no que o Padre Luciano Guerra percebeu em Lourdes e, também, similar ao encontrado no ano do Centenário de Fátima, em 2017. De acordo com esse documento, pode-se ressaltar:

- a) os Serviços existentes no Santuário de Lourdes, França, no ano de 1973, inspiraram a atual composição orgânica do Santuário de Fátima. Em 1973, o Santuário de Lourdes, França, contava com os Serviços de: Acolhimento aos Peregrinos; Peregrinos; Peregrinações Organizadas; Peregrinações de um dia; Doentes; Direção; Secretariado para a Imprensa; Lugares de Culto e outros; Campo de Jovens; e a *Cité Secours Saint-Pierre*;
- b) de posse desses dados, em 1974 o Santuário de Fátima apresenta os seguintes Serviços: Alojamento; Peregrinos; Peregrinações Organizadas; Peregrinações Aniversárias; Serviços Gerais; Informações do Santuário para a Imprensa; Liturgia; Arquitetura; Obras e Limpezas; Estudos e Difusão de Fátima; Associações de Fátima; Economia; Ordem e Preservação do Ambiente; Retiros e Cursos;
- c) já no ano do Centenário de Fátima, em 2017, os Serviços desenvolvidos eram: Alojamento; Peregrinos; Administrativo; Executivo do Centenário; Ambientes e Construções; Promoção e Preservação do Ambiente; Doentes; Pastoral Litúrgica; Estudos e Difusão; Pastoral Juvenil.

5 O SENTIDO DA HOSPITALIDADE NOS BASTIDORES DAS PEREGRINAÇÕES

Da análise das entrevistas e dos documentos oficiais que regem a vida do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Portugal, nasceram quatro categorias analíticas que são as seguintes: *Lugar de Peregrinação e Sentido*; *Sentido do Acolhimento Humano, Pastoral e Espiritual*; *Lugar de Acolhimento para a vivência da Mensagem de Fátima*; e *O Sentido Teleológico nas Ações Intraculturais de Hospitalidade*.

5.1 Lugar de peregrinação e sentido

Procura-se dar o sentido de uma vida a sério, uma vida importante. (ANTUNES, 2017).

As entrevistas realizadas para este estudo apontam o Santuário de Fátima como um lugar especial de peregrinação⁴⁶ e, igualmente, um lugar de sentido. Para entender esse lugar é importante retroceder no tempo e apropriar-se de alguns dados históricos que influenciaram a sua organização e ajudaram na sua construção.

Em 13 de outubro de 1930, Dom José Alves Correia da Silva, Bispo da Diocese de Leiria, depois de considerado o relatório da comissão que constituiu em 1922 para organizar o processo canônico, emitiu uma Carta Pastoral sobre o culto à Nossa Senhora de Fátima. Nesta carta, após extensa narrativa sobre os acontecimentos ocorridos entre 13 de maio de 1917 e 13 de outubro de 1917, e após treze anos de estudos e observações sobre o caso, testemunhos e depoimentos, instituiu: “1º Declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de maio a outubro de 1917; 2º Permitir oficialmente o culto à Nossa Senhora de Fátima”. (SILVA, 13/10/1930, DCF, p. 550).

Até o ano de 1930, a Diocese de Leiria, responsável geográfica e hierarquicamente pela freguesia de Fátima, viu-se num dilema: Apesar de não ser ainda uma aparição reconhecida, cada vez mais peregrinos deslocavam-se à Cova

⁴⁶ Anexo G, Figura 28.

da Iria e cabia a ela a organização e recepção desses peregrinos.⁴⁷ Marco Daniel Duarte, diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima, declara:

Logo em 1917 neste lugar onde três crianças afirmam terem visto, ter experimentado, terem feito uma experiência de Deus a partir de um colóquio com a Virgem Maria, começam a aparecer neste lugar centenas de pessoas e no mês de agosto, por exemplo, já eram dadas 5.000 pessoas aqui na Cova da Iria. No mês de setembro ainda mais, e no mês de outubro chega os mesmos jornais a falar em 30.000 e algum em 100 mil pessoas. Ainda que acreditemos apenas nos números mais baixos de 30 mil pessoas, o lugar teve que se apetrechar de equipamentos e de atitudes de hospitalidade que, até então, não existiam aqui na Cova da Iria. (DUARTE, 2017).

[...] a partir do momento que se percebe que as aparições são dadas como dignas de crédito, o bispo da diocese na altura, Dom Jose Alves Correia da Silva, organiza aqui uma Capelinha precisamente para poder acolher aqueles que aqui vêm e isto é feito inclusive antes da proclamação das aparições como dignas de crédito. Isto é, nota-se fatalmente que o bispo já tinha certeza de que as aparições são dignas de crédito, nota-se perfeitamente que o bispo acredita no testemunho das crianças e que, entende ser necessário acolher os milhares de pessoas que aqui vêm e lhes dar esta hospitalidade, dar este acolhimento e esta hospitalidade, e fornecer-lhes alguns serviços que passam não apenas pela parte religiosa, mas sobretudo por uma certa civilidade que está sempre relacionada com o culto na Igreja Católica. (DUARTE, 2017).

O direcionamento de Sentido – que pretende revestir com uma significância específica o deslocamento religioso – encontra, na existência de uma gama de pseudossinônimos, particular dificuldade para o entendimento da ação por parte daquele que se coloca em movimento. No Brasil, percebe-se claramente a utilização dos termos *romaria* e *peregrinação*, sem muita distinção com o aspecto essencialmente religioso-católico que o deslocamento possui.⁴⁸ O uso adequado da terminologia, logo no início das atividades, no espaço que viria a se tornar o Santuário de Fátima, ajuda a explicitar uma particularidade daquele local: oração, silêncio e penitência.

⁴⁷ Anexo H, Figuras: 63;66;68;69.

⁴⁸ Cito como exemplo: Romaria da Terra “As Romarias da Terra têm um caráter ecumênico e ainda mais macro-ecumênico, incorporando ritos e símbolos de outras religiões ao universo católico. As Romarias da Terra valorizam o religioso, e não falham na sua contribuição profética. Nelas se busca mais que confortar o coração, se busca a transformação da sociedade, a construção do Reino de Deus.” (<https://www.cptnacional.org.br/romarias>); Romaria por ‘Lula Livre’ (SILVA, Rafael. SP: Movimentos por “Lula Livre” realizam romaria até o Santuário de Aparecida. **CUT Brasil**, São Paulo, 16 maio 2018. (<https://www.cut.org.br/noticias/sp-movimentos-por-lula-livre-realizam-romaria-ate-o-santuario-de-aparecida-dcdb>. Acesso em: 25 jan. 2019). Romaria LGBT (<http://paroutudo.com/2015/trindade-recebe-romaria-lgbt-na-festa-do-divino-pai-eterno/>); Romaria dos Trabalhadores (<http://www.pom.org.br/programacao-do-23o-grito-dos-excluidos-e-30a-romaria-dos-trabalhadores-em-aparecida-sp/>).

Segundo um dos entrevistados, *peregrinação* e *romaria* são conceitos distintos e houve a intenção, ainda no início da década de 20, do século XX, por parte do bispo de Leiria, em relação ao Santuário de Fátima, de que o lugar fosse um espaço de peregrinação, e não de festas populares, como eram consideradas as antigas romarias no Norte de Portugal.

[...] tentar fazer com que esta visita que os peregrinos fazem ao lugar não seja uma romaria, mas uma peregrinação, que é uma expressão, são duas expressões que D. José Alves Correia da Silva tem muito claras na sua ação. Ele diz claramente que não quer que o lugar se transforme em um local de Romaria, apenas de festa popular. Esta muito estudada para o Norte do país que ele conhecia muito bem. D. José vem do Norte do país e conhece muito bem as romarias do Norte de Portugal dessa época, então ele não quer que Fátima seja apenas uma Romaria mas quer, sobretudo, que seja um lugar de peregrinação. Em ordem a este lugar de peregrinação Dom José então estabelece essa capelinha e este serviço, para ajudar os peregrinos a viverem a sua fé. (DUARTE, 2017).

Para parte significativa dos entrevistados, uma peregrinação carrega em si um sentido, que outros deslocamentos – também os ditos religiosos – não possuem. Dom José Alves Correia da Silva diferencia esses dois termos e passa a pensar a realidade do Santuário: administrativa, pastoral e espiritual, como um local que esteja para voltado à peregrinação. Nesse contexto, a carta desse bispo, em novembro de 1921, ao pároco de Fátima, determina as seguintes regras para o espaço da Cova da Iria:

Chegou ao meu conhecimento que no dia 13 do corrente se lançaram foguetes na Cova da Iria e até havia vinho para vender nesse mesmo local. Se permiti o culto naquele lugar, foi como manifestação de amor e reparação à Nossa Senhora, cujo auxílio precisamos de rogar, fazendo penitência pelas nossas próprias faltas, pelas do nosso querido Portugal, e todo o mundo. Aquele lugar é de oração e penitência. Mais nada. Em vista do que, determino o seguinte: 1º Não é permitido o uso de foguetes na Cova da Iria. [...]. 2º Não é permitida a venda de vinho ou outras bebidas alcoólicas naquele lugar. O abuso do vinho é infelizmente causa de muitas profanações e muitas desordens. Não posso permitir que o culto à Nossa Senhora seja ocasião de pecados. (SILVA, 18/11/1921, DCF, p. 229).

No momento em que a autoridade eclesiástica da época reforça determinadas atitudes de valores, por entender que essas ações distinguem um espaço sagrado, percebe-se a importância da compreensão dos “Valores e Realização de Sentido” (FRANKL, 2003); (JESUS, L. 2018, p. 43-46), também através das peregrinações. Esse pensamento permanece atualizado nas palavras do atual bispo de Leiria-Fátima, Cardeal Dom António Marto, em entrevista para este

estudo: “Vocês no Brasil usam muito esse termo de romaria. Nós não usamos muito esse termo. É peregrinação. Romaria para nós tem mais o sentido de festa popular. Portanto não é o mesmo sentido de peregrinação.” (MARTO, 2017).

Existe um significante que a instituição religiosa preserva e transmite aos peregrinos que, em coerência com os motivos intrínsecos da viagem, os fazem deslocarem-se até determinado local. Para Duarte (2017), é necessário o entendimento de que, para o âmbito “sociológico e até antropológico, a marca que mais sinaliza o que é uma romaria é de fato o lugar da festa, da festa episódica que durante um determinado tempo acontece num determinado lugar”. (DUARTE, 2017).

Com essa concepção de romaria, como um lugar de festa, o Santuário de Fátima assume, em contraposição, sua identidade como um lugar de peregrinação ao resguardar, em seu calendário oficial⁴⁹ e em suas atividades diárias,⁵⁰ atitudes que promovem momentos singulares ao peregrino, como silêncio, participação nos sacramentos, penitência, sacrifício, meditação sobre a doutrina e demonstrações que singularizam e identificam a fé e as ações dos peregrinos. “[...] o santuário tem de certa forma essa missão de oferecer uma mensagem específica, que é a mensagem de Fátima, mesmo que o peregrino não tenha essa consciência de que isto existe.” (DUARTE, 2017).

Cabe ressaltar as ações que, por parte do Santuário, promovem o ambiente de peregrinações – ainda que o peregrino não tenha consciência de sua peregrinação – são coerentes, como já apresentado, com a linha psicoterápica da Logoterapia de Viktor Frankl, a qual aborda a existência do Inconsciente Espiritual, como componente fundamental para a compreensão sobre a integralidade do ser humano (FRANKL, 2007). Também, na Carta Encíclica *Fides et Ratio*, de 1998, João Paulo II afirma que “a fé requer que seu objeto seja compreendido com ajuda da razão; por sua vez a razão, no apogeu da sua indagação, admite como necessário aquilo que apresenta a fé”. (JOÃO PAULO II, 2014, p. 60).

Para fazer essa transição inconsciente/consciente do sentido da peregrinação, são utilizadas diversas formas de aproximação e contato da Mensagem de Fátima, e, também, de acesso aos espaços físicos e às atividades planejadas que contemplam elementos estritamente doutrinários. Dentre elas destaca-

⁴⁹ Anexo G, Figuras: 45; 48; 54.

⁵⁰ Anexo G, Figuras: 55; 56.

se: a recitação do terço,⁵¹ o acesso aos sacramentos, como a Eucaristia,⁵² e às confissões,⁵³ como também de elementos artísticos e visuais, como as imagens dos Santos Francisco e Jacinta Marto,⁵⁴ do Cristo ressuscitado,⁵⁵ e da imagem de Nossa Senhora de Fátima.⁵⁶ A essa expressão espiritual dos peregrinos o próprio estatuto do Santuário de Fátima manifesta cuidado quando declara:

A peregrinação é uma expressão da vida espiritual, e o principal desafio da “Mensagem” é a conversão, através da oração e da penitência. Compreende-se, assim, que a primeira expressão do crescimento do Santuário visasse criar condições e ambiente para esta expressão espiritual dos peregrinos. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 21).

Assim, constata-se a compreensão do Estatuto do Santuário e, também, do próprio reitor quando coaduna Fátima com o posicionamento logoterápico a respeito da busca do sentido da vida, no momento em que percebe e testemunha essa busca nos peregrinos que procuram o Santuário.

[...] os santuários, de um modo geral, tornaram-se lugares espiritualmente significativos precisamente porque respondem à busca de sentido de tantos contemporâneos nossos. O que faz que aumenta o número de peregrinos. E aqui quando falo de peregrinos não penso apenas do Peregrino a pé, penso no Peregrino que chega. Qualquer que seja o meio, seja a pé, seja de automóvel particular, seja de autocarro. O Peregrino vem fundamentalmente porque sente necessidade de encontrar um sentido para sua vida. E sente o Santuário como lugar desta resposta. Ora, aquilo que esta enorme afluência de peregrinos a Fátima nos vai mostrando é que para muita gente o Santuário de Fátima é este lugar, onde podem encontrar ou redescobrir um sentido para sua vida. (CABECINHAS, 2017).

Ciente de que o sentido que move os visitantes que se deslocam ao Santuário de Fátima possa ser diverso, quando a gestão do Santuário propõe determinadas ações para seus acolhidos, ela elege um perfil que vai priorizar: os peregrinos. Nesse caso, os peregrinos recebem atenção especial e a eles são planejadas suas principais ações. Dessa forma, para aqueles que vão ao Santuário por motivos espirituais são oferecidas possibilidades para alcançarem esses objetivos.

⁵¹ Anexo F, Figura 11; Anexo G, Figura: 38.

⁵² Anexo F, Figuras: 6; 9.

⁵³ Anexo F, Figuras: 250337; 250338; 25040; Anexo H, Figura 66.

⁵⁴ Anexo F, Figuras: 20; 21; Anexo G, Figura 60; Anexo H, Figuras: 63.

⁵⁵ Anexo E, Figura 201278; Anexo F, Figuras 7; 8; Anexo G, Figura 34;36.

⁵⁶ Anexo E, Figuras: 279; 8551; 56143; 110432; Anexo F, Figuras: 6; 7; 9; 10; 13; 18; 24.

[...] por que o Peregrino vem a Fátima, e as motivações são muito diferentes. Muito diferentes. Há motivações que são apenas para cumprimento de promessas. Há motivações de pessoas que têm problemas sérios na sua vida, e que vêm à procura de uma ajuda moral e espiritual. Há pessoas que vêm a pé, não é assim? Vamos lá para fazer um bocadinho também de turismo, não é? Turismo. Mas a maior parte vem por motivo sério o motivo espiritual para agradecer sobretudo, para agradecer uma graça, geralmente pedir alguma ajuda para alguma coisa. (ANTUNES, 2017).

Essas condições e ambientes preparados intencionalmente pelo Santuário de Fátima visam a atender as especificidades de um público heterogêneo, mas que, nem por isso, deixa de apresentar uma identidade em comum: a necessidade filial do acolhimento materno.

Os peregrinos de Fátima são muito heterogêneos. Nós temos gente com panos de fundo diferentes, portanto, com necessidade diferentes, com ansiedades diferentes, anseios, com perfis diferentes, com razões diferentes para chegar ao Santuário. Uns vêm agradecer, outros pedir, outros vêm confiar, e aquilo que os aproxima é este lugar. Portanto, o que o Santuário procura fazer é que nesse lugar todos sejam, todos sintam. Mais uma vez eu não consigo, eu não posso deixar de fazer a ponte com a teologia! No fundo aquilo que se pede aqui no Santuário é que seja metáfora daquilo que os peregrinos querem nesse lugar que é, de certa forma, sentir o colo maternal de Maria, é isso que vem cá buscar. São todas as dimensões que imediatamente nos remetem precisamente para isso, para um espaço de acolhimento, de conforto, de bem-estar, de reafirmação se quisermos. (VALINHO, 2017).

Em virtude do cuidado desse colo materno oferecido no contexto católico de um santuário mariano, e do significado da Mensagem de Fátima, o Papa Francisco questiona⁵⁷ a teleologia dos peregrinos quando pergunta qual Maria eles foram encontrar, e provoca reflexão sobre o que, de fato, os moveu até aquele Santuário mariano.

Peregrinos com Maria. Qual Maria? Uma Mestre de vida espiritual, a primeira que seguiu Cristo pelo caminho estreito da cruz dando-nos o exemplo, ou então uma Senhora inatingível e, conseqüentemente, inimitável? A Bendita por ter acreditado sempre e em todas as circunstâncias nas palavras divinas, ou então uma santinha a quem se recorre para obter favores a baixo preço? (FRANCISCO, 12/5/2017, Fátima).

A reiterada busca pelo retorno da consciência do ser peregrino, em um santuário mariano, revela o desejo de que exista uma identificação comum entre

⁵⁷ Na vigília da peregrinação em comemoração ao centenário das aparições em Fátima, 12 de maio de 2017.

esses peregrinos, e que esse fator de unidade seja manifesto através das atitudes desses deslocantes, durante e após a peregrinação em si. Já em Roma, ao relembrar o momento da vigília no Recinto de Oração no Santuário, o Papa Francisco explana seu contentamento pela atitude de respeito ao momento sagrado que os peregrinos demonstraram, durante os atos litúrgicos da celebração do centenário das aparições em Fátima. Também pelo silêncio que mais de quatrocentas mil pessoas mantiveram, por oito minutos, para que ele pudesse realizar suas orações em frente à imagem de Nossa Senhora, na capelinha das aparições.⁵⁸

[...] no dia seguinte, quando regressou a Roma, o que foi no sábado. No dia seguinte ele então fala desse silêncio impressionante dos fiéis, como eles conseguiram. Toda a gente ficou impressionada oito minutos em que trezentas, quatrocentas mil pessoas e toda a gente não precisou pedir, ficou em silêncio aquele momento de oração. Cativaram muita gente nesse silêncio que se experimenta aqui em Fátima, onde as pessoas podem se encontrar consigo mesmo. Podem estar a sós com Deus ou em diálogo com Nossa Senhora e a gente fica tocado mesmo por isso, e isso que o diferencia por exemplo em relação aos outros santuários. (MARTO, 2017).

Nesse pensamento, o Cardeal Dom António Marto ainda complementa: “O Santuário, por natureza, é um espaço sagrado. Portanto de interioridade, de oração de todos os sentidos da palavra de Deus. De meditação, por conseguinte, de silêncio interior.” (MARTO, 2017). Desde seus primeiros documentos, um local pensado para a peregrinação; é natural que haja um direcionamento de sentido que contemple as razões intrínsecas dos peregrinos, quando em deslocamento para esse espaço. Assim, o Santuário de Fátima se identifica, desde os primeiros anos, como um *Lugar de Peregrinação e Sentido*, devido ao regramento, à história, à tradição e aos estudos científicos, para manter sua característica, sempre tendo como objetivo a transmissão da Mensagem de Fátima. Essas ações só cumprem sua razão de existir no momento em que propiciam oportunidades para que o peregrino vivencie, em sua totalidade, o espírito da Mensagem de Fátima. José Nuno Ferreira da Silva, diretor do Serviço de Pastoral Juvenil do Santuário de Fátima, relata:

O século XX gerou um novo tipo de sofrimento humano, sem precedentes na História, e eu definiria de uma maneira muito sintética com o sofrimento existencial que é precisamente a questão do sentido da vida. Ou do não sentido que a vida tem [...] quando falo de sofrimento existencial não estou a pensar, a reduzir a questão das doenças de foro psiquiátrico ou psíquico.

⁵⁸ Anexo F, Figuras: 4; 10; 11; 22.

É muito mais do que isso, é o sofrimento espiritual, é o sofrimento do homem que se interroga nesta época marcada por uma grande confusão que uma grande diluição de tudo aquilo que eram as certezas. (SILVA, 2017).

O desejo de encontrar um sentido para as próprias crises existenciais, que comumente, assolam o ser humano, encontra nesse local de peregrinação e sentido uma resposta que, ao menos, tenta dirimir essa busca pelo complemento da própria essência. Nesse intuito, a percepção dos gestores do Santuário de Fátima parece apropriada quando, comparada ao estudo da linha psicoterápica da logoterapia, assume a responsabilidade de oferecer resposta para o questionamento de sentido, apresentado por esses peregrinos.

Fátima dirige-se outro tipo, o homem que experimenta a sua fragilidade num outro domínio, que é o domínio do sofrimento existencial. Um sofrimento muito próprio que começou no século dos horrores das guerras mundiais, que é o sofrimento existencial. O século XX é determinado por algumas correntes filosóficas e uma daquelas mais determinantes e mais marcantes é o existencialismo. [...] É por isso que, em Fátima, a mensagem de Fátima tem alguns dados que devemos considerar neste contexto cultural mais vasto que nos ajudam a perceber que a palavra dada aqui é uma palavra diferente da palavra dada em Lourdes. Aqui a palavra destina-se ao homem que é sujeito desse sofrimento específico que o século XX gerou. (SILVA, 2017).

No momento em que Silva (2017) aponta que, em Fátima, a palavra é destinada ao sofrimento específico que o século XX gerou, o Santuário de Fátima assume um papel que transpassa a própria realidade confessional e religiosa do santuário em prol da dignidade plena do ser humano. O Santuário soma, em sua história, mensagens e recursos para, junto com o estudo científico, proporcionar tentativas de cura para as doenças que afligem o ser humano contemporâneo.

A grande questão é a busca de sentido. Isso é possível. Curar a pessoa de sua doença psíquica a partir do momento em que se é capaz de enxergar um sentido novo para a sua existência. A palavra que Deus dá, aqui, é uma palavra logoterapêutica. (SILVA, 2017)

Ao mesmo tempo, por óbvio, essas respostas estão alicerçadas na crença dessa instituição, escolhida pelos peregrinos, no momento em que se dispõem a visitar um santuário católico.

Temos que ter consciência disto, sobre o Peregrino como alguém em busca de sentido e um sentido que é, o sentido que intuitivamente é percebido no acolhimento oferecido pela mãe de Jesus. [...] Este sentido, aquilo que procuramos desenvolver pastoralmente, é materializar, é concretizar esta

oferta do coração da mãe de Deus, da mãe de Jesus, como um lugar em que as pessoas possam encontrar o que procuram, quando procuram um refúgio, que é consolação, que é conforto, que é proteção, e é precisamente o sentido para a vida quando a vida se vê posta em causa, quando o sentido da vida se vê posto em causa, pela experiência do sofrimento. (SILVA, 2017).

Para isso, assumir a identidade de um lugar de *peregrinação e sentido* torna o Santuário de Fátima um espaço que, se não diferente, que causa a diferença naqueles peregrinos dispostos a vivenciar o que ele oferece.

Não por acaso, no centro do Santuário, no meio do Recinto de Oração, está a imagem do Sagrado Coração de Jesus,⁵⁹ que – naquele espaço – simboliza a ideia de Jesus como centro de toda a existência.⁶⁰ Ao lado, Maria, na capelinha das aparições e entre as duas basílicas existentes no Santuário, como em um sinal da cruz,⁶¹ em que: o “Em nome do pai”, seria a Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima; o “Em nome do Filho”, a Basílica da Santíssima Trindade; “Em nome do Espírito Santo”, o prédio administrativo e a capelinha das aparições; e o “Amém”, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, ao centro do Santuário. Fátima, como um lugar de oração e sentido, em que a própria arquitetura do espaço auxilia na simbologia da identidade que se deseja transmitir, busca oferecer significados através da mensagem e das estruturas da própria religião aos seus visitantes, de forma especial aos, assumidamente, peregrinos.

[...] o Santuário pode proporcionar a fazer parte do caminho de vida daquela pessoa, o itinerário de vida daquela pessoa que procura os santuários também como possibilidade experiencial a busca de sentido. E acreditamos que em toda a busca de sentido há procura de Deus e de Jesus Cristo. (COUTINHO, 2017).

Essa identidade, carregada de simbologia, manifesta pela própria história, mensagem, pelo regramento e pelas atitudes dos funcionários e voluntários do Santuário de Fátima foi alvo de reflexão do Papa João Paulo II, em sua visita à Fatima, em 1982. Naquela ocasião, o Papa João Paulo II revela conhecer bem,

⁵⁹ Anexo F, Figuras: 19;20; Anexo H, Figuras: 70; 71; 72.

⁶⁰ “Logo no início do desenvolvimento físico do Santuário, uma estátua do Sagrado Coração de Jesus adquiriu centralidade em relação à ‘Capelinha’ e à futura Basílica do Rosário. Esta estátua manteve-se, resistindo às sucessivas transformações do recinto do Santuário”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, ESTATUTOS, 2006, p. 23).

⁶¹ Gesto de identificação no catolicismo.

[...] por experiência direta, o valor dos vossos serviços e dedicação, para assistir e ajudar os peregrinos a sentirem-se bem, neste local abençoado. Mas conheço e avalio ainda mais o que, consciente ou inconscientemente, fazeis com generosidade e sacrifício, para proporcionar um encontro de amor, pela Mãe celeste, com o Pai que está nos Céus, e para alentar, no coração da cada peregrino, a fé e o sentido cristão da vida. (JOÃO PAULO II, 1982b).

Diante desse reconhecimento pontifício, o art. 10 dos Estatutos do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima parece surtir efeito no momento em que orienta, como uma das competências do reitor do Santuário, promover: “com solicitude de caridade pastoral, o adequado acolhimento aos peregrinos, de modo que a sua peregrinação seja um momento forte de evangelização, conversão e adoração, segundo o espírito da Mensagem de Nossa Senhora”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, 2006, artº 10, p. 10).

Nessa análise, torna-se evidente que há diferença entre romaria e peregrinação. O lugar de peregrinação oferece uma série de ações que oportunizam espaços de sentido e de recolhimento que acolhe os peregrinos.

Assim, percebe-se – quer pelas vozes dos entrevistados, quer pelos documentos da Santa Sé sobre o tema, ou pela documentação interna – o caráter identitário-católico do Santuário de Fátima, ao assumir ser um *Lugar de Peregrinação* e de *Sentido*, pelo significado e pela significância que revestem o espaço-destino ao peregrino.

5.2 O sentido do acolhimento humano, pastoral e espiritual

A primeira carta de apresentação do Santuário é o acolhimento. (MARTO, 2017).

Para os gestores do Santuário de Fátima, o acolhimento é um fator essencial para o exercício das atividades diárias do espaço, sendo considerado uma missão institucional. O art. 1º do Estatuto do Santuário de Fátima defende que “o seu desenvolvimento seguiu o aumento progressivo do número de peregrinos, cujo acolhimento humano, pastoral e espiritual é a sua principal razão de ser”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatuto, 2006, p. 03). No entendimento do reitor do Santuário, o acolhimento humano “tem a ver fundamentalmente com o impacto que o peregrino tem ao contatar com o Santuário”. (CABECINHAS, 2017).

Em nível de acolhimento humano nós procuramos que **os que dão rosto** ao Santuário no contato com o Peregrino, possam **criar empatia** com o próprio peregrino. Estamos a pensar em quê? Estamos a pensar nos vigilantes. Muitas vezes, nos espaços de celebração, estamos a pensar em todas as pessoas que estão nos postos de atendimento, seja nas informações seja nas recepções das casas, seja nossos vários serviços. Aquilo que pedimos a estes nossos colaboradores é que procurem criar empatia, de forma que aquele que chega se sinta efetivamente acolhido, isto é, bem-vindo, bem recebido. (CABECINHAS, 2017).

O **contato e a empatia** são atributos vistos pelos entrevistados como fundamentais. O contato, o toque, a empatia, as decisões e as ações que ocorrem entre o visitante – independentemente de sua crença ou motivo da visita – e o Santuário propiciam que, além de um lugar de peregrinação e sentido, seja também um lugar de acolhimento sem distinção. Um lugar de acolhimento humano.

A procura de um agir com sentido, orientado para a realização de valores pressupõe uma visão global da vida, do mundo e do homem. A religião e a fé proporcionam precisamente esta concepção global de vida, essa visão de mundo e do homem que constitui o pano de fundo perante o qual desenrolam-se as decisões e ações humanas. (COUTINHO, 2004, p. 364).

Nesse direcionamento de agir com sentido, orientado para a realização de valores, Di Sante propõe ao ser humano à imitação da hospitalidade de Deus, que acolhe o homem “não para dizer à inteligência humana que Deus é hospitaleiro, mas antes para prescrever a vontade do homem que deve ser hospitaleiro e, assim, desvelando o sentido do humano como humano hospitaleiro”. (DI SANTE, 2012, p. 72).

Essa proposta de hospitalidade, sem designar quem deve ou não receber o olhar e as atitudes do acolhimento, distingue esse espaço como um lugar de acolhida humana. Dessa forma, atende-se ao que Baptista alerta:

[É] urgente transformar os espaços em lugares de hospitalidade. Não uma hospitalidade convencional ou artificial, reduzida a um ritual de comércio e falsa cortesia, mas uma hospitalidade ancorada no carinho e na sensibilidade que só podem ser dados por outra pessoa. (BAPTISTA, 2002, p. 162).

Todavia, Cabecinhas (2017) explica: “Só este acolhimento humano não esgota aquilo que é o acolhimento do Santuário.” Para complementar a compreensão de acolhimento, idealizada e proposta pelo Santuário, contempla-se também “o acolhimento pastoral [...], e o acolhimento espiritual”. (CABECINHAS, 2017). Para ele,

[...] o acolhimento é, também, um acolhimento pastoral. Quer dizer que **o Peregrino que chega tem expectativa de contatar com a realidade de Fátima e com a Mensagem de Fátima**. A esse nível, de acolhimento pastoral, nós temos variada oferta pastoral do santuário, que tem a ver com: as várias celebrações; tem a ver com a possibilidade, por exemplo, de visita aos espaços das basílicas, seja da Basílica do Rosário, seja da Basílica da Santíssima Trindade; a visita às casas dos pastorzinhos; a visita às Exposições, seja as exposições permanentes, aqui nesse espaço, seja a exposição temporária. Tudo isso faz parte do nosso acolhimento pastoral. Mas também a esse nível se situam, ou são partes dos nossos serviços de atendimento pastoral, concretiza-se, por exemplo, no Serviço dos Peregrinos que organiza, que faz a marcação e organiza as várias peregrinações. Concretiza-se no serviço de liturgia, que cuida da qualidade celebrativa e organização dos diversos momentos celebrativos. Passa por um Serviço dos Doentes que acolhe os doentes e lhes proporcionam várias atividades. Portanto temos todo um conjunto de respostas que procuram ser acolhimento pastoral. O Peregrino que vem e que procura, da nossa parte, uma resposta. Temos por exemplo aqueles cursos da Mensagem de Fátima, que fomos promovendo e, portanto, tem também este acolhimento pastoral. (CABECINHAS, 2017).

Para esse acolhimento, em que o rosto, a voz e todos os sentidos do Santuário simbolicamente transsubstanciam-se no trato das ações de hospitalidade com os visitantes e peregrinos, determinadas ações sobressaem-se mais que outras, em distintos serviços. Destaca-se o apresentado pelo Padre José Nuno Ferreira da Silva, diretor do Serviço da Pastoral Juvenil e capelão para os peregrinos de Língua Portuguesa do Santuário de Fátima. O acolhimento, em Fátima, busca ser, sobretudo, um acolhimento materno⁶² para um ser humano órfão, que pode ainda não ter total noção da própria orfandade, mas que deseja sua completude existencial, de amor materno, para preencher suas crises existenciais.

Há uma questão de contextualização antropológica, teológica, que eu veria deste modo: **Em Fátima a figura capital, que é procurada, como meta da peregrinação, é uma figura materna. É mãe de Deus e nossa mãe. Isso remete para experiência de hospitalidade mais conseguida na nossa vida, porque não temos memória consciente, mas está registrada no nosso DNA, nas nossas células, que a experiência de sermos perfeitamente acolhidos no ventre materno.** [...] uma grande parte dos peregrinos vem movidos por experiências vitais de grande sofrimento. E é

⁶² As manifestações sobre os Santuários serem como “Casa da Mãe” para os fiéis católicos são fartamente encontradas nos pronunciamentos de diversos papas. Destaco: “Os Santuários são lugares que dão testemunho da especial presença de Maria na vida da Igreja [...] são como a Casa da Mãe, lugares para deter-se e descansar ao longo do caminho que leva a Cristo [...] são autênticos Cenáculos onde todas as categorias de fiéis têm a gozosa possibilidade de se submergir na oração intensa com Maria, a Mãe de Jesus” (JOÃO PAULO II, Angelus 21 jun. 1987). “Quanta alegria me dá vir à Casa da Mãe de cada brasileiro, o Santuário de Nossa Senhora Aparecida [...] A Igreja, quando busca Cristo, bate sempre à Casa da Mãe e pede ‘Mostra-nos a Jesus’ [...] Vimos bater à porta da casa de Maria. Ela abriu-nos, fez-nos entrar e aponta o seu Filho. Agora Ela nos pede: ‘Fazei o que Ele vos disser’”. (FRANCISCO, 2013b, p. 17-19).

precisamente quando a experiência que se faz é do sofrimento que mais se procura o ventre materno, o regaço materno. (SILVA, 2017).

Em manifestação próxima a de Silva, o diretor-administrativo do Santuário explica:

[...] procuramos certamente e cremos construir o acolhimento e a hospitalidade aos peregrinos de Nossa Senhora, ou seja: os peregrinos, vem à casa de Nossa Senhora, que é o santuário, e o que nós potencializamos e cremos é que, ao chegarem sintam que estão a entrar na casa de Nossa Senhora, onde encontram um ambiente de paz. Onde encontram um ambiente de silêncio. Onde encontram colaboradores que lhes prestam respostas às suas inquietações, às suas necessidades, que sabem o encaminhar, que sabem responder-lhe as mais diversas questões, muitas vezes sobre a própria Mensagem de Fátima. **Portanto, essa é a hospitalidade, esse é o trabalho que se tem que fazer, de acolhimento, de receber quem vem à casa de Nossa Senhora, como quem vai à casa do outro, uma outra pessoa amiga, uma pessoa de confiança, como quem vai à casa da mãe.** Saímos da casa da mãe, em busca da nossa história. Mas sempre que voltamos à casa da mãe sentimos que somos acolhidos, que há uma hospitalidade especial de carinho, de paz, de diálogo. (SARAIVA, 2017).

Dessa forma, e para o sucesso desse acolhimento específico – como na casa da mãe – o Santuário de Fátima propõe uma conscientização para atitudes de acolhimento, plenas de sentido, que transmitem um sentido teleológico para a hospitalidade desenvolvida nesse espaço. Identificada nas atitudes de acolhimento, a cada serviço é atribuída uma parcela específica da vida administrativa e pastoral do Santuário, que necessita da boa execução do todo para alcançar o êxito das ações de hospitalidade.

Todavia, ao acolhimento pastoral também não é resumido o acolhimento pleno⁶³ por parte do Santuário. É apresentada uma especificidade do acolhimento que pretende aprofundar e (re)construir a própria identidade católica no peregrino. A esse acolhimento dá-se o nome de *Acolhimento Espiritual*, e, por ele, desenvolve-se a profunda essência do *Sentido do Acolhimento e da Hospitalidade*, em Fátima. Com um chamado às práticas da religião, é incentivada a experiência e execução dos ditames religiosos de uma maneira voluntária e espontânea, por partes dos peregrinos. “[...] é importante o Santuário de Fátima criar condições, por um lado, para que os peregrinos vivenciem aquela experiência Cristã fundamental da hospitalidade.” (COUTINHO, 2017). Assim, o Santuário oferece possibilidades de

⁶³ Entende-se por acolhimento pleno a integração do acolhimento humano, pastoral e o espiritual.

vivência católica, como um gesto que pode ser aceito ou não por parte dos visitantes e peregrinos. Cabecinhas entende esse Acolhimento Espiritual,

[...] fundamentalmente, em nível ou concretizado nas confissões. Aí temos a forma por excelência do acolhimento espiritual ao peregrino. O Papa Francisco quando esteve cá, no momento de conversa pessoal, falou especialmente das confissões e recomendou: “Diga os confessores que sejam misericordiosos e que acolham bem os peregrinos, os penitentes”. E um pouco depois, já quando estávamos na visita à Basílica do Rosário, voltou-se para mim e disse: “Não se esqueça de dizer aos que colaboram consigo no santuário que sejam acolhedores e misericordiosos”. Foi algo que me tocou particularmente. (CABECINHAS, 2017).

Experiência, ainda, especificada quando relembra nova conversa com o Papa Francisco sobre esse pedido de acolhimento misericordioso dos padres do Santuário, no ambiente do confessionário.

No dia trinta nós tivemos uma audiência que Dom António tinha pedido ao santo padre: 30 de setembro. Uma audiência com o santo padre para agradecer à vinda do Papa nos dias 12 e 13 de maio. O Sr. Dom António, quer a mim, quer o Padre Vítor Coutinho, como vice-reitor do Santuário, mais a postuladora. Fomos os três acompanhar o Sr. Dom António. E no diálogo com o Papa, foi de facto um diálogo muito enriquecedor, o santo padre voltou-se para mim precisamente para recordar a questão da misericórdia e perguntou: *Como que estão as Confissões do Santuário?* O que é muito significativo porque, por um lado mostra que o papa não disse aquelas palavras por dizer, mas também é significativo porque mostra que não se esqueceu daquilo que tinha me dito particularmente. E aí voltou esta questão, perguntou expressamente e quando eu respondi depois é que se referiu esta questão da Misericórdia, o lugar e importância do Santuário como Casa de Misericórdia. (CABECINHAS, 2017).

Dom António Marto também destaca esse momento:

Pedimos audiência ao papa para lhe agradecer. Então foi no dia 30 de setembro. Nos recebeu em grupo e manifestou a alegria, o contentamento de vir em Fátima, e disse que a peregrinação dele foi uma bênção para ele, para a Igreja. Depois quis saber da vida do Santuário, e uma das coisas que quis saber foi exatamente como estava organizado o serviço de Confissões. E recomendou que se dissesse aos confessores que sejam misericordiosos. A misericórdia quer dizer acolher as pessoas, escutá-las, dar perdão, curar as feridas. Explicou, assim, de uma maneira simples que sejam misericordiosos. Disse três vezes. (MARTO, 2017).

O entendimento do ser misericordioso é apropriado ao proposto sobre o *Sentido do Acolhimento e da Hospitalidade*, ao ser compreendido pelas próprias palavras do entrevistado. Para o cardeal Dom António Marto, a misericórdia, tão insistentemente pedida pelo Papa Francisco ao tratar da questão das confissões no Santuário, “é uma forma de acolhimento. Exatamente o acolher com misericórdia. A

misericórdia é amor, bondade, proximidade, compreensão do outro sem estar a fazer o juízo”. (MARTO, 2017). Também, Coutinho destaca que,

[...] do ponto de vista sacramental, há toda uma estrutura de acolhimento que passa desde as Confissões, que têm horário permanente, a parte das celebrações litúrgicas. Temos também o serviço de acolhimento espiritual, de atendimento espiritual, de pessoas que vêm com as suas dificuldades de vivência espiritual. (COUTINHO, 2017).

Cerrada (2017) atribui ao atendimento no confessionário sua principal função como capelão para os peregrinos de língua espanhola.

[...] no confessionário eu, na forma pessoal, e eu gosto muito disso, e me parece a fórmula que utilizou Jesus Cristo, sempre pessoa a pessoa. [...] é descobrir a realidade de cada um, e dar a resposta desde Deus a cada umas das realidades. Isso é muito importante, e no confessionário se pode fazer muito bem, porque se trata cada peregrino independentemente da cor, da nacionalidade e de acordo com a sua situação pessoal. Não somente uma resposta humana, mas espiritual da graça de Deus, trabalhando neste coração, nesse momento. (CERRADA, 2017).

Ao tratar o espaço das confissões como um local específico para o exercício do acolhimento e da hospitalidade católica, destaca-se a preocupação para a existência de uma comunicação eficiente, tendo em vista a diversidade das nacionalidades dos peregrinos que procuram esse momento em Fátima.⁶⁴ Ao utilizar o *rostro* como um simbolismo impactante no trato das questões de hospitalidade, é pela compreensão desse rosto, através da fala e da escuta, que se torna possível a relação de um como o outro. Mendonça propõe que “a escuta talvez seja o sentido de verificação mais adequado para acolher a complexidade do que uma vida é.” (2016, p. 107). Colocar-se à escuta apresenta-se como um grande gesto de hospitalidade humana e também cristã. “Quando a voz de Deus nos diz ‘escutai’, Jesus não está propriamente nos dizendo nada. O sentido deste ‘escutai-o’ é ‘acolhei-o’. [...] É a escuta que nos dá o sabor da presença”. (MENDONÇA, 2016, p. 111).⁶⁵

Diante do exposto, o *Sentido do Acolhimento e da Hospitalidade*, em Fátima, permeia o sentido que as atitudes de acolhimento possuem, quando revestidas de princípios confessionais. “Estamos muito presos às nossas resistências, nossos medos e indefinições, como se pesassem mais os nossos entraves do que a

⁶⁴ Anexo E, Figuras : 8551; 201064; 201278. Anexo F, Figuras: 12; 13; 14; 15; Anexo G, Figuras: 28; 31; 46; 49; 55; 56.

⁶⁵ Mendonça se refere à passagem bíblica constante em Mc 9, 2-10.

hospitalidade para a qual o Senhor nos convoca”. (MENDONÇA, 2016, p. 76). Já Torralba (2010) reflete que “[...] escutar é acolher, dar tempo e espaço ao outro, arranjar um sítio onde ele possa caber”. (TORRALBA, 2010, p. 31). Percebe-se, então, que através da hospitalidade da escuta, permite-se acesso aos visitantes e peregrinos e, por ela, confortam-se todos aqueles que colocam em seu destino a passagem pelo Santuário de Fátima.

[...] muitas pessoas vêm à procura de! Cada um tem a sua situação pessoal. Uns para sarar “feridas”, outros para buscar sentido, outros para fortalecer a sua fé, outros para tirar fora seus medos e preocupações, outros para descobrir forças para continuar a luta, outros para mudar ou descobrir a sua vocação, são muitas realidades que as pessoas trazem para cá. (CERRADA, 2017).

Diante das diversas motivações dos visitantes que procuram o Santuário de Fátima, reconhecer as ações de hospitalidade como forma de imitar as ações de Deus no trato com o próximo, como obras de misericórdia, aproxima o *sentido* do realizado pelo Santuário, com o *sentido* das ações de hospitalidade encontradas no decorrer da História, em diferentes crenças. “No ensino de rabinos, a hospitalidade é listada entre as obras de misericórdia, que seriam executadas em imitação de Deus para obter misericórdia e recompensa do Senhor.” (PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONE E TURISMO, 1987b, p. 189, tradução nossa).

Ao cumprir a missão principal do Santuário: “Acolher os peregrinos. Essa é a missão principal do Santuário de Fátima” (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 20), coloca-se à disposição dos visitantes uma série de oportunidades intrínsecas à crença, que auxiliam no desenvolvimento interior e exterior da pessoa. Esse posicionamento encontra alicerce nas orientações sobre os santuários, encontradas no Código de Direito Canônico, quando declara:

Nos Santuários ponham-se à disposição dos fiéis meios de salvação mais abundantes, com o anúncio da palavra de Deus, o fomento da vida litúrgica, principalmente por meio da celebração da Eucaristia e da penitência, e ainda com o cultivo de formas aprovadas de piedade popular. (JOÃO PAULO II, CDC, 1983, Cân. 1234, § 1).

5.3 Lugar de acolhimento para vivência da mensagem de Fátima

O acolhimento, no Santuário de Fátima, como modelo de hospitalidade calcada em gestos e atitudes individuais (voluntários ou funcionários), institucionais

e culturais reverbera no próprio estatuto do Santuário, quando afirma que “a principal missão do Santuário de Fátima é acolher os peregrinos e propor-lhes a vivência da Mensagem de Fátima”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 4).⁶⁶

Para melhor concepção desse aspecto, que consta no Estatuto do Santuário de Fátima, é preciso recuperar, nesse tom, estes dois entendimentos: Mensagem e Fátima. Em Duque (2017), busca-se uma compreensão, no aspecto lato, sobre essa Mensagem, que está tenazmente ligada à Fátima e ao catolicismo:

Celebra-se em 2017 o primeiro centenário das aparições ou manifestações da Virgem Maria em Fátima, precedidas de várias manifestações de um anjo, segundo o relato de três crianças pastoras. Nesses acontecimentos foi comunicada, a esses três pastorinhos, uma mensagem muito própria, que entretanto ficou conhecida como “Mensagem de Fátima”. Embora inclua elementos reservados, que se tornaram conhecidos como ‘segredos de Fátima’, não se trata, contudo, de uma mensagem secreta, mas de elementos fundamentais da mensagem evangélica, aplicados ao contexto local e temporal. Por outro lado, este conteúdo comunicativo é apenas uma parte do conjunto do fenómeno Fátima, que é muito mais vasto. (DUQUE, 2017, p. 07-08).

Duque ainda esclarece o que, então, compõe Fátima como experiência divina e humana, bem como seu matiz para o acolhimento contemplativo.

Fátima é, antes de tudo, Maria e sua mediação. Começamos, pois, por compreender o valor mediador de Maria, tal como aí é venerada, compreendendo-a antes de tudo como santuário pessoal, para Deus e para os humanos. Mas a mediação central de Maria é preparada pedagogicamente pela mediação do Anjo, que convoca à entrada, num outro espaço e num outro tempo. Mesmo que, no conjunto do acontecimento de Fátima, o lugar do anjo se tenha tornado secundário, não podemos esquecer o seu papel de condutor, de arauto que convida a uma experiência diferente, que genericamente pode ser compreendida como experiência contemplativa. Por isso, a sua função propedêutica, que realizou em relação aos Pastorinhos, continua a ser importante, para que qualquer peregrino, que só penetra no âmago de Fátima se responder ao convite do Anjo para entrar em atitude de contemplação, atitude própria ao habitante do santuário. (DUQUE, 2017, p. 49-50).

Na questão do sentido do acolhimento, em Fátima, cabe ressaltar a utilização desse acolhimento para uma causa maior: a vivência da Mensagem de Fátima. Em um sentido estritamente ligado ao catolicismo, o Santuário, assim, elege

⁶⁶ Para uma compreensão mais aprofundada do que seja a mencionada “Mensagem de Fátima”, sugere-se a leitura das seguintes obras: Memórias da Irmã Lúcia I (LUCIA, 2015, 17. edição, Fundação Francisco e Jacinta Marto, Fátima); Memórias da Irmã Lúcia II (LUCIA, 2016, 6. edição, Fundação Francisco e Jacinta Marto, Fátima); Fátima, uma aproximação (DUQUE, 2017, Paulinas, Prior Velhor, Portugal).

o trato das atitudes de acolhimento⁶⁷ como objetivo primeiro de sua razão de ser. Portanto, retoma-se o respaldo em Levinas, no momento em que as ações do Santuário, dessa forma organizadas, propõem oferecer significado àqueles gestos de hospitalidade do Santuário católico,⁶⁸ como um meio para um fim maior, que tem significado intrínseco no próprio motivo da ação, resguardados, inclusive, na determinação estatutária do Santuário, que declara: “Acolher os peregrinos: Essa é a missão principal do Santuário de Fátima” (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 20), mas, ao mesmo tempo, condiciona esse modelo de acolhida como uma forma que permita ao visitante a “vivência da Mensagem de Fátima”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 4).

A aproximação ao “Segredo de Fátima” com o aspecto teleológico da hospitalidade, surge através da compreensão de um pedido feito nas aparições, por atitudes empáticas dos seguidores e peregrinos. O convite à empatia, através do cumprimento do solicitado nas aparições, tem como promessa a salvação das almas dos crentes que, voluntária e verdadeiramente, acolhem a Mensagem e colocam em prática essa nova conduta de vida. Dessa forma, parte-se da primeira parte do Segredo, em que é apresentado o inferno àquelas três crianças-pastoras. Em suas memórias, Lúcia recorda:

Bem o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar. A primeira foi pois a vista do inferno! Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em êsse fogo os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou bronzizadas com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que d’elas mesmas saiam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das folhas em os grandes incêndios sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguíam-se por formas horríveis e ascosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à nossa Mãe do Céu; que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição) se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor. (LÚCIA, 2015, p. 207-208).⁶⁹

⁶⁷ Que aqui também podem ser compreendidos como os Valores Criativos (FRANKL, 2003) e De Jesus, L. (2018).

⁶⁸ Que também encontra respaldo na Logoterapia, quando De Jesus, Luciano, assinala: “Hoje assistimos estarecidos a tantos movimentos lamentáveis proliferando-se pelo mundo: xenofobia, racismo, intolerância, fundamentalismo de diferentes jaezes. Por outro lado, vemos crescer o bellissimo movimento do voluntariado, as pessoas querem fazer mais, além do seu trabalho remunerado, pelas outras pessoas, pelos animais, pela preservação do ambiente. Saindo de si, gratuitamente, realizam um valor criador capaz de dar muito sentido à sua vida. (2018, p. 45).

⁶⁹ A primeira e a segunda parte do Segredo foram escritas pela Irmã Lúcia, a pedido do bispo de Leiria-Fátima Dom José Alves Correia da Silva, em 31 de agosto de 1941.

Nessa narrativa do que viu em 13 de julho de 1917, Lúcia narra a visão do inferno e, logo em seguida, apresenta a segunda parte do Segredo para a melhor compreensão do que ocorria.

Em seguida, levantámos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza: – Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite, alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz. (LÚCIA, 2015, p. 208).

Joseph Ratzinger (2015, p. 228) sintetiza: “[...] como palavra-chave da primeira e segunda parte do segredo, a frase ‘salvar as almas’” e essa palavra-chave acompanha o raciocínio teleológico da hospitalidade; quando se oferece, por parte do peregrino, penitência e sacrifício, cria-se empatia e gera-se uma atitude de acolhimento, com o objetivo da salvação das almas de pessoas que, muitas vezes, nem se conhece. Lúcia atribui à Nossa Senhora o seguinte pedido: “Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas”. (LÚCIA, 2015, p. 92).

Esses pedidos foram atendidos pelos três pastorinhos já a partir da primeira aparição. Novamente em suas memórias, Lúcia narra o seguinte acontecimento:

No dia 13 de junho [...] eis que pouco depois de romper o sol me vai chamar meu irmão: que viesse à casa, pois estavam várias pessoas que me queriam falar. Ficou, pois, ele com o rebanho e eu vim ver o que queriam. Eram algumas mulheres e homens que vinham dos sítios de Minde, dos lados de Tomar, Carrascos, Boleiros, etc. Estes locais ficam numa área de 25 km de Fátima – e que desejavam acompanhar-me à Cova de Iria. Disse-lhes que ainda era cedo e convidei-os a ir comigo à Missa das 8. Depois voltei para casa. Esta boa gente esperou por mim, no nosso pátio, à sombra das nossas figueiras. [...] Aí pelas 11 horas, saí de casa, passei por casa dos meus tios, onde a Jacinta e o Francisco me esperavam, e lá vamos para a Cova de Iria, à espera do momento desejado. (LÚCIA, 2015, p.82-83).

Desse texto ressaltam-se importantes aspectos: o primeiro, é a já existência de peregrinos à Cova da Iria, Fátima, em 13 de junho de 1917. Esses peregrinos estavam em distâncias que chegavam a quase 25 km, mesmo sem consciência do que aconteceria. Lúcia, com apenas 10 anos, dita o rito daquele acolhimento em sentido de peregrinação. Convida-os a participarem da celebração eucarística (missa) e arranjou um espaço “à sombra” para os peregrinos esperarem o horário para o encontro com Jacinta e Francisco. Deslocaram-se, juntos, à casa dos primos, em peregrinação, e caminharam então à Cova da Iria, local em que rezaram o rosário.

Percebe-se que, apenas um mês após a primeira aparição, Lúcia, Jacinta e Francisco já tinham presentes as determinadas etapas que, hoje, compõem a ideia da peregrinação: O caminho, a espera, a participação na missa, a recitação do rosário, os sacrifícios, os pedidos à Nossa Senhora, e os posteriores agradecimentos dos peregrinos – que Lúcia sempre aponta em suas Memórias – que retornavam para agradecer. Essas ações podem ser vivenciadas, ainda hoje, ao constatar-se, nos bastidores do Santuário, uma organização

[...] do culto de forma que o peregrino tenha missas, tenha terços, rosários, o exercício da Via Sacra, capelas onde pode apoiar-se no sacramento da Reconciliação, da confissão. Portanto, todos estes serviços, o lava-pés, quando chega cansado da viagem. (DUARTE, 2017).

A divulgação da terceira parte do Segredo de Fátima, no ano 2000, clarificou esse pedido incessante por oração, confissão e sacrifício, presente na Mensagem de Fátima. O Cardeal Bertone (2015, p. 197) expõe: “Fátima é, sem dúvida, a mais profética das aparições modernas”, e a terceira parte do Segredo explica bastante esse fato.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fôgo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n’uma luz imensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem as pessoas n’um espelho quando lhe assam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe

dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns atrás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'êles recolhiam o sangue dos Martires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus. (LÚCIA, 2015, p. 213).⁷⁰

Ratzinger esclarece: “A palavra-chave desta parte do ‘segredo’ é o tríplice grito: ‘Penitência, Penitência, Penitência!’ Volta-nos ao pensamento o início do Evangelho: ‘*Pœnitentini et credite evangelio*’ (Mc 1, 15).” (RATZINGER, 2015, p. 228). Essa interpretação sobre a terceira parte do Segredo de Fátima, apresentada pela Igreja Católica através do Cardeal Ratzinger, reforça a ideia da importância de ser um lugar de *peregrinação* e *sentido*, por parte do Santuário católico. Alinhado a esse raciocínio, o art. 1º do Estatuto do Santuário de Fátima esclarece: “O Santuário de Fátima é, na sua essência, um local de peregrinação, motivada pelo carácter sobrenatural do acontecimento fundante, as aparições de Nossa Senhora aos três Pastorinhos”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 3).

Não caberia a terceiros pormenorizar e procurar diferentes interpretações daquelas apresentadas pela própria instituição que detém a profecia e a Mensagem, sendo esta uma interpretação profética de revelação particular, no âmbito da Igreja Católica. Dessa forma, o comentário teológico do Cardeal Ratzinger (RATZINGER, 2015) encerra as previsões escatológicas que muitos esperavam sobre essa terceira parte do segredo. Essa interpretação existe há quase vinte anos e dispensa, ao menos nesta pesquisa, interpretações que fogem dos temas da *Peregrinação*, do *Sentido* e da *Teleologia da Hospitalidade*; compete, então, destacar, de toda uma densa visão profética, as partes relacionadas ao tema em voga.

Nesta imagem, pode-se ver representada a história dum século inteiro. Tal como os lugares da terra aparecem sinteticamente representados nas duas imagens da montanha e da cidade e estão orientados para a cruz, assim também os tempos são apresentados de forma contraída: na visão, podemos reconhecer o século vinte como século dos mártires, como século dos sofrimentos e perseguições à Igreja, como o século das guerras mundiais e de muitas guerras locais que ocuparam toda a segunda metade do mesmo, tendo feito experimentar novas formas de crueldade [...] Deste modo, a visão da terceira parte do ‘segredo’, tão angustiante ao início, termina numa imagem de esperança: **nenhum sofrimento é vão**, e precisamente uma Igreja sofredora, uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus. **Não se trata apenas de**

⁷⁰ A Terceira parte do segredo consta da aparição de 13 de julho de 1917, escrita em 3 de janeiro de 1944 e guardada pelo bispo de Leiria-Fátima até 4 de abril de 1957, quando foi entregue ao Arquivo Secreto do Santo Ofício. Divulgada, após autorização do Papa João Paulo II, em 13 de maio de 2000 e publicada em 26 de junho de 2000.

ver os que sofrem acolhidos na mão amorosa de Deus [...] mas há algo mais: do sofrimento das testemunhas deriva uma força de purificação e renovamento, porque é a actualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica. (RATZINGER, 2015, p. 230-231, grifo nosso).

Novamente a questão do sofrimento é apresentada, mas agora como um fator que o “ser hospitaleiro” teria que observar e tentar dirimir de seu hóspede. Duque apresenta:

Pelo sofrimento, como livre doação de si em solidariedade com as vítimas do sofrimento absurdo, é denunciada a própria absurdidade do sofrimento e inaugurado um sentido diferente: o do sofrimento contra o sofrimento. Essa inauguração implica, pois, uma correspondente práxis cristã de luta pela libertação do sofrimento. Na ligação destas duas atitudes, que se encontram cruzadas no crucificado, que se evita uma relação ao sofrimento como destino aceitar; mas evita-se também uma relação meramente horizontal, a que corresponderia a ilusória pretensão de vencer totalmente, apenas pela intervenção humana e revolucionária nas relações sociais. Estabelece-se assim uma relação inevitável entre poética e pragmática, numa espiritualidade da ação com fundamento teológico. Porque no sofrimento como sacrifício – como livre doação de si mesmo – abre-se o caminho do acolhimento do perdão como possibilidade de futuro do humano, para além da absurdidade de todo sofrimento inútil. Esse caminho não passa ao lado do sofrimento, ignorando-o, mas absorve-o em si mesmo, esperando a sua superação a partir de dentro. O ritual do sacrifício, que no cotidiano de Fátima está ainda hoje muito presente, pode ser compreendido, assim, como uma das mais libertadoras formas de tornar eficaz entre os humanos a luta que, conosco e para nós, Deus trava contra o sofrimento que ainda acompanha absurdamente a sua criação. (DUQUE, 2017, p. 101).

Diante dessa interpretação sobre a terceira parte do Segredo de Fátima, e do apresentado por Duque (2017), compreende-se de forma mais natural a proposta peregrina feita aos pastorinhos de Fátima quando, em 13 de maio de 1917, Ihes é perguntado:

Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. [...] Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? [...] Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra. (LÚCIA, 2015, p. 175).

O contexto do sofrimento contemporâneo, para Duque, está relacionado a uma cultura da abundância, uma apatia que torna o ser humano propenso a uma fuga do sofrimento, próprio e do outro, em uma tendência generalizada de insensibilidade diante da dor existencial.

A capacidade de sacrifício assume, na sociedade atual, a fisionomia, já que se vive num contexto tendencialmente apático, insensível ao sofrimento do outro. Nesse sentido, poder-se-ia falar em forte pertinência sociopolítica do sacrifício e, por extensão, do acontecimento de Fátima. De facto, numa situação de típica crise cultural, são mais que evidentes os sinais de fuga do sofrimento, sobretudo através do encobrimento permanente do sofrimento dos outros, nomeadamente do sofrimento das vítimas inocentes e dos ignorados ou silenciados pela cultura da abundância. Seja através do desenvolvimento de uma explícita cultura do analgésico ou do narcótico, seja por todas as formas subtis encobertas de anestesia, como no caso da cultura mediática do espetáculo ou da satisfação no permanente ciclo do consumo, seja pelo próprio encobrimento da morte, que relegamos para um lugar culturalmente marginal, ou transformamos em espetáculo inofensivo – em todos esses casos podemos falar, talvez, de uma tendência generalizada para o desaparecimento da capacidade de sofrer, sobretudo da capacidade de ser sensível ao sofrimento dos outros. (DUQUE, 2017, p. 99).

Tanto Jesus, L. (2018) quanto Duque (2017) repelem a aceitação do sofrimento que não venha acompanhado de uma proposta de sentido para (ultra) passá-lo ou, ao menos, suportá-lo. A logoterapia desenvolve o conceito do sofrimento como um valor atitudinal para o crescimento humano da pessoa e, da mesma forma, repele a ideia do desejo de um sofrimento sem sentido, porque seria uma forma de masoquismo. “A atual sociedade hedonista e de consumo não permite lugar ao sofrimento. Não se trata aqui de desejar o sofrimento, isso é masoquismo e precisa ser tratado”. (JESUS, L., 2018, p. 48). No mesmo entendimento, Duque (2017, p. 100) compreende que, em Fátima, o sofrimento apresenta uma “configuração da fé cristã alternativa, em que a simpatia, enquanto capacidade de sofrer com o sofrimento do outro, é o núcleo da própria humanização e o caminho da salvação” e, dessa forma, “o valor do sofrimento não é afirmado por si mesmo – o que seria masoquismo –, mas em função da luta contra esse mesmo sofrimento, enquanto solidariedade pessoal”. (DUQUE, 2017, p. 100).

A compreensão do movimento das peregrinações; das atitudes de acolhimento, das ações intraculturais de hospitalidade e do sentido do acolhimento e da Hospitalidade, no Santuário de Fátima, passa, obrigatoriamente, pelo significado da Mensagem de Fátima, através da interpretação do seu segredo, “[...] o primeiro objetivo deste lugar é, antes de ser inclusivamente da difusão da mensagem que aqui foi deixada, o acolhimento daqueles que querem viver esta mensagem aqui”. (DUARTE, 2017). Ainda explicita o valor das atitudes de acolhimento e do trato da hospitalidade ser anterior à própria existência institucional do Santuário de Fátima. “O Santuário de Fátima tem uma missão específica acima das demais, a missão

específica do Santuário de Fátima é acolher os peregrinos que aqui chegam e isto acontece ainda antes do Santuário estar formado do ponto de vista institucional.” (DUARTE, 2017).

Para uma compreensão do sentido desse pedido, cabe a reflexão sobre a primeira oração ensinada aos peregrinos, na visão do anjo de Portugal, ainda em 1916: “Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.” (LÚCIA, 2015, p. 77). A oração realizada por três crianças de 7, 9 e 10 anos de idade,⁷¹ por aquelas pessoas que, além de não conhecerem, não compartilham a mesma crença. Uma oração desprendida de qualquer apego humano que é difícil de ser explicado, quando abstrai-se o *sentido teleológico* do acolhimento ao outro, o estrangeiro físico ou espiritual da própria crença. Soma-se a essa oração a ensinada a eles no dia 13 de maio de 1917: “Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem”. (LÚCIA, 2015, p. 177). Novamente, surge uma oração – recitada até hoje em todas as celebrações no Santuário de Fátima – que orienta uma prece específica ao estrangeiro da crença, em uma demonstração de hospitalidade, movida por um sentido teleológico nascido em Fátima.

Repete-se, nessas, o ato gratuito do oferecimento máximo do que se tem para o outro. Convém lembrar que eram crianças de 7, 9 e 10 anos de idade, quando da origem desse sentido de oração e, conseqüentemente, de ação em Fátima. Se em 1917 eram crianças, na atualidade as preces se multiplicam em favor dos mesmos estrangeiros de crença,⁷² materializando-as em uma espécie de identidade cultural do catolicismo, colocado em prática pela compreensão do sentido do acolhimento e da hospitalidade, que carrega a própria oração de Fátima, desde 1917, e é reforçada pelos posicionamentos das autoridades eclesiais da época e recentes. Duarte discorre:

Dom José, nessa altura, chega a emitir documentos para proibir os foguetes em Fátima. É proibida a venda de vinho em Fátima, e nós sabemos por que. Porque o vinho leva a comportamentos desviantes daqueles que se embriagam e, portanto, não era isso que Dom José queria. **O que Dom José quer deste lugar é um lugar de Penitência, e um lugar de oração.** Entendidas essas expressões no sentido bíblico do termo oração, e no sentido bíblico do termo penitência. [...] o penitente que vem a Fátima e, se

⁷¹ Anexo H, Figura: 63.

⁷² Anexo F, Figuras: 8549; 8551; 46436 e 46447.

quisermos, o peregrino no sentido em que deixa a sua casa e chega ao lugar, e faz um caminho, uma trajetória para mudar a vida, para converter a sua vida. O sentido evangélico da palavra “conversão” que Jesus Cristo usa no princípio da sua pregação. “Convertei-vos, e acreditem na Boa Nova”. E esse é o sentido da Penitência em Fátima. **Depois, essa Penitência tem expressões plásticas, físicas que muitas das vezes estão relacionadas com o sacrifício do corpo, e entendeu-se apenas a Penitência como isso. Mas a Penitência em primeiro lugar está na associação do estilo de vida. Se converte ao Evangelho. É isso que Dom José Alves Correia da Silva quer: que esse lugar seja um lugar de conversão ao evangelho.** (DUARTE, 2017).

Nesse entendimento, o Estatuto do Santuário de Fátima orienta

No acolhimento que proporciona a quantos o procuram, o Santuário, embora tendo em conta a variedade das pessoas e das motivações que as trazem a Fátima, deve seguir uma orientação unificadora, baseada na sua condição de Santuário católico e na conseqüente fidelidade às orientações do Santo Padre e da restante hierarquia da Igreja e inspirada nas aparições do Anjo e de Nossa Senhora e respectivas Mensagens. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, art. 13, p. 13).

Para este estudo, como já dito, a ocorrência de uma Mariofania como em Fátima não é discutida no viés da real aparição. Todavia, torna-se inconteste que dessa suposta, ou não, Mariofania, nasce a realização de determinadas atitudes e ações que, por pertencerem à cultura católica, podem ser chamadas de “Ações Intraculturais” de Hospitalidade. Padre Hector Sanz Cerrada reflete:

Acolher por quê? Por que as pessoas vêm ao santuário? **Convocadas por quem?** E isso é muito importante para mim. São convocadas por Deus através do coração imaculado de Maria. Portanto as pessoas vêm aqui não por turismo, não por outra coisa, a maioria vem por ter ou procurar um encontro com Deus. (CERRADA, 2017).

Reforça-se, ainda, o posicionamento de Mendonça quando enfatiza: “[...] desde sua primeira configuração, o Cristianismo apresenta-se como experiência e projecto de hospitalidade”. (2014, p. 13). Compreende-se o sentido da hospitalidade, em Fátima, quando seus responsáveis defendem que “tudo está no Evangelho. A Mensagem de Fátima é um eco da hospitalidade do Evangelho neste tempo. Não estamos a forçar nada. Estamos, ao contrário, a procurar sua concretização”. (SILVA, 2017).

5.4 O sentido teleológico nas ações intraculturais de hospitalidade

As ações intraculturais (SANTANA TALAVERA, 1997), na hospitalidade, estão arraigadas a um sentido pleno e, por isso, com um significado intangível e profundo para o realizador dos atos. Um sentido que o faz observar e buscar sua própria humanidade no transcendente, mas com a realização de gestos que o tornam mais humano, e que transformam “o limbo da indiferença ao círculo da empatia” (CORREIA, 2014, p. 221) e que tem na hospitalidade “um dos traços fundamentais da forma de ser e estar”. (CORREIA, 2014, p. 221).

Se nós, verdadeiramente, fazemos bem, as pessoas têm um encontro com o Senhor. Portanto, para mim, esse acolhimento é um acolhimento espiritual, profundo, pessoal, cheio de graça muito diverso de qualquer outra parte. Para mim, eu estive como pároco, capelão de universidades, escolas e empresas. Conheço, graças a Deus, muitas realidades. Para mim a forma de experimentar esse encontro com Cristo não tenho visto em outros apostolados, outros ministérios. O Santuário é um local muito especial para todos os cristãos. (CERRADA, 2017).

De posse dessa aproximação, compreende-se que a ideia do sentido teleológico é possuidora de elementos mais profundos. Com o intuito de complementar a concepção de Sentido – imbuído de espiritualidade, mas despido de matiz religiosa, apresentado pela logoterapia – a teleologia, aqui, compreende-se como a “Plenitude de Sentido”, que contempla o aspecto espiritual e, também, o aspecto confessional-religioso, que direciona e gera ações humanas, como a hospitalidade.

Dessa forma, utiliza-se melhor o entendimento de Santana Talavera, quando define as ações intraculturais como “atitudes inerentes à determinada cultura, não dogmáticas, repletas de significados passados e presentes que projetam um futuro que também ofereça significado aos seus membros”. (SANTANA TALAVERA, 1997, p. 12, tradução nossa).

Nessa categoria, as ações intraculturais de hospitalidade, pensadas e desenvolvidas no Santuário de Fátima, nascem como o conjunto de atitudes inerentes à determinada cultura, não dogmáticas,⁷³ e que são repletas de

⁷³ Apesar de ser uma ação com base em uma razão religiosa, a própria vontade de ação possui um sentido, afastando-a, dessa forma, do mero ato de realizar algo devido a um suposto dogmatismo vinculante.

significados passados e presentes, dentro da própria visão confessional abordada. Correia define a

[...] importância da virtude humana e cristã da hospitalidade como condição para o reconhecimento da presença do Ressuscitado na sua Igreja e como categoria e caminho no processo de construção da identidade cristã, visto que à pergunta “como se faz um cristão?” a hospitalidade parece oferecer uma resposta convincente e abrangente. (CORREIA, 2014, p. 40).

A esses significados, passados e presentes, que contribuem como (re)construção da identidade cristã, através do sentido do acolhimento e da hospitalidade, atribuí-se, então, o doutrinado pela instituição religiosa pelos documentos já apresentados. Correia, inclusive, defende as ações de

[...] hospitalidade como modelo operativo da práxis eclesial, a Igreja serviu-se de dois tipos de texto: parêneses e narrativas de hospitalidade. As parêneses são textos muito breves, formulados no imperativo, com a finalidade de suscitar e potenciar a virtude da hospitalidade. Um dos exemplos mais conhecidos é *1 Pd* 4, 9: “exercei a hospitalidade uns com os outros, sem queixas”. (CORREIA, 2014, p. 42).

Nesse direcionamento, os cinco passos do “Eu Hospitaleiro” (DI SANTE, 2012), com o relato das ações de hospitalidade oferecidas pelo Santuário de Fátima, independentemente da crença dos seus acolhidos, parecem apropriados para reconhecer que as atitudes de acolhimento no Santuário se elevam à categoria de hospitalidade, através dos gestos empáticos e das ações intraculturais realizadas com esse sentido.

A hospitalidade possibilita a descoberta do ressuscitado presente na sua Igreja e gera cristãos vivos que, pelos caminhos do acolhimento e com a linguagem dos seus gestos e atitudes, se entregam à vivência e ao anúncio da fé pascal, na ousadia natural de quem foi transformado por esse acontecimento. (CORREIA, 2014, p. 17).

Esses gestos e atitudes podem ser descritos, em Fátima, pela forma como a gestão do Santuário reveste as ações de hospitalidade com o sentido teológico-cristão do acolhimento ao próximo.

[...] o santuário tem um entendimento de hospitalidade que se cruza com um sentido teológico desse termo. Para o Santuário de Fátima, a missão primeira do Santuário de Fátima é este: Acolher peregrinos. E existe para isso. [...]. Do ponto de vista da teologia, da teologia cristã, é isto também o que acontece. Criar um dos ícones que nós temos mais interessantes, para falar da hospitalidade é a passagem em Jesus, que faz com que os seus discípulos se tornem seus amigos, aproxima ao ponto dessa intimidade. O santuário procura fazer isso com os peregrinos. (VALINHO, 2017).

Correia (2014, p. 41) compreende que “só pode anunciar o Ressuscitado quem é acolhido e pratica o acolhimento daqueles que n’Ele encontram o fundamento da fé pascal.” E, ainda, complementa: “É nesta condição que a hospitalidade assume particular importância no reconhecimento e anúncio do Ressuscitado, e na ousada tarefa de estruturação da identidade cristã”. (p. 42).

Assim, as atitudes de acolhimento do “Eu Hospitaleiro”, de Di Sante (2012), assumem papel norteador para a compreensão do sentido do acolhimento e das ações intraculturais de hospitalidade, por parte do Santuário de Fátima. As Ações de hospitalidade, em Fátima – consideradas aqui intraculturais por existirem devido às motivações confessionais e religiosas dos envolvidos –, são constatadas no decorrer das narrativas dos entrevistados, quando descrevem as realizações dos serviços, e como o Santuário busca aproximação com os visitantes.

Destacam-se nessas falas: os trabalhos e projetos que visam a diminuir, e/ou direcionar, o sofrimento físico e/ou psíquico dos acolhidos; a organização das atividades celebrativas, como recitação do terço, missa, via sacra, procissão das velas, etc.; o oferecimento de material logístico e humano para a realização das confissões, com sacerdotes que atendem em diversos idiomas; as celebrações eucarísticas, recitação do terço e avisos em diferentes idiomas; a celebração eucarística semanal em Linguagem Gestual Portuguesa, transmitida nacionalmente pelo Sistema Canção Nova de Comunicação; a difusão da Mensagem de Fátima; a realização de cursos e formações sobre temas ligados ao catolicismo, marianos, Mensagem de Fátima e sobre os pastorinhos; o gabinete de escuta para os casos que merecem atenção especializada na área da psicologia e/ou psiquiatria;⁷⁴ o oferecimento de *sentido*, no viés cristão-católico, aos peregrinos; o ritual simbólico, e prático de lavar os pés dos peregrinos;⁷⁵ experiências artísticas, manifestações culturais, importância da estética; o acolhimento indistinto devido à compreensão de acolher Cristo em todo o visitante; o aplicativo para inclusão dos invisuais,⁷⁶ entre outros.

As atitudes de acolhimento, enraizadas em motivações que oferecem uma plenitude de sentido, elevam essas mesmas atitudes à categoria de hospitalidade. Os cinco passos do Eu Hospitaleiro (DI SANTE, 2012), isolados, orientam atitudes

⁷⁴ Em fase de planejamento à época da entrevista.

⁷⁵ Oferecido nas peregrinações que antecedem o dia 13 de cada mês.

⁷⁶ Em fase de planejamento à época da entrevista.

nobres, mas sem um aparente sentido que os una. Essa tentativa de unidade, através de um sentido teleológico, transforma as atitudes de acolhimento em ações intraculturais de hospitalidade católica, no momento em que se analisa o sentido dessas atitudes.

O primeiro passo, segundo Di Sante, é aquele que **“tem aberta a porta da própria casa”** (p. 80, grifo nosso). A correlação possível diante do produto oriundo do *corpus* da pesquisa, e presente nas vozes dos entrevistados e nos documentos oficiais da crença, sinaliza para a concretização do primeiro passo de acolhimento ao visitante, de modo que o hóspede tenha a sensação de estar em sua própria casa. Esse pensamento encontra respaldo nas manifestações de diversos entrevistados. Saraiva compreende que,

[...] sobre esta questão da hospitalidade, poderíamos dizer que o santuário pretende, e eu entendo isso dessa forma, **proporcionar que quem vai ao santuário sinta que vai à casa de alguém que o acolhe bem, que o recebe bem**. Procuramos ter essa apreciação assim, como nós gostamos de ser recebidos na casa de outro de forma simpática, de forma carinhosa, de forma aberta e dialogante. (SARAIVA, 2017).

Receber o visitante da maneira como a própria pessoa gostaria de ser recebida gera empatia entre os envolvidos. Essa empatia principia um sentimento de comunidade, que identifica os partícipes da crença, ou suscita, através da hospitalidade recebida, o sentimento de pertença àquele local. Esses pensamentos sobre acolhimento e hospitalidade ditam as formas como após serão desenvolvidos os gestos e as ações. Valinho reflete:

A hospitalidade, no fundo, é aquele gesto que faz com que o estrangeiro se torne próximo, se torne hóspede. Portanto, ao chegar, chegar perto do outro com tudo aquilo que temos de nosso, o gesto que faz com que aquilo que não é nosso, que é até eventualmente nosso desconhecido ou até inimigo, se faça nosso. E, no fundo, é o princípio da comunidade, gesto que inaugura a comunidade. (VALINHO, 2017).

O assumir a necessidade da realização do gesto para a concretização das ações de hospitalidade, o local católico defende a aproximação entre o acolhimento e a crença pregada no local. Por ser um espaço católico, a figura de Cristo passa, necessariamente, pelo fator-base que guiará as ações de hospitalidade. A configuração de acolhimento está mais próxima do que se acredita, ao que o próprio Cristo faria em situação similar. Diz Coutinho:

O conceito-base da hospitalidade é o acolhimento. O acolhimento daquele que passa e o acolhimento daquele que quer ficar um tempo na nossa casa. O Santuário de Fátima, sendo os Santuários por definição locais de peregrinação, local onde se vive, mas onde se passa. A dimensão do acolhimento é fundamental. A principal missão do Santuário é acolher, é acolher e fazer com que os peregrinos sintam de alguma forma este espaço como casa em que possam habitar durante algum tempo, durante dias, alguns durante horas, até minutos. Mas é importante o Santuário de Fátima, criar condições, por um lado para que os peregrinos vivenciem aquela experiência cristã fundamental da hospitalidade, isto é, **ser acolhidos em nome de Cristo não é um acolhimento qualquer. Obviamente, que também aquele que não é cristão pode e deve ser acolhido em nome de Cristo.** Portanto, nesse sentido, **o Santuário – ainda que não possa perder a especificidade própria que é ser um santuário Cristão e católico – terá que ser, precisamente, porque é um espaço católico, espaço onde todos possam ser acolhidos. Onde todos tenham a porta aberta,** e onde todos possam fazer um percurso itinerário espiritual de fé, à medida do ponto de partida em que se encontram. (COUTINHO, 2017).

Esse pensamento parece ser bastante próximo ao já abordado em Graburn (1989, 2001) sobre a necessidade de busca do algo indefinido, que o deslocamento das peregrinações propõe-se a sanar. O peregrino busca um sentimento de lar que, devido às dificuldades encontradas na própria existência, ele não tem na própria casa. Nesse sentido, busca-se dar acolhimento, que seja melhor do que o que a vida oferece em sua morada cotidiana; uma procura pela casa materna, que tem as portas abertas e o convite que dispensa marcar horário da visita. Mais que oferecer o que a pessoa possui em seu lar, o desafio é oferecer o que vai além. Não para apenas preencher os aspectos pessoais e espirituais do ser humano, mas transbordá-los através das singularidades características deste espaço. Para esse preenchimento/transbordamento do ser, utiliza-se a proximidade gerada nas ações de hospitalidade, com gestos e empatia que auxiliam elevar ao transcendente o peregrino-visitante.

O acolhimento é, talvez, a chave-mestra de qualquer santuário. Num santuário cristão-católico como é o santuário de Fátima, naturalmente, que esse acolhimento tem ainda uma razão de ser mais intensa e mais profunda. [...] os vários movimentos da Igreja, e particularmente o Santuário, tem justamente essa missão de acolhimento. E acolhimento é hospitalidade. (RODEIA, 2017).

A fim de que esse objetivo seja alcançado, os funcionários e voluntários do Santuário de Fátima recebem atenção especial. Com treinamentos específicos e preparados, desde sua contratação, são incentivados ao pensamento de que aquele local de trabalho perpassa o de um lugar comum de trabalho. Dessa forma, a coordenadora dos Recursos Humanos do Santuário, Cristina Fernandes, declara:

“Nós não podemos só investir, digamos assim, na estrutura logística. Temos também que investir na alma, no coração, no acolhimento das pessoas.” (FERNANDES, 2017). Nesse discernimento, o discurso feito pelo Papa João Paulo II aos funcionários e voluntários do Santuário, no ano de 1982 em Fátima, recebe significativa relevância.

Ao ganhar o sustento para vós e para as vossas famílias, lembrai-vos sempre que Deus vos vê; exercei a vossa actividade como quem colabora no aperfeiçoamento da criação divina, como quem dá uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história. Portanto, glorificai a Deus, sempre, oferecendo-Lhe o vosso trabalho, transformando-o em caridade e em serviço à sociedade de que fazeis parte. O vosso trabalho é importante, não apenas para o progresso terreno, mas também para o reino de Deus, para o qual todos fomos chamados, e no qual vos desejo que tenhais parte, agora no tempo e para sempre no céu. (JOÃO PAULO II, 1982b).

Esse trabalho, realizado no Santuário de Fátima, tendo em vista as ações de hospitalidade, detentoras de um sentido pleno para seus peregrinos, é desenvolvida através de diversos serviços propostos pelo próprio Santuário. “No Santuário de Fátima a hospitalidade é de fato fulcral. É muito importante para o trabalho que todos os serviços desenvolvem.” (CAMELO, 2017).

Procuramos ser a melhor forma que Cristo quiser acolher os seus filhos, e aqueles que vêm visitar o Santuário são filhos de Deus, amados por Ele. **Nós representamos o Senhor. Quem acolhe? Pois agora nós representamos o rosto do Senhor. Procuramos representar esse rosto.** Por isso é importante nosso estilo, nossa forma, nosso sorriso, nossa atitude, disponibilidade, desejos, motivação. (CERRADA, 2017).

O segundo passo refere-se àquele que **“dá as boas-vindas ao que chega, não o olhando como intruso”**. (DI SANTE, 2012, p. 82). Não enxergar no outro um intruso exige uma predisposição moral e/ou cultural bastante forte para que o ato não caia num simples ato de aparente tolerância, que se encerra no momento em que os visitantes deixam o local. Não olhar o que chega como intruso predispõe, primeiro, olhar olho no olho. Mas, também, exige o segundo olhar, o terceiro, e essa troca de olhares pode durar, inclusive, após o término da peregrinação. As relações se cruzam e se apropriam no padre, no confessor, no doente, no cuidador, no investigador, no carente de afeto, na pessoa que não sabe o que o Santuário pode oferecer.

Coutinho, de posse de informações acerca de diversos serviços existentes no Santuário de Fátima, alerta que alguns desses serviços organizam

“[...] acolhimento dos jovens ou propostas para os idosos, ou retiro para os doentes, retiros para crianças portadoras de deficiência, enfim procuramos que as várias expressões do acolhimento possam ser concretizadas neste espaço”. (COUTINHO, 2017). E, ainda nesse sentido, Antunes discorre:

E os pais também podem vir, então, e podem passar, então, um descanso durante uma semana ou, então, deixam os filhos e vão para onde entenderem esta semana. [...] a sociedade às vezes não entende estes pais e eles queixam-se que vão aos hospitais e que, às vezes, não tratam bem os filhos. Nem todos, mas há queixas. (ANTUNES, 2017).

Essas atitudes de acolhimento – que geram hospitalidade – realizadas por parte do Santuário de Fátima para seus visitantes – católicos e não católicos – reforça a ideia de acolhimento encontrada em Baptista (2007, p. 106), quando afirma: “Não há acolhimento que se revele apenas espiritual ou material, interior ou exterior. Só é acolhimento o que é interior e exterior, só é acolhedor aquele que olha o outro como um ser humano, na sua dimensão corporal e espiritual.”

[...] um dos ícones que nós temos mais interessantes, para falar da hospitalidade é a passagem em que Jesus faz com que os seus discípulos se tornem seus amigos, aproxima ao ponto dessa intimidade. O santuário procura fazer isso com os peregrinos. (VALINHO, 2017).

Essa aproximação da hospitalidade com as ações de Jesus Cristo suscita a ideia do verdadeiro acolhimento, como aquele que enxerga a pessoa como pessoa, e não como intrusa. Cerrada (2017) discorre o sentido das ações de hospitalidade desenvolvidas quando, naquele serviço, a compreensão passa pelo acolhimento como fator identitário da crença cristã:

O primeiro critério do acolhimento é a pessoa. Para nós é uma missão, que somos enviados. Eu cheguei aqui pela providência de Deus. Não programei estar aqui. Por isso **a primeira coisa que reconheço é que Deus convoca as pessoas para estarem aqui, e Ele quer que sejamos verdadeiramente transparentes, como um espelho do amor que Ele tem pelas almas.** E, portanto, é muito importante a paciência, alegria, flexibilidade, porque por aqui passam milhões de pessoas, cada grupo com seu estilo, sua forma de viver a fé e se expressar com a música, etc., portanto, se trata de unir todas as variedades e estilos diversos. (CERRADA, 2017).

O terceiro passo é para aquele que **“dá conta do sofrimento do outro e de suas necessidades”**. (DI SANTE, 2012, p. 83). Para Coutinho, o Santuário de Fátima busca cumprir seu papel na sociedade, como – também – um local de

acolhida social, para as pessoas que apresentam determinadas dificuldades: “Temos ainda uma dimensão do atendimento, que é a dimensão do atendimento social nos espaços eclesiais de pessoas que passam com dificuldades econômicas e sociais específicas e precisam de atendimento técnico de assistência social.” (COUTINHO, 2017).

Preocupado em atender (e atenuar) à fragilidade⁷⁷ de seus visitantes, através de atitudes de acolhimento, o Santuário de Fátima prioriza suas ações intraculturais com os peregrinos, mas não faz distinção ao acolher aqueles que lá chegam. O serviço aos doentes é o responsável pelo acolhimento de todos os visitantes que, limitados por alguma fragilidade física⁷⁸ ou psíquica, chegam naquele lugar em crise ou com sofrimento profundo. Essa atenção aos doentes e mais frágeis resultou na construção do Albergue dos Doentes, no ano de 1922⁷⁹ (DS 95.67).⁸⁰ Em 13 de setembro de 1924, ocorreu uma missa pelos doentes no altar colocado em um alpendre, construído pouco à frente da capelinha das aparições. (DS 14.16).

O atual Estatuto do Santuário orienta como sendo a “[...] principal função do Santuário o acolhimento aos peregrinos, sempre se cuidou, com um carinho particular, do acolhimento aos peregrinos doentes”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 24). Duarte também atenta para a existência, na atualidade, de “[...] um pequeno Posto de Socorro para aliviar também a dor física que o peregrino experimenta quando se dirige ao Santuário de Fátima”. (DUARTE, 2017).⁸¹

Já em 1924 se iniciou a construção de um albergue para os doentes e em 1926 é instalado um “posto de verificações médicas”. Mas logo em 1927 se pensa na construção de dois “Hospitais-Sanatórios”. O Hospital do Santuário foi-se apetrechando para oferecer aos peregrinos doentes os cuidados requeridos pela situação, em estruturas físicas e equipas sanitárias, constituídas por voluntários. Este serviço deu origem à

⁷⁷ O termo *frágil* é constantemente utilizado pelos entrevistados, como forma de inclusão, para designar perfis de pessoas que recebem atenção específica no Santuário. Ao grupo das pessoas frágeis, percebe-se a atenção aos idosos; doentes, portadores de deficiência e/ou mobilidade reduzida. Também se percebeu, no decorrer das entrevistas, as expressões “frágeis do corpo” e “frágeis da alma”, como forma de diferenciar ações inclusivas para as debilidades físicas (corpo) e psíquicas (alma).

⁷⁸ Anexo F, Figuras: 140283; 140337; 246396; 246402; 246420.

⁷⁹ Anexo H, Figuras: 65; 67.

⁸⁰ O Documento de Fátima 95.67 informa como início das obras do Albergue dos Doentes o ano de 1922. Já o Documento de Fátima 14.16 apresenta a data de outubro de 1924, informando ainda como autor do projeto o professor Narciso Costa, de Leiria, e na página 24 dos Estatutos do Santuário de Fátima (2006) também é apresentado o ano de 1924 como o do início das obras do Albergue dos Doentes.

⁸¹ Anexo G, Figura 50.

“Associação dos Servitas de Fátima”, e a estrutura de acolhimento aos peregrinos doentes, sobretudo nas grandes peregrinações, é hoje um serviço de grande qualidade. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 24).

Para o ano do Centenário de Fátima, Antunes apresenta a atuação de seu serviço aos mais frágeis, e faz a seguinte observação:

O Santuário tem um serviço dedicado mesmo aos mais frágeis e, dentro destes mais frágeis, há uns que são de uma situação outros doutra. São diferentes. E há aqueles que nós consideramos portadores de deficiência, geralmente deficiência física ou, então digamos, até psíquica. [...] Temos outra atividade que são chamadas as semanas para a pais com filhos deficientes, semanas de férias para a pais que têm filhos deficientes ao seu encargo na sua casa, ou outras instituições. Portanto, como nós notávamos que havia muitos pais que não tinham possibilidade de fazer férias, porque seus filhos estavam ao seu encargo, o que é que nós fizemos? Criamos semanas de férias para estes pais! (ANTUNES, 2017).

O acolhimento do Santuário, tendo na dimensão corpo e espírito um norte, também é apresentado na condição de atendimento psicológico. Quando o sofrimento existencial não consegue ser atendido em sua completude nos locais próprios da religião (o confessionário e a direção espiritual), é oferecido um centro de atendimento, em uma visão logoterapêutica, para que esse vazio existencial possa ser trabalhado por profissionais titulados academicamente, na área da saúde. Silva esclarece:

[...] está a desenvolver-se um gabinete, um centro de escuta e acolhimento espiritual. Para pessoas a viverem este sofrimento existencial. Pessoas que procuram a palavra de misericórdia. Resgatar suas vidas do sem sentido. Veja! O sofrimento existencial. No centro, onde são acolhidos por pessoas competentes, que desenvolvem, se formam e que desenvolvem as competências necessárias para serem interlocutores, muito numa perspectiva logoterapêutica, para ser interruptores das pessoas em sofrimento, que vêm ao Santuário e procuram interlocutores de uma atitude espiritual, mas que já não é aquela que aquele Sacramento da Reconciliação responde. (SILVA, 2017).

Torralba (2010) afirma que “escutar o outro quando ele deseja ser escutado é uma exigência ética, um acto de cortesia; mais ainda, é um acto de hospitalidade”. (TORRALBA, 2010, p. 32). Diante desse acolhimento, que olha o ser humano em sua dimensão corporal e, também, espiritual, compreende-se a consciência do acolhimento no Santuário:

Em Fátima temos consciência de que a nossa proposta de hospitalidade tem de ter uma proposta de espiritualidade para o homem sujeito deste tipo de sofrimento: um sofrimento muito próprio que começou no século dos horrores das guerras mundiais, que é o sofrimento existencial. (SILVA, 2017).

Assim encontra-se, por parte do Santuário de Fátima, a seguinte compreensão em relação aos mais frágeis, doentes, idosos, às pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida:

Às vezes o doente sente-se isolado. Sente-se muitas vezes abandonado. Sente-se geralmente só. E nós procuramos, aqui, retirar o doente da sua situação de solidão, para que o doente possa sentir-se também alguém na sua família, na sua paróquia, enfim na sociedade onde está inserido. E, sobretudo, os jovens. Os jovens são aqueles que se abrem mais a isto: os jovens. Por que, é claro que, já em uma certa idade, estão já conformados com a sua situação, mas, mesmo assim, procura-se dar o sentido de uma vida a sério, uma vida importante. O jovem, esse tem um outro comportamento, e também tem que ter outra orientação diferente. Não podemos tratar o jovem como um adulto, também não podemos tratar como doente um portador de deficiência, porque os portadores de deficiência não toleram que os chamem de doentes. Portanto, naquela situação, não é? Sobretudo se foi um acidente que aconteceu, desastre, que ficaram numa cadeira de rodas, já há um bocado de anos e, portanto, dali já não passam, a medicina já não ajuda. Portanto temos um trabalho específico com esta gente, não é? E a gente nota, por exemplo, que os jovens, depois daquela vida assim, um bocadinho “eufórica”, não é? Quando sofre um desastre normalmente revoltam-se. Revoltados, devemos dar uma volta e conversar com eles e dizer que também têm um lugar na sociedade como estão. E é curioso que o jovem quando vem aqui, estão aqui uns dias, enfim, neste convívio, neste contato, depois vai para a sociedade, para os empregos e sente-se outro. Começa a sentir-se outro. E sentir geralmente, de facto, sair de uma situação que ele considerava de desgraça, e que não é. (ANTUNES, 2017).

Percebe-se o sentido dado ao acolhimento dos que se deslocam ao Santuário motivados por algum tipo de sofrimento, seja físico, seja psíquico.

E quero dizer que procuram, neste convívio, encontrar um conforto de qualquer forma. O Santuário oferece estadia, oferece aquilo que eles precisam, enfim, para se sentirem bem e pronto. O Santuário faz o que pode por essa gente [...] para lhes mostrar que não são inúteis. Que são válidos na sociedade. O frágil é uma pessoa, e como uma pessoa tem o direito de ser considerado como pessoa e, ao mesmo tempo, também tem direito a ser considerado como válido dentro da sociedade. (ANTUNES, 2017).

Mais que uma resposta espiritual, pretende-se resgatar a própria humanização da pessoa, concedendo-lhe situações e projetos que lhe garantam a dignidade de pessoa com alguma fragilidade e a de seus familiares. Esse pensamento torna-se alicerce, quando se discute o Sentido da ação, e da própria ação intracultural.

O quarto passo de Di Sante é para aquele que **“abre espaço para o outro, limitando o seu próprio”**. (DI SANTE, 2012, p. 84). Dentre aqueles que chegam ao Santuário de Fátima, determinados perfis de visitantes se destacam por terem um

acolhimento específico, com todo planejamento e formação técnica preparados, por parte do Santuário, para recepcioná-los. Essa formação técnica e humana é encarada como fundamental para a atuação em um espaço que prima pelo contato e acolhimento humano. Para a coordenadora do setor de Recursos Humanos do Santuário de Fátima,

Há dois aspectos muito importantes a avaliar sempre no recrutamento: o lado técnico, se a pessoa cumpre os requisitos técnicos necessários para a função à qual se candidata, e o lado humano, sendo que cada vez mais o lado humano é valorizado. É mais valorizado do que o técnico. (CAMELO, 2017).

Para a concretização dessas atitudes e ações de hospitalidade, foi preciso criar e executar as condições para que esse acolhimento aconteça. Implica oferecer “espaços de acolhimento às casas e às condições materiais que o próprio Santuário dá”. (CABECINHAS, 2017). Para essa priorização alcançar êxito, encontra-se em seus estatutos uma orientação sobre o destino dos recursos recebidos pelo Santuário. “Dada a natureza e origem dos fundos do Santuário, são seus fins: o funcionamento ordinário de todos os serviços do Santuário; o acolhimento aos peregrinos, incluindo as infraestruturas consideradas necessárias”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, 2006, art. 12, p. 11). Esses espaços e serviços espalham-se pela geografia do santuário.

Temos um posto de informações, por exemplo no coração do recinto, onde se faz de tudo um pouco, desde informação simples de qual é a próxima missa, temos depois toda a gestão dos espaços externos, tem as casas dos videntes de Fátima e há também um outro posto de informações. (DUARTE, 2017).

O direcionamento de esforços e recursos para uma boa acolhida aos visitantes é analisado por Baptista (2002, p. 163), quando esclarece a necessidade de se “investir, por exemplo, na qualidade relacional dos espaços ditos como creches, hospitais, escolas e outras instituições sociais. Situados entre o público e o privado, estes espaços constituem lugares de eleição para a mediação humana”.

A entrevistada, que representa o Serviço dos Alojamentos, explica sobre a necessidade de uma abertura aos visitantes que perpassa o aspecto físico e a problemática dos recursos, como resposta para uma verdadeira mediação humana entre visitante e visitado. Essa abertura, para Fernandes (2017), deve ser uma abertura pessoal, que coloca a interioridade humana no centro da ação. Nessa

entrevista, Fernandes utiliza a analogia do atender com o coração, para exemplificar a forma como entende o tema da hospitalidade no Santuário.

O meu conceito de hospitalidade passa, sobretudo pela noção de acolhimento. Ou seja, isto é um santuário, um lugar onde recebemos quer peregrinos, quer algumas pessoas que se enquadram no segmento de turistas, enfim pessoas que vêm visitar por diversas razões. Mas a nossa função principal é acolher, ou seja, receber. Tendo em conta o cumprimento das necessidades de quem vem, mas também **acolher com o coração. Ou seja, receber bem, sorrir, estar disponível para responder a todas as necessidades que os peregrinos trazem; estar disponível para dar todas as informações que os peregrinos pedem; estar disponível para ouvir, estar disponível para fazer aquilo que hoje em dia é difícil que é dar atenção às pessoas.** E acolher, acolher com o coração, quer dizer, não só, isto não é um hotel, o objetivo não é, nós não estamos aqui para prestar um serviço de natureza comercial e, portanto, nós temos que acolher com o coração, garantindo as condições logísticas para a satisfação das necessidades de quem nos visita. Nós temos que acolher com um sorriso, nós temos que acolher com uma palavra, com uma palavra amiga, temos que acolher, temos que acolher com alma, temos que acolher com alegria, com sentido, com sentido de missão. (FERNANDES, 2017).

Nesse entendimento, a abertura resultante do acolher com o coração permite que os projetos do Santuário sejam desenvolvidos não apenas nos aspectos visíveis da evangelização cristã, mas através do contato humano com aqueles que, no entendimento do Santuário, necessitam de um suporte maior para que mantenham a própria dignidade. Quanto a essa abertura que limita o próprio espaço, Antunes apresenta as ações que realizam com os familiares dos mais fragilizados atendidos no Santuário.

[...] então os filhos vêm, há uma equipe, quase todos jovens, para ampará-los, os filhos, ajudá-los com várias coisas que, enfim, com muitas atividades. Já tivemos quatro turnos, agora já mudamos para cinco, porque os pedidos são muitos não é? São muitos! [...]. Nós temos agora, aqui, um grupo de Setúbal e de Évora. São dois grupos. São quase cem que estão aqui desde segunda-feira, e vão embora amanhã. Está também um outro grupo de Lisboa. (ANTUNES, 2017).

As falas demonstram que as ações intraculturais de hospitalidade surgem, nesse espaço, como uma manifestação do agir cristão, através de atitudes de acolhimento, e é ofertado para todos os visitantes, sejam católicos ou não, afinal, “tudo faz parte do acolher e da hospitalidade, e o Santuário preocupa-se com todos esses aspectos”. (CAMELO, 2017). Entretanto, o sentido do acolhimento tem raiz na crença católica e, devido a ela, é manifestada por essas atitudes. A empatia existente, que move o acolhedor, é gerada por sentimentos religiosos, mesmo quando dispensadas de maneira geral, sem o questionamento sobre a crença de

uma forma individualizada e específica. A ação intracultural de hospitalidade de escuta, oferecida pelo Santuário, se dá diretamente Santuário/peregrino nos momentos do Sacramento da Reconciliação, ou confissões.

A forma como nós acolhemos é, em primeiro lugar, de abertura total. Vem de vários países e confessam nas línguas em que se sentem à vontade para confessar e, para também aí, acolher e sacramentar a conciliação dos peregrinos. (HENRIQUES, 2017).

A hospitalidade pela escuta facilita a compreensão dos peregrinos, o acesso aos distintos momentos celebrativos da vida no Santuário, no próprio idioma do peregrino. “Escutar consiste em arranjar um lugar para o outro, em ceder-lhe um espaço e um tempo na mente e no coração. É como acolher um hóspede invisível e arranjar-lhe um lugar na nossa casa”. (TORRALBA, 2010, p. 31). O Papa Bento XVI, como já citado anteriormente, reflete que a hospitalidade, pela escuta, deve ser desenvolvida pelos santuários, que

[...] não de ser faróis de caridade, incessantemente dedicados aos mais desfavorecidos, mediante obras concretas de solidariedade e misericórdia e uma constante disponibilidade para escutar. Há que favorecer também o acesso dos fiéis ao sacramento da Reconciliação, consentindo-lhes participar dignamente na celebração eucarística [...]. (BENTO XVI. Carta por ocasião do II Congresso Mundial da Pastoral de Peregrinações e Santuários, 8 de set. 2010a).

Existem celebrações e avisos, em idiomas diversos, com o intuito de melhorar continuamente a comunicação entre Santuário e visitantes. “O Santuário de Fátima possui sete idiomas oficiais [...] português, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão e polaco” (VALINHO, 2017), e acrescenta: “[...] uma outra palavra-chave na nossa formação, especificamente nesse serviço, são as línguas, que é um desafio constante. [...] o treino das grandes, ou pelo menos das línguas mais faladas, é uma outra área de formação contínua”. (VALINHO, 2017).

Não somente nas confissões, mas também nas celebrações realizadas no Santuário, a preocupação com a compreensão do idioma é observada.

[...] nas missas do recinto nos dias 12 e 13, o porquê do latim? Porque é de fato uma missa que faz a inclusão. É uma língua que faz a inclusão na Igreja. Nós usamos o latim aqui nas nossas celebrações precisamente por causa da participação das várias nacionalidades e, depois, também por causa da concelebração. Porque na concelebração dos dias 12 e 13 temos centenas de padres. Os padres em português não são a maioria. Então nós

procuramos que eles estejam unidos, integrados, dentro da celebração. E o latim ajuda-nos nisso. (HENRIQUES, 2017).

Além dos idiomas oficiais, o Santuário de Fátima realiza, semanalmente, uma missa na Basílica Santíssima Trindade, transmitida ao vivo para todo Portugal pelo Sistema Canção Nova de Comunicação, interpretada em Língua Gestual Portuguesa.

[...] uma das nossas celebrações, a cada domingo, é a missa das 15h, interpretada em Língua Gestual Portuguesa. Você saberá em primeira mão que vamos digitar uma aplicação para invisuais, que faz a partir de um dispositivo e desperta pontos geográficos que despertam uma mensagem de voz e que tende em guiar o invisual pelo espaço do Santuário. Propor-lhes momentos de oração. (VALINHO, 2017).

Por fim, Dom António Marto compartilha particular recordação quanto aos esforços pessoais e administrativos para melhor compreensão entre os peregrinos e o Santuário.

Um dia um grupo de padres polacos veio ter comigo, falando italiano: “Tem celebrações nas várias línguas, mas não tem uma celebração em línguas eslavas. Você não sabe o sacrifício que a gente faz para vir aqui”. Então eu pedi para eles escreverem a saudação, lerem e depois eu fazia os sinais, e depois eles pronunciavam, e depois eu pronunciava na frente deles até eles dizerem que estava bem. E, portanto, no final destas celebrações de peregrinações de 12 de 13 de maio, até de outubro, nota-se nos peregrinos uma satisfação, uma alegria, um acolhimento, uma festa quando ouvem uma saudação na sua própria língua. Portanto esse sinal também é de acolhimento humano e espiritual. (MARTO, 2017).

O quinto, e último passo é para **“o que dá aquilo que tem”**. (DI SANTE, 2012, p. 85). O Santuário de Fátima, embora sendo um espaço destinado aos peregrinos católicos,⁸² seu uso não é exclusivo para os desta mesma crença. Significativa parte dos esforços de acolhimento, no Santuário, é pensada e dedicada aos visitantes de outros matizes religiosos. Para esses visitantes, o Santuário segue orientações sobre as matérias ecumênicas da Santa Sé e da Conferência Episcopal Portuguesa, sendo esses visitantes subdivididos entre os crentes de outras confissões cristãs; crentes de outras confissões não cristãs, e descrentes.

Membros das confissões cristãs não católicas interessam-se, cada vez mais, por Fátima. O Santuário torna-se, assim, um lugar de acolhimento

⁸² “A principal missão do Santuário de Fátima é acolher os peregrinos e propor-lhes a vivência da Mensagem de Fátima. Esta é uma proposta de conversão pela Palavra e pelos Sacramentos, sobretudo os da Reconciliação e da Eucaristia, pela penitência, de modo a conduzir os homens e mulheres ao reconhecimento e à adoração do Deus Santo, Uno e Trino”. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, p. 4).

ecuménico. Neste acolhimento o Santuário deve reger-se pelas orientações, em matéria ecuménica, emanadas da Sé Apostólica e da Conferência Episcopal Portuguesa, na sequência do II Concílio do Vaticano. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, art. 15, p. 14).

Também crentes de outras religiões e mesmo não crentes vêm a Fátima. A todos deve ser propiciado acolhimento conveniente. Aos crentes de outras religiões, o acolhimento deve seguir as orientações da Sé Apostólica sobre o diálogo inter-religioso, de modo a não gerar ambiguidades. Aos descrentes, o acolhimento deve procurar ser feito, tendo em conta as motivações da sua vinda, porventura sinal de uma procura, para que seja ocasião de anúncio do mistério do amor de Deus, que resplandece no rosto de Maria. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, Estatutos, 2006, art. 16, p. 15).

Ao assumir, então, os peregrinos católicos como sua prioridade, mas não único grupo que se desloca ao Santuário, os espaços para experiências culturais procuram conciliar os desejos dos visitantes, apresentando uma propositiva visão cristã-católica da existência do Santuário para aqueles crentes de outras confissões religiosas. Duarte (2017) destaca, dentre essas manifestações culturais,⁸³ o museu, as exposições e a importância da estética:

[...] na área da museologia, as exposições que este serviço coloca à disposição os visitantes do Santuário. A forma de comunicar já é uma forma de comunicação direta e, portanto, aí o acolhimento faz o sentido de proporcionar uma experiência que não é apenas religiosa, mas é também cultural. Esse aspecto da cultura no Santuário de Fátima foi tida em conta desde há várias décadas, desde logo na constituição espacial do Santuário, de chamar artistas importantes de cada época para transmitirem a beleza de Deus, a beleza da mensagem de Fátima, a beleza da santidade e isto, em primeiro lugar, é uma função enfim estética, mas transforma-se depois numa questão cultural e, portanto, muitos dos visitantes do Santuário vêm também por razões estéticas. Ver como é a Basílica nova, ver o restauro da Basílica antiga, ver o novo órgão que o Santuário inaugurou, ver uma exposição temporária que todos os anos tem conteúdos novos. (DUARTE, 2017).

Além disso, o Serviço de Estudos e Difusão do Santuário, em conjunto com a reitoria, dedica especial atenção à Biblioteca e ao Arquivo do Santuário, procurado por investigadores científicos de todo o globo para estudar o fenómeno Fátima, mas sem uma obrigatoriedade de que esses investigadores partilhem a fé católica⁸⁴. Ao

⁸³ Anexo F, Figura 8.

⁸⁴ Essa busca pelo rigor do conhecimento científico é perceptível quando o diretor do Serviço de Estudos e Difusão, Marco Daniel Duarte, é membro da Academia Portuguesa de História, e essa realiza eventos – em conjunto com o Santuário – sobre a História e o Fenômeno de Fátima. Exemplifica-se com o Colóquio Comemorativo ao Centenário de Fátima “Fátima: História e Memória”, realizado em conjunto pela Academia Portuguesa de História e pelo Santuário de Fátima, nos dias 26 e 27 de maio de 2017, sendo no dia 26 na sede da Academia Portuguesa de História, em Lisboa, e dia 27 no Centro Paulo VI, em Fátima.

apresentar o trabalho do Serviço de Estudos e Difusão, o vice-reitor do Santuário Padre Vitor Coutinho expõe:

Temos depois os outros serviços que, de alguma forma, são serviços mais internos como, por exemplo, o Serviço de Estudos e Difusão, que têm também componente de atendimento às pessoas que passam pelo Santuário com a perspectiva de investigadores; nós procuramos criar as estruturas para ter a documentação, os arquivos, os mais preparados possíveis para que essas pessoas, que olham para o Santuário, não tanto como peregrinos, mas como investigadores e na perspectiva da relação, possam também fazer o seu trabalho. (COUTINHO, 2017).

O Santuário disponibiliza espaços, momentos, recursos e situações para todos os grupos visitantes, e esses grupos escolhem se preferem, no interior do espaço do santuário, realizar uma peregrinação, uma visita turística, uma pesquisa documental e acadêmica, ou uma experiência de manifestação cultural. O Santuário de Fátima teve sempre como missão o acolhimento humano, pastoral e espiritual e, se o Santuário é considerado pela Igreja e pelos seus gestores como um lugar de peregrinação, onde há um sentido, e onde o sagrado se revela, a hospitalidade surge como virtude que caracteriza o humano e o abraça, como um gesto de acolhimento.

[...] há dois mil anos, Cristo acolhia a todos com uma palavra de acolhimento, não colocou ninguém à margem do seu convívio e da sua relação, e todos que o procuravam, todos, tinham um acolhimento e uma resposta. (HENRIQUES, 2017).

Assim, torna-se evidente a existência de uma gama de atitudes de acolhimento, por parte do Santuário de Fátima, que existem com propósitos tanto de acolher o visitante da própria religião, ou do estrangeiro dessa crença. Dessa forma, identifica-se o *Sentido Teleológico das Ações Intraculturais de Hospitalidade*, que dão razão de ser a essas atitudes, e que constituem a essência da razão de existir do Santuário.

6 CONCLUSÕES

O turismo religioso e as peregrinações são experiências humanas que não esgotam em si a proposta do colocar-se em movimento. Elas não existem com um fim, e sim com uma finalidade (MENDONÇA, 2012), e estão intimamente ligadas à instituição detentora do espaço a que o turista, ou peregrino, elegem como destino. A essência que move esses viajantes está relacionada ao lado espiritual da crença e da própria existência; entretanto, mesmo se as motivações dos peregrinos fossem totalmente difusas, quando analisadas individualmente, quando observadas na ótica do desejo da integralidade do ser humano, elas tornam-se mais nítidas, com os aportes do oferecido pela crença do espaço-destino.

O ser humano vive quotidianamente uma busca de sentido. Frankl (2007) e Jesus, L. (2018) demonstraram, com argumentos convincentes, essa natureza espiritual que compõe a integralidade do ser humano. De posse desse fator humano, para compor essa integralidade da pessoa, os locais de destino turístico, que oferecem sentido e espiritualidade, passam a oferecer uma proposta de completude humana, existencial e espiritual.

A esses seres – que se colocam a caminho em uma busca de sentido, notadamente direcionados aos espaços considerados sagrados pela crença que recebe – a Igreja Católica, através de seus santuários, busca orientar atitudes e ações, a fim de dirimir essa sensação de vazio humano, que possibilitem alguma forma de cura espiritual e existencial ao viajante. Como visto, o vazio interior pode ser preenchido, na visão logoterápica, pelo cumprimento de três atitudes de valores:

a) **Sentido do Trabalho e Valores Criativos**, que se relacionam a “[...] aquilo que a pessoa faz pelo mundo: o trabalho, as realizações, o voluntariado”. (JESUS, L., 2018, p. 43);

b) **Valores Vivenciais**, que se manifestam naquilo “[...] que a pessoa acolhe do mundo: a arte, a música, a filosofia, a amizade, o amor.” (JESUS, L., 2018, p. 43);

c) **Sofrimento e os Valores Atitudinais**. Explicadas de forma profusa no decorrer deste estudo.

[...] temos ainda uma forma de descobrir sentido nessas circunstâncias, está ao nosso alcance mudar a nós mesmos. Chama-se a essa forma de encontrar sentido a realização de valores atitudinais, está nas minhas mãos ter uma atitude última diante da vida. O sofrimento faz parte da vida. (JESUS, L., 2018, p. 48).

Cabe a compreensão, aqui, do movimento humano no turismo religioso e nas peregrinações como do ser que se coloca a caminho, em busca de uma completude espiritual e/ou existencial, e que precisa sair do seu lugar habitual, como forma de buscar, fora, sentido para suas inquietações cotidianas. Um ser que busca fora, em um deslocamento físico, compreensões e sensações que possam saciar seu sentimento de incompletude. Nessa concepção, surgem os documentos da Igreja Católica, que dão subsídios para determinadas formas de oferecer respostas a esses questionamentos das pessoas, quando chegam aos seus locais de espaço sagrado, sobretudo e de forma especial aos santuários católicos.

Esse Sentido de Trabalho e Valores Criativos, quando encarado no âmbito do turismo, das peregrinações e da hospitalidade, são reflexionados como atitudes de acolhimento; ações de hospitalidade; desprendimento; tolerância e pela própria atuação desenvolvida durante a realização do deslocamento turístico. Esses atos permitem que a pessoa encontre um sentido para sua existência no contato com o outro e pela empatia gerada no gesto e na relação, sendo esse outro o turista, peregrino ou autóctone. Aquilo que o ser humano faz pelo mundo e, nesse exemplo, quando assume atitudes concretas através do deslocamento turístico e das ações de hospitalidade.

Já os Valores Vivenciais, no aspecto do turismo, peregrinações e hospitalidade, são percebidos no momento da vivência da peregrinação como uma experiência religiosa, guiada pela doutrina da Instituição. Essa proposição permite experimentar o proposto pela instituição religiosa. Vivenciar e promover a experiência, da relação contribui para que a pessoa encontre um sentido para sua existência através do turismo e das peregrinações. Aquilo que o ser humano acolhe do mundo.

Para a questão do Sofrimento e Valores Atitudinais, Fátima surge, nessa concepção, como um espaço sagrado-católico, possuidor de uma mensagem específica, que provoca o ser humano a realizar uma mudança interior. Pede sacrifícios, mas não sacrifícios gratuitos, que seriam uma certa forma de masoquismo, como lembraram Duque (2017) e Jesus, L. (2018). Assim, a Mensagem de Fátima cumpre – para os partícipes dessa crença – um papel de copartícipe “nos acontecimentos culminantes da história da salvação”. (JOÃO PAULO II, 2004). Esse convite para a coparticipação nos planos divinos, feito à Maria e estendido à humanidade, realizado através do oferecimento do sofrimento diário, dá sentido aos sofrimentos que ocorrem na vida humana e uma razão,

mesmo que implícita, que se não existe a compreensão do “por quê”, o questionamento do “para quê” pode ressignificar o sentido desse sofrimento. Quando o ser humano não consegue mudar a realidade exterior, pode mudar a si mesmo pela forma como encara e age diante de determinadas situações.

A essa situação nota-se profunda aproximação com o abordado por João Paulo II:

No fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: “por quê?” É uma pergunta acerca da causa, da razão, e também acerca da finalidade (para quê?); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido. (JOÃO PAULO II, 2015, p. 16).

Dessa forma, acredita-se que o Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, de acordo com a análise do *corpus*, demonstrou ser um espaço com alguns matizes similares, mas não idênticos. Fátima, como um *lugar de peregrinação* e Sentido, surge como um espaço físico de destino turístico que, por motivos próprios da confissão religiosa, atrai pessoas com desejos específicos e religiosos. Para esse lugar de peregrinação não basta, apenas, ser reconhecido como um local de espiritualidade, mas estar intimamente ligado à confissão religiosa detentora do próprio espaço que recebe as peregrinações. Já o *lugar de sentido* é compreendido como aquele que propicia aos seus visitantes, em sua integralidade, oportunidades de sanar suas inquietações, buscas e seus desejos interiores, em relação ao sentido da própria existência. Aceita-se que nem todos os turistas ou peregrinos possam, conscientemente, estar em um momento de crise existencial, e que estejam nesse processo de busca, mas, enquanto gestor do local que acolhe, o Santuário precisa oferecer momentos e possibilidades de sentido para os que, em crise existencial, chegam com esse anseio.

Para declarar Fátima como um Lugar de Acolhimento Humano, Pastoral e Espiritual, abordou-se o entendimento e a forma como esse Santuário pensa e trabalha o aspecto do acolhimento amplo e irrestrito, que atende o ser humano em sua integralidade humana, pastoral e espiritual. Assim, reforça-se que a *logoterapia* apresenta o aspecto espiritual como componente para a integralidade do ser humano, ao compreender o espiritual como parte fundante da essência humana. Dessa forma, nessa categoria, compreende-se a dimensão integral e indistinta do acolhimento humano. Ao utilizar a logoterapia, linha de estudo da psicoterapia, percebe-se a distinção entre o sentido laico do acolhimento humano no Santuário,

em relação àquele confessa e abertamente doutrinal-católico. Por esse acolhimento ser apresentado, ainda, através de diversas atitudes em regras escritas, tradição e/ou ações informais, optou-se por manter o nome Acolhimento Humano, Pastoral e Espiritual e, quando a essas atitudes for acrescentado um objetivo principal, elas passariam ao patamar da hospitalidade propriamente dita, conforme embasado no referencial teórico.

Fátima possui, diante de diversas estruturas de atendimento, uma que é sua razão de ser e que classifica o acolhimento como uma missão específica: a vivência e a difusão da Mensagem de Fátima. Percebeu-se, através dos documentos do Santuário e das entrevistas realizadas, o zelo na questão do acolhimento, mesmo antes da creditação do Santuário como um local de peregrinação oficial da Igreja Católica. Aliás, da preocupação com o acolhimento dos peregrinos mesmo antes da existência de qualquer construção e/ou materialização física no espaço da Cova da Iria. Após o reconhecimento das aparições como dignas de crédito, a missão principal daqueles que estavam responsáveis pelo espaço era o acolhimento, com o intuito da vivência e difusão da mensagem que fora lá transmitida. O acolhimento para essa vivência muito se assemelha aos *valores vivenciais* logoterápicos, quando se refere aos valores que a pessoa acolhe do mundo, que pode, também, incluir uma experiência religiosa através do acolhimento e da hospitalidade recebidos com o propósito de dar sentido à sua existência. Nessa categoria, também, percebe-se bastante presente a proposta de *sentido* na logoterapia, pelo *sofrimento e valores atitudinais*. Recorda-se o que Jesus, L. afirma:

Há certas circunstâncias na vida que não temos força para dirigir a vontade de sentido para fora de nós, realizando um valor criador que nos plenifique de sentido; e aquilo que o mundo nos oferece também não está bom, o valor vivenciado não está nos fazendo felizes, mas temos ainda uma forma de descobrir sentido nessas circunstâncias, está ao nosso alcance mudar a nós mesmos. Chama-se a essa forma de encontrar sentido a realização de valores atitudinais, está nas minhas mãos ter uma atitude última diante da vida. O sofrimento faz parte da vida. (JESUS, L., 2018, p. 48).

Diante dessa Mensagem, em Fátima, encontra-se uma proposta de sentido, através da mensagem católica deixada com as três crianças-pastoras. O sofrimento vivido no mundo serve como sacrifício e penitência para o que vai além, no transcendente. Essa proposta revolucionária direciona e define o sentido do acolhimento proposto em um local de peregrinação católica, o Santuário de Fátima.

Dessa forma, o sentido teleológico nas ações intraculturais de hospitalidade surge como a realização da raiz do sentido, através das ações de hospitalidade católica, com matiz essencialmente confessional e católico. Entende-se que agora não se aborda mais somente um sentido de acolhimento, ou hospitalidade, mas uma teleologia da hospitalidade, que contempla a ideia de sentido advinda da logoterapia, e a complementa quando permite que seja utilizada, também, através de uma confissão religiosa, em um sentido cristão para o sofrimento humano. Aqui, a hospitalidade já possui o que Levinas entende como “o sentido de uma coisa está na sua relação com outra coisa”. (2017, p. 79). A teleologia dá sentido às atitudes de acolhimento, transformando-as em ações intraculturais de hospitalidade, devido ao conteúdo da Mensagem de Fátima. Ciente de que as atitudes de acolhimento, que geram as ações intraculturais de hospitalidade, não se encerram em um estudo ou em uma gestão no Santuário, localizaram-se determinadas atitudes na fala dos entrevistados. Cabe, aqui, reforçá-las, seja pela quantidade de vezes que a ideia em questão foi abordada por diversos entrevistados, seja por aparecer na fala de apenas um entrevistado, mas que bem simbolizam as atitudes norteadoras das ações naquele espaço.

O Santuário de Fátima é um agente ativo de acolhimento e hospitalidade. Ele acolhe o estrangeiro de crença; acolhe doentes; católicos; facilita o acesso ao teto e ao alimento; não fecha o espaço do Recinto de Oração e da Capelinha; oferece a hospitalidade da escuta, através das confissões; propicia momento para absorver a palavra de Deus, através das missas; tem sete idiomas oficiais, e procura comunicar-se com todos, para acolher o maior número possível de visitantes; organiza e oferece momentos culturais, exposições, música, fotos, em que os beneficiários podem, ou não, pertencer à mesma crença; acolhe os investigadores sem conduzir o estudo para algum pensamento único; enfim, diversos exemplos poderiam ser dados aqui, e foram, no decorrer do trabalho, que elencam as atitudes ativas de acolhimento institucional, por parte do Santuário de Fátima e por que, no entendimento deste estudo, caracterizam-se Ações Intraculturais de Hospitalidade.

Essas ações, no Santuário de Fátima, evidenciam o zelo com o ser humano, pela própria essência humana desse ser. Se o transcendente surge propondo uma aliança, e promete um sentido pleno, ao lado da divindade, a maneira como o ser humano comprova ser merecedor desse pacto é através das suas ações, carregadas de sentido teleológico, pois, se não fosse assim, seriam meras atitudes

humanas, desvestidas do sentido pleno proposto pelo transcendente na mensagem de Fátima. Importante é destacar, também, que essas ações intraculturais de hospitalidade são direcionadas a todos, sem exceção. Do católico ao estrangeiro de crença. A hospitalidade, assim, reflete a atitude própria do cristão, como parte inseparável de sua própria essência, e permanece como ação intracultural de hospitalidade, pois, mesmo sendo direcionada também ao estrangeiro da crença, ela existe por motivos propostos pela confissão religiosa. “Completo na minha carne – diz o apóstolo São Paulo, ao explicar o valor salvífico do sofrimento – o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja”. (JOÃO PAULO II, 2015, p. 5).

Assim, o estudo atende ao que foi previsto quando objetivou compreender e dar respostas à questão: *Sentido do acolhimento institucional e as ações intraculturais de hospitalidade em um local católico de peregrinação (Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Portugal) e como são realizadas na construção e no reforço da identidade cristã no peregrino contemporâneo.*

Diante do trabalho exposto, percebem-se alguns pontos:

- a) existe, de fato, um sentido para o acolhimento institucional, por parte do Santuário. Esse sentido tem como objetivo sarar as dores físicas, psíquicas e espirituais dos que lá chegam, através das ações oferecidas naquele espaço;
- b) existe um conjunto de atitudes que, isoladas, não a diferenciariam de muitos outros destinos turísticos. Ocorre que, em Di Sante (2012), encontrou-se um nexo causal da soma dessa “atitude humana, e geradora de humanidade” (CORREIA, 2014 p. 218), a qual dá-se o nome hospitalidade;
- c) o entendimento sobre a soma das atitudes que geram hospitalidade, percebeu-se que existe um fator que une o desejo da edificação dessas atitudes: a realização por motivos religiosos. A esse fato, aproximou-se Santana Talavera (1997) e suas “Ações Intraculturais”, e desenvolveu-se esse pensamento como uma resposta, via ações intraculturais de hospitalidade, para a propagação da crença cristã-católica; dessa forma, contribuindo para a construção e o reforço indenitário da crença;
- d) as Ações intraculturais de hospitalidade são uma resposta e um convite do catolicismo para um resgate das ações interpessoais e humanas, de forma indistinta e sem a “nuvem” do preconceito. O respeito pelo ser

humano, pelo fato de ele ser um humano. Evidentemente, a propagação dessas ações tenderia a aumentar o número de adeptos dessa crença, mas, no momento – e para este estudo –, cabe a análise da existência do sentido no acolhimento, e qual o sentido teleológico das ações intraculturais de hospitalidade, em um local de peregrinação católica: o Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Esse estudo contribui sob diversos ângulos para o estudo científico do turismo e da hospitalidade. Ao aproximar autores e linhas de pesquisa de forma inédita, abriu-se a possibilidade de diferente olhar, mais aprofundado, sobre o sentido e a teleologia do deslocamento turístico, quando envolto em ambiente religioso. Os documentos das instituições religiosas detentoras do espaço não podem, e não foram, marginalizados. Aproximaram-se autores e entrevistados que poderiam, com legitimidade, falar em nome da Instituição, e não autores, mesmo bem-intencionados, que não possuíam delegação para abordar tema tão específico. Aproximar a integralidade do ser humano, através do inconsciente espiritual (FRANKL, 2007) com o sentido das peregrinações, e como a hospitalidade pode oferecer subsídios para os peregrinos alcançarem essa resposta, permitiu aprofundar o estudo em outra linha psicoterápica – no turismo e na hospitalidade – daquelas normalmente utilizadas, possibilitando novos entendimentos e conceitos sobre o que, de fato, motiva e coloca em movimento o ser humano.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, E. S. **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, SP: Papirus, 2003.

AMBRÓSIO, Vitor. **Fátima**: território especializado na recepção de turismo religioso. Lisboa: Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística, 2000.

ADAM, A. R. **Histoire de son pèlerinage**. Sedan, France: Balan, 1934.

AGOSTINHO, P. **Imagem e peregrinação na cultura cristã**: um esboço introdutório. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.

AMARAL, A. C. R. **Ética social e governamental**: advocacy e lobby: uma proposta para o exercício da cidadania na democracia contemporânea. São Paulo: Hottupos, 1997.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Estudo de estruturação pastoral (ensaio)** – setembro de 1974.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Jornal mensal Voz de Fátima** (dos anos de 1920 a 2017).

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Pasta 14, os seguintes documentos**: DS 14.8, DS 14.9, DS 14.10, DS 14.11, DS 14.12, DS 14.13, DS 14.13, DS 14.15, DS 14.16, DS 14.56, DS 14.62.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Pasta 4740**, documentação completa presente.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Pasta 95, os seguintes documentos**: DS 95.3, DS 95.5, DS 95.8, DS 95.9, DS 95.10, DS 95.14, DS 95.22, DS 95.24, DS 95.35, DS 95.36, DS 95.37, DS 95.38, DS 95.39, DS 95.44, DS 95.46, DS 95.54, e DS 95.54 até DS 95.96.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Pasta 97, os seguintes documentos**: DS 97.18, DS 97.19, DS 97.42, DS 97.43, DS 97.44, DS 97.45, DS 97.48, DS 97.49.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Pasta 98, os seguintes documentos**: DS 98.7, DS 98.18, DS 98.19, DS 98.20, DS 98.23, DS 98.18, DS 98.24, DS 98.25, DS 98.54, DS 98.55, DS 98.58.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Relatório da reitoria e SEAL**, a entregar ao novo reitor, Pe. Virgílio do Nascimento Antunes, Fátima, 2008.

ARQUIVO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Vida administrativa do santuário 1917-1972** (ASF 341).

AQUINO, T. A. A.; DAMÁSIO, B. F.; SILVA, J. P. **Logoterapia & Educação**. São Paulo: Paulus, 2010.

BAPTISTA, Isabel. A diferença como primeira referência do humano: diversidade e identidade. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Porto, Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia. **Anais [...]**. Porto: Universidade do Porto, 2000. p. 241-246. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6208.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2014.

BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 13-22, dez. 2008.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. *In*: DIAS, C. M. de M. (ed.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. p. 157-164.

BAPTISTA, Isabel. Para uma geografia de proximidade humana. **Revista Hospitalidade**, São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, v. 2, n. 2, p. 13-22, dez. 2005.

BAPTISTA, José. Serviços e estruturas de acolhimento do santuário. *In*: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **O Santuário, iniciativa divina em favor dos homens**. Santuário de Fátima, Fátima. 2007. p. 105-113.

BARRETTO, M. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas: Papirus, 2007.

BARRETTO, M. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENTO XVI. **Carta por ocasião do II Congresso Mundial da Pastoral de Peregrinações e Santuários**, 8 de set. 2010a. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20100908_compostela.html. Acesso em: 30 out. 2018.

BENTO XVI. **Mensagem do Papa Bento XVI por ocasião do VII Congresso Mundial da Pastoral do Turismo**, 18 de abril de 2012. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/pont-messages/2012/documents/hf_ben-xvi_mes_20120418_pastorale-turismo_po.html. Acesso em: 26 out. 2018.

BENTO XVI. **Visita à catedral de Santiago de Compostela: saudação do Santo Padre**. 6 nov. 2010b. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20101106_cattedrale-compostela.html. Acesso em: 26 ago. 2016.

BERTONE, Tarcísio. Mensagem de Fátima: apresentação. *In*: LÚCIA. **Memórias da Irmã Lúcia I**. 17. ed. Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto, 2015. p. 197-204.

BOTTON, A. **A arte de viajar**. São Paulo: Rocco, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BYRNES, J. F. Pilgrimage at Chartres, from the Second Empire to the End of World War I. **Paper prepared for the seminar on Comparative Symbology at the University of Chicago**, 1975.

CAMARGO, L. O. L. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano V, n. 2, p. 23-56, dez. 2008.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, L. O. L. O estudo da hospitalidade. *In*: MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011.

CAMARGO, L. O. L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. 12, n. especial, p. 42-69, 2015.

CAREY, F.P. **Lough derg and its pilgrimage**. 3rd ed. Dublin: Irish Messenger Press, 1939.

CAVALCANTE, A. M. Léngua tirana, um turismo de fé. *In*: LIMA, L. C. (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: Uece, 1998.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COHEN, E. Pilgrimage centres: concentric and excentric. **Annals of Tourism Research**, n. 19, p. 33-50, 1992.

COHEN, E. Tourism and religion: a comparative perspective. **Pacific Tourism Review**, n. 2, p. 1-10, 1998.

COLEMAN, Simon. Do you believe in pilgrimage?: communitas, contestation and beyond. **Anthropological Theory**, v. 2, n. 3, p. 355-368, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL CNBB. **Pastoral do turismo: desafios e perspectivas**. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CORREIA, J. A. S. **A hospitalidade na construção da identidade cristã**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.

COSTA, O. J. L. A Festa do Senhor do Bonfim em Icó – CE: Uma proposta de Turismo Religioso. *In*: LIMA, L. C. (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998.

COUTINHO, Vítor. **Bioética e teologia: que paradigma de interação?** Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.

DE JESUS, Eduardo Taborda. **A ética do turismo cultural nos escritos da Santa Sé**. 2012. 195 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural) – Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2012.

DE JESUS, Eduardo Taborda.; HERÉDIA, V. B. M. A influência dos missionários religiosos católicos nos processos migratórios contemporâneos. Evangelização cristã ou catequização ideológica? *In*: REUNION DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUR, 2015, Montevideo. **Anais [...]**. Diálogos, practicas y visiones antropologicas desde el Sur. Disponível em: <http://xiram.com.uy/actas-del-congreso/grupos-de-trabajo/ponencias-grupo-de-trabajo-51>. Acesso em: out. 2016.

DE JESUS, Eduardo Taborda. **História e gestão do turismo católico**: Pastoralis Quad Turismum. Porto Alegre: DM, 2014.

DE JESUS, Eduardo Taborda. Turismo e meio ambiente na Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. *In*: ANPTUR, 13., 2016, São Paulo. **Anais [...]** Disponível em: <http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DPS2/562.pdf>. Acesso em: 19 maio 2017.

DE JESUS, Eduardo Taborda. Turismo religioso: los católicos y la búsqueda de sentido. **Revista Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 27, n. 2, p. 446-459, 2018. Disponível em: <http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V27/N02/v27n2a14.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

DERRIDA, J. **De l'hospitalité**. Paris: Calmann-Lévy, 1997.

DERRIDA, J. **Força de lei**: o fundamento místico da autoridade. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DI SANTE, Carmine. **L'io Ospitale**. Messagero di Sant'Antonio – editrice. Padova. Prima edizione digitale 2012.

DIAS R.; SILVEIRA E. J. S. (org.). **Turismo religioso**: ensaios e reflexões. Campinas, SP: Alínea, 2003.

DIAS, C. M. de M. (org.). **Hospitalidade**: reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

DIAS, R. O Turismo religioso como segmento do mercado turístico. *In*: DIAS, R.; SILVEIRA, E. J. S. (org.). **Turismo religioso**: ensaios e reflexões. Campinas, SP: Alínea, 2003.

DOTTI, Clemente. Os acolhedores: os sentinelas do santuário. *In*: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **O Santuário, iniciativa Divina em favor dos Homens**. Santuário de Fátima, Fátima. 2007. p. 133-153.

DUARTE, M. D. **Arte sacra em Fátima**: uma peregrinação estética. Fátima: Fundação Arca da Aliança, 2006.

DUQUE, João Manuel. **Fátima: uma aproximação**. Prior Velho, Portugal: Paulinas, 2017.

DUQUE, João Manuel. Fragmentos para uma filosofia da hospitalidade. *In*: SANTOS, M. M. C.; BAPTISTA I. **Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul: Educus, 2014. p. 149-160.

FERNANDES, João Luis Jesus. **O homem, o espaço e o tempo no maciço calcário estremenho: o olhar de um geógrafo**. Coimbra: Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000.

FERREIRA, Jorge. Serviços e estruturas de acolhimento do Santuário. *In*: **O Santuário, iniciativa Divina em favor dos Homens**. Santuário de Fátima, Fatima, 2007. p. 115-121.

FORNARI-CARBONELL, I. M. **La escucha del huésped (Lc 10, 38-42). La hospitalidad en el horizonte de la comunicación**. Estella: Verbo Divino, 1995.

FRANCISCO. **Decreto Penitenciária Apostólica com o qual concede-se o dom das indulgências por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude**.

Vaticano. 2013a. Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/tribunals/apost_penit/documents/rc_trib_appen_d oc_20130709_decreto-indulgenze-gmg_po.html. Acesso em: 2 mar. 2017.

FRANCISCO. **Mensagens e homilias JMJ Rio 2013**. Brasília: Edições CNBB, 2013b.

FRANCISCO. **Rito de canonização dos pastorinhos: homilia**. Fátima, Portugal. 13 de maio de 2017a. Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170513_omelia-pellegrinaggio-fatima.html. Acesso em: 15 maio 2017.

FRANCISCO. **Saudação aos doentes no final da missa**. Fátima, Portugal. 13 maio 2017b. Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170513_malati-fatima.html. Acesso em: 15 maio 2017.

FRANCISCO. **Saudação do Papa Francisco. Bênção das Velas**. Fátima, Portugal. 12 de maio de 2017c. Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170512_benedizione-candele-fatima.html. Acesso em: 14 maio 2017.

FRANKL, Viktor; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. 10. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 36. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014a.

FRANKL, Viktor. **Logoterapia e análise existencial**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FRANKL, Viktor. **O que não está escrito em meus livros**. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida**. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor. **Um sentido para a vida, psicoterapia e humanismo**. 11. ed. Aparecida/SP: IdEias e Letras, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIRÃO, Aristides de Amorim. **Fátima terra de milagre: ensaio de geografia religiosa**. Instituto de Alta Cultura, Coimbra, 1958.

GRABURN, Nelson. Antropologia ou antropologias do turismo? *In*: GRABURN, N. BARRETTO, M. *et al.* (org.). **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papirus, 2009.

GRABURN, Nelson; BARRETTO, M. *et al.* (org.). **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papirus, 2009.

GRABURN, N. Secular ritual: a general theory of tourism. *In*: SMITH V, BRENT, M. (ed.). **Hosts and guests revisited: tourism Issues of the 21st century**. New York: Cognizant Communication Corporation, 2001. p. 42-50.

GRABURN, Nelson. Turismo: el viaje sagrado, *In*: SMITH, V.S. (coord.): **Anfitriones e invitados: antropologia del turismo**. Madrid: Endymión, 1989. p.45-68.

GRIMES, Ronald. Ritual studies: two models. **Religious Studies Review**, v. 2, n. 4, p. 13-25, 1976.

GRINOVER, L. A hospitalidade na perspectiva da cidade contemporânea. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL EM HOSPITALIDADE: ROSTOS E LUGARES DE HOSPITALIDADE, 2., 2009, Porto. **Anais [...]**. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2009.

GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.
GROSS, D. R. Ritual and conformity: a religious pilgrimage to northeastern Brazil. **Ethnology**, n. 2, p. 129-148, 1971.

GROULX, L. H. ; POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HARTMANN, C. B. Turismo religioso Santuário Sagrado Coração de Jesus – Padre Reus: Amor a Deus que movimenta as pessoas. *In*: LIMA, L. C. (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: Uece, 1998.

HEATH, Sidney. **Pilgrim life in the middle ages**. London: Fischer Unwin, 1911. Disponível em: <https://archive.org/stream/pilgrimlifeinmid00heatuoft#page/n15/mode/2up>. Acesso em: 12 mar. 2018.

JESUS, L. M. **Qual é o sentido**. Porto Alegre: Edipucrs, 2018.

JOÃO PAULO II. **A peregrinação aos lugares relacionados com a história da salvação**. São Paulo: Paulinas. 1999.

JOÃO PAULO II. **Angelus**, 21 jun 1987. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1987/documents/hf_jp-ii_ang_19870621.html. Acesso em: 4 mar. 2019.

JOÃO PAULO II. **Audiência geral**, 7 jan 2004. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_20040107.html. Acesso em: 4 jan. 2019.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Fides et Ratio***, São Paulo: Paulinas, 1998. 13. ed. 3. reimp., 2014.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. 1985. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/indice_po.html. Acesso em: 14 out. 2016.

JOÃO PAULO II. **Código de direito canônico**. 1983. Tradução de Conferência Episcopal Portuguesa. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 4.ed. 2007.

JOÃO PAULO II. **Discorso ai partecipanti al I Congresso Mondiale della Pastorale dei Santuari e dei Pellegrinaggi**. 28 de fevereiro de 1992. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1992/february/documents/hf_jp-ii_spe_19920228_pastorale-santuari.html. Acesso em: 11 nov. 2018.

JOÃO PAULO II. **Discorso ai partecipanti I al II Congresso Mondiale della Pastorale del Turismo**. 10 nov. 1979a. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_pastorale-turismo.html. Acesso em: 11 nov. 2018.

JOÃO PAULO II. **Discorso all' Organizzazione Mondiale del Turismo (UNWTO/OMT), Madrid (Spagna)**, 2 nov 1982a. Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1982/november/documents/hf_jp-ii_spe_19821102_turismo_po.html. Acesso em: 8 nov. 2018.

JOÃO PAULO II. **Discorso alla cittadinanza di Courmayeur**, 7 set. 1986. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/september/documents/hf_jp-ii_spe_19860907_cittadinanza-courmayeur.html. Acesso em: 4 jun. 2018.

JOÃO PAULO II. **Discorso del Santo Padre Incontro com i Collaboratori del Santuario di Fatima**, 13 mar 1982b. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820513_collaboratori-santuario.html. Acesso em: 7 ago. 2018.

JOÃO PAULO II. **Discurso a uma peregrinação do Senegal**, 14 set. 1979b. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/september/documents/hf_jp-ii_spe_19790914_pell-senegal.html. Acesso em: 4 maio 2018.

JOÃO PAULO II. **O Sentido Cristão do Sofrimento Humano: carta apostólica *Salvifici Doloris***. 1998. 2009. 11. ed. São Paulo: Paulinas. 4. reimpr. 2015.

JOÃO XXIII. **Discorso ai partecipanti alle celebrazioni del 'Centro Turistico Giovanile'**, 24 set. 1961. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/it/speeches/1961/documents/hf_j-xxiii_spe_19610924_centro-turistico.html. Acesso em: 8 out. 2018.

JOVCHELOVITCH, S. ; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

LACERDA, A. L. R. Abordagens biossociais na sociologia: biossociologia ou sociologia evolucionista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 70, jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000200010. Acesso em: 21 dez. 2016.

LEVINAS, E. **Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2010.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2017.

LIMA, L. C. (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: Uece, 1998.

LÚCIA. **Memórias da Irmã Lúcia I**. 17. ed. Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto, 2015.

LÚCIA. **Memórias da Irmã Lúcia II**. 6. ed. Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto, 2016.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**: o ensaio sobre a dádiva. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENDONÇA, José Tolentino. Prefácio. *In*: CORREIA, João Alberto Souza. **A hospitalidade na construção da identidade cristã**. Universidade Católica Editora. Lisboa, 2014. p. 11-13.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante**: o tempo e a promessa. Paulinas: São Paulo, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. A peregrinação para o santuário, âmbito de cultura. *In*: PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Pellegrini al Santuario**. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. p. 213-218.

MENDONÇA, José Tolentino. **O tesouro escondido**: para uma busca interior. Paulinas: São Paulo, 2012.

MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac, 2011.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí. Unijuí, 2016.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, R. Uma tempestade de Luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência & Educação**, Bauru/SP, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

NEVES, J. M. O. Turismo religioso: espiritualidade, cultura e prática turística? *In*: SANTOS, M. G. M. P. (org.). **Turismo cultural, territórios e identidades**. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria e Edições Afrontamento, 2010.

OBISPOS DEL CAMINO DE SANTIAGO DE FRANCIA Y ESPAÑA. **Carta Pastoral Acogida y hospitalidad en el camino de Santiago**. Fundación Catedral de Santiago, Santiago de Compostela, 2017.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Religiosidade popular na pós-modernidade: um ritual turístico? *In*: LIMA, L. C. (org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: Uece, 1998.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, G.C S. C. A Associação dos Servitas de Fátima. *In*: SANTUÁRIO DE

FÁTIMA. **O santuário, iniciativa divina em favor dos homens**. Fatima: Santuário de Fátima, 2007. p. 125-130.

PANAZZOLO, F. B.; DE JESUS, E. T. Santiago de Compostela: História e Contemporaneidade. *In*: SEMINTUR, 9., 2017, Caxias do Sul. **Anais [...]** Disponível em: http://pastoraldoturismo.com.br/wp-content/uploads/2018/05/bbfecb_f507dfec5cd94631b4749fb2054ad856-1.pdf. Acesso em: 5 nov. 2018.

PAULO VI. **Constituição Apostólica Indulgentiarum Doctrina**: Sobre a doutrina das indulgências. 1967. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_01011967_indulgentiarum-doctrina.html. Acesso em: out. 2016.

PERAZOLLO, O. A.; SANTOS, M. M. C.; PEREIRA, S. Meios de hospedagem no contexto do turismo: considerações sobre acolhimento e formação profissional. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]** Caxias do Sul, 2010.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia**: teoria e prática. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

PEREIRA, G. A. ; GOSLING, M. S. Los viajeros y sus motivaciones: un estudio exploratorio sobre quienes aman viajar. **Revista Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 26, n. 1, p. 62-85, 2017. Disponível em: <http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V26/N01/v26n1a04%20res.pdf>. Acesso em: jan. 2018.

PÉREZ, X. P. ; FERNANDES, F. **Antropologia e turismo**: teorias, métodos e praxis. El Sauzal, Tenerife, España: ACA y PASOS, RTPC. 2018.

PÉREZ, X. P. **Turismo cultural**: uma visão antropológica. El Sauzal, Tenerife, España: ACA y PASOS, RTPC, 2009.

PICH, Roberto; ZILLES, Urbano (org.). **Filosofia, religião e ciência**. Porto Alegre: EST, 2008. v. 1.

PIO XII (05/06/1952). Le comunicazioni ferroviarie mezzo di armonia tra i popoli. *In*: **Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla Pastorale del Turismo**. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2009. p. 21-22.

PIO XII (30/03/1952). La nozione cristiana del turismo. *In*: **Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede Sulla Pastorale del Turismo**. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2009. p. 19-21.

PLENTZ, R. **Dialética da hospitalidade**: caminhos para a humanização. 2005. 208 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/213/1/Dissertacao%20Renata%20S%20Plentz.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2015.

PONTIFICAL COUNCIL FOR THE PASTORAL CARE OF MIGRANTS AND ITINERANT PEOPLE. **Guidelines for the Pastoral care of the migrants. People on the Move.** Città del Vaticano, n. 100, 2006.

PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONE E TURISMO. **L'epoca patristica e la pastorale della mobilità umana.** Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1989.

PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONE E TURISMO. **Liturgia e mobilità umana.** Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1987a.

PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONE E TURISMO. **Maria esule, itinerante, pia pellegrina.** Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1988.

PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONE E TURISMO. **Migrazioni e Accoglienza nella Sacra Scrittura: senza frontiere.** Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1987b.

PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONE E TURISMO. **Migrazioni e diritto ecclesiale: La pastorale della mobilità umana nel nuovo Codice di diritto canonico.** Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1992.

PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONE E TURISMO. **Orizzonti Pastoralis Oggi: Studi Interdisciplinari sulla Mobilità Umana.** Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1987c.

PONTIFICIA COMMISSIONE MIGRAZIONI E TURISMO. **Chiesa e Mobilità umana: Documenti della Santa Sede dal 1883 al 1983.** Roma: Centro Studi Emigrazione Roma, 1985.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI).** 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

PONTIFICO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Pro materna circa la Concessione di Speciali Facoltà e di Privilegi al Cappelani e al Fedeli dei Singoli Settori della Mobilità Umana. maio 1982. *In: Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo.* Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009a. p. 251-253.

PONTIFICO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Riflessioni e Istruzioni di Seguito alla Lettera Circolare alle Conferenze Episcopali Chiesa e Mobilità Umana, maio 1978. *In: Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo.* Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009b. p. 245-250.

PONTIFICO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Il Macrofenomeno Migratorio e La Globalizzazione,** Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2010.

PONTIFICO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **La Sollecitudine della Chiesa verso i Migranti,** Libreria Editrice

Vaticana, Città del Vaticano, 2005.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Migranti e Pastorale D'accoglienza**, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2006.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Operatori di Una Pastorale di Comunione**, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2007.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Strutture di Pastorale Migratoria**, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2008.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Solidarietà per le Nuove Migrazioni**, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1991.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla Pastorale del Turismo**, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2009c.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Direttorio Generale Peregrinans in Terra: per la pastorale del turismo, 30 abr 1969. In: **Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009d. p. 215-230.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. Lettera alle Conferenze Episcopali Chiesa e Mobilità Umana, 4 maio 1978. In: **Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla pastorale del turismo**, Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009e, p. 230-245.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Orientamenti per La Pastorale Del Turismo**. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Pellegrini al Santuario**. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulinas, 1989.

RATZINGER, J. Comentário teológico do Cardeal Ratzinger (2000). In: LÚCIA. **Memórias da Irmã Lúcia I**. 17. ed. Fundação Francisco e Jacinta Marto. Fátima. 2015. p. 220-232.

RATZINGER, J. **A Europa de Bento na crise de culturas**. Lisboa: Alêtheia, 2005.

RATZINGER, J. **Europa: os seus fundamentos hoje e amanhã**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

RATZINGER, J. **Ser cristiano en la era neopagana**. 2. ed. Madrid: Encuentro, 2008.

READER, I. ; WALTER, T. **Pilgrimage in popular culture**. London: The MacMillan Press, 1993.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: antiguidade e idade média. São Paulo: Paulus, 1990.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RINSCHÉDE, G. Forms of religious tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 19, p. 51-67. 1992.

ROBICHAUD, P. Tourist or Pilgrim. **Rescuing the jubilee**, America, New York, v. 181, n. 20, p. 10-14, 1999.

ROSENDAHL, Z. Percepção, Vivência e simbolismo do sagrado no espaço: peregrinos e turistas religiosos. *In*: LIMA, L. C. (org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998.

RUBIO GIL, Á. (Ed.). **Sociología del turismo**. Barcelona: Ariel, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTANA TALAVERA, A. ; PINTO, R. O turismo na sociedade de consumo: aportes antropológicos à figuração do subsistema estático. **Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia**. CD ROM. 2008. Disponível em:
http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/foruns_de_pesquisa/trabalhos/FP%2005/roque%20pinto.pdf. Acesso em: jun. 2016

SANTANA TALAVERA, A. **Antropología do turismo**: analogias, encontros e relações. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTANA TALAVERA, A. **Antropología y turismo**: ¿nuevas hordas viejas culturas? Barcelona: Ariel, 1997.

SANTANA TALAVERA, A. **Imaginando la imagen en turismo**: un viaje de ida y vuelta. La Imagen de Andalucía en el Discurso Turístico. Seminario. Centro de Estudios Andaluces, Consejería de la Presidencia, Centro Andaluz de Arte Contemporáneo, Isla de la Cartuja, Sevilla. 26 de septiembre de 2007. Disponível em:
www.centrodeestudiosandaluces.es/datos/paginas/programa_andalucia_turismo.pdf. Acesso em: abr. 2017

SANTANA TALAVERA, A. Los antropólogos ante el turismo. Laboratorio de Antropología Social, Universidad de La Laguna. **Working Paper**, 2002.

SANTANA TALAVERA, A. Mirando culturas: la antropología del turismo. *In*: RUBIO GIL, Á. (Ed.). **Sociología del turismo**. Barcelona: Ariel, 2003. p. 103-125.

SANTOS, G. E. O. Importância das peregrinações para o turismo mundial. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 38-44, Nov. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63516/66259>. Acesso em: 13 dez. 2015.

SANTOS, M. G. M. P. (org.). **Turismo cultural, territórios e identidades**. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria; Edições Afrontamento, 2010.

SANTOS, M. G. M. P. **Espiritualidade, turismo e território**: estudo geográfico de Fátima. Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, M. M. C.; BAPTISTA I. (org.). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul: Educus, 2014.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Ano Jubilar de Fátima**: concessão de indulgência plenária. (2017). Disponível em: http://www.fatima.santuariofatima.pt/files/upload/subs%C3%ADdios/Indulgencia%20Plenaria_condicoes.pdf. Acesso em: 28 fev. 2017.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Documentação crítica de Fátima**: seleção de Documentos 1917-1930. Santuário de Fátima, Fátima, 2013.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Estatutos do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima**. Santuário de Fátima, Fátima, 2006.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **O Santuário, iniciativa divina em favor dos homens**. Santuário de Fátima, Fátima, 2007.

SCHUARTZHAUPT, R. L. C. **A hospitalidade na romaria de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha, RS sob a ótica da Igreja Católica**. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4195/Dissertacao%20Rosalina%20L.%20C.%20Schvarstzhaupt%202018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: dez. 2018.

SCHNEIDER, M.; SANTOS, M. M. C. Buscando construir um quadro teórico de referência para análise de hospitalidade em romarias. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 5, n. 4, p. 577-591, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/rt/metadata/1978/pdf_199. Acesso em: dez. 2018.

SERRALONGA, S. A.; HAKOBYAN, K. Turismo religioso y espacios sagrados: una propuesta para los santuarios del Catalunya. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 1, n. 1, p. 63-82, 2011. Disponível em:

<http://www.ufal.br/seer/index.php/ritur/article/view/241/0>. Acesso em: dez. 2018

SHARPLEY, R.; SUNDARAM, P. Tourism: a sacred journey? The case of Ashram Tourism, India. **Internacional Journal of Tourism Research**, n.7, p. 161-171, 2005.

SILVA, J. N. F da. **A morte e o morrer entre o deslugar e o lugar**: precedência da antropologia para uma ética da hospitalidade e cuidados paliativos. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

SILVA, Dom José Correia da. Doc. 64. 1921-11-18, Leiria. Carta ao Padre Agostinho Marques Ferreira. *In: Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos 1917-1930. Santuário de Fátima, Fátima, 2013. p. 229-230.

SILVA, Dom José Correia da. Doc. 133. 1930-10-13, Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima. *In: Documentação Crítica de Fátima*: seleção de Documentos 1917-1930. Santuário de Fátima, Fátima, 2013. p. 539-551.

SILVA, Dom José Correia da. Doc. 135. 1930-10-15, Leiria. Indulgências Concedidas ao Santuário Nossa Senhora de Fátima. *In: Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos 1917-1930. Fátima: Santuário de Fátima, 2013. p. 557.

SMITH V, BRENT, M. (ed.). **Hosts and guests revisited**: tourism Issues of the 21st Century. New York: Cognizant Communication Corporation, 2001. p. 42-50.

SMITH, V.S. (org.): **Anfitriones e invitados**: antropologia del turismo. Madrid: Endymión, 1989.

SOLLA, Xosé Manuel Santos. Pilgrimage and tourism at Santiago de Compostela. **Tourism Recreation Research**, v. 27, n. 2, p. 41-50, 2002.

SOLLA, Xosé Manuel Santos. Turismo religioso: uma busca turística do sagrado? *In: SANTOS, M. G. M. P. (org.). Turismo cultural, territórios e identidades*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria e Edições Afrontamento, 2010.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. *In: ABUMANSSUR, E. S. (org.). Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas, Sp: Papirus, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação: sentidos e práticas. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião** (Impresso), v. 16, p. 10-13, 2018.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e turismo religioso: tendências e paradigmas de interpretação. **Newsletter de la Asociación de Asociación de Cientistas Sociales de la Religión en el Mercosur**, Buenos Aires, n. 13, p. 1-5, 2002.

TORRALBA, F. **A arte de saber escutar**. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.

TORRES, V. M. M.; BARQUÍN, R. C. S.; GARCIA, M. O. El vínculo turismo-peregrinacion: un acercamiento desde la producción científica en inglés y en

español. **Revista Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 26, n. 1, p. 86-106, 2017. Disponível em: <http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V26/N01/v26n1a05%20.pdf>. Acesso em: out. 2017.

TRESE, L. **A Fé explicada**. São Paulo: Quadrante, 1999.

TURNER, V.; TURNER, E. **Image and pilgrimage in christian culture**. New York: Columbia University Press, 1978. Edição: 2011.

TURNER, V. The center out there: pilgrim's goal. **History of religions**, v. 12, n. 3, p. 191-230, 1973.

VEGLIÒ, S. E. Monsenhor Antonio Maria. Discurso Inaugural. *In*: PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI. **Pellegrini al Santuario**. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. p. 15-35.

VILAÇA, H. Recomposições dos rituais contemporâneos: a peregrinação. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, p. 55-67, 2007. Disponível em: https://sigarra.up.pt/fdup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=75220. Acesso em: jul. 2015.

WOODS JR, T. E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.

XAUSA, Isar Aparecida de Moraes. Introdução à edição brasileira. *In*: FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. 10. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. p. 5-9.

ZAINA, R. **Hospitalidade no contexto de uma organização do terceiro setor de inspiração religiosa**. 2005. 115 f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://portal.anhembi.br/dissertacoes/hospitalidade/programa-de-mestrado-em-hospitalidade-dissertacoes-defendidas-2005/>. Acesso em: 19 nov. 2015.

ZILLES, U. **A crítica da religião**. Porto Alegre: EST, 2009. v. 1.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

ZILLES, Urbano. **Religiões: crenças e credences**. 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

ZILLES, Urbano. **Significação dos símbolos cristãos**. 6. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

ANEXO A – Autorização para período de estudos no Departamento de Geografia e Turismo, Universidade de Coimbra



Declaração

Para os devidos efeitos, enquanto Professor do Departamento de Geografia e Turismo da Universidade de Coimbra, declaro que aceito a coorientação do trabalho de investigação que Eduardo Taborda de Jesus, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Brasil) se propõe realizar em Portugal. Esse trabalho irá decorrer entre **01 de maio de 2017 e 31 de dezembro de 2017**, insere-se em temáticas de Geografia Cultural e do Turismo Religioso e pretende realizar trabalho empírico no Santuário de Fátima, versando em particular o estudo das ações de hospitalidade que se preparam para a peregrinação do centenário das aparições. Informo ainda que nos envolveremos de modo direto no apoio a Eduardo Taborda de Jesus, de modo a alcançar, com sucesso, os objetivos propostos.

Coimbra, 12 de janeiro de 2017.

Com os Meus Cordiais Cumprimentos

Prof. Doutor João Luis J. Fernandes
Docente do Departamento de Geografia e Turismo
Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

ANEXO B – Parecer do professor responsável na Universidade de Coimbra, após término do período do estágio-doutoral, na Universidade de Coimbra



Declaração

Para os devidos efeitos, informo que o trabalho desenvolvido pelo doutorando Eduardo Taborda de Jesus em Portugal, no ano de 2017, cumpriu amplamente o plano e os objetivos iniciais previstos. A sua participação ativa em eventos científicos relevantes; a recolha de dados efetuada em diferentes locais e circunstâncias; um conjunto importante e pertinente de entrevistas; a realização de palestras e comunicações; o permanente contacto com a Universidade de Coimbra em frequentes reuniões de trabalho no âmbito da sua coorientação, assim como o constante e ativo envolvimento com o território pesquisado – Fátima, levam-me a afirmar, de modo inequívoco, que este trabalho de campo deixará marcas fundamentais, e imprescindíveis, para a organização e redação final do seu trabalho de doutoramento, sobre o qual tenho as mais elevadas expectativas.

Com os meus Cordiais Cumprimentos


 Prof. Doutor João Luis J. Fernandes
 Docente do Departamento de Geografia e Turismo
 Faculdade de Letras
 Universidade de Coimbra

ANEXO C – Autorização para acesso a estudos na biblioteca e no arquivo do Santuário de Fátima



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA
SERVIÇO DE ESTUDOS E DIFUSÃO

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos, Marco Daniel Duarte, diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima, declara que Eduardo Taborda de Jesus, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul/Brasil), solicitou acesso à Biblioteca e ao Arquivo do Santuário de Fátima, que este Serviço tutela, e que a sua pesquisa foi autorizada.

Mais se informa que, conhecedor dos objetivos a que o Investigador se propõe, se entende que o seu estudo se revela muito pertinente no contexto das abordagens que o fenómeno Fátima tem alcançado da parte da comunidade científica, nomeadamente no âmbito das Ciências Humanas e Sociais.

Santuário de Fátima, 22 de setembro de 2016

Doutor Marco Daniel Duarte
Diretor do Serviço de Estudos do Santuário de Fátima

ANEXO D – Declarações e Termos de Consentimento dos entrevistados

Pe. Cristiano João Rodrigues Saraiva
Rua de Leiria, N° 4
Paróquia de Maceira
2405-018 Maceira

DECLARAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

Para os devidos efeitos, declaro que no dia 28 de setembro de 2017 concedi uma entrevista a **Eduardo Taborda de Jesus**, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil). Essa entrevista foi realizada no prédio da reitoria do Santuário de Fátima, Portugal, para a elaboração do seu projeto de Tese, intitulado: “Turismo e a Busca de Sentido: A Hospitalidade nos Bastidores das Peregrinações”.

Mais declaro que:

- 1) Autorizei a gravação da entrevista em áudio, captada pelo entrevistador;
- 2) Autorizo para que as citações tiradas dessa entrevista sejam publicadas na Tese, da qual dispenso a condição do anonimato.

Fátima, 01 de fevereiro de 2019



Padre Cristiano João Rodrigues Saraiva



Cardeal **António Marto**
Bispo de Leiria-Fátima

DECLARAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

Para os devidos efeitos, declaro que, no dia 2 de novembro de 2017, concedi uma entrevista a **Eduardo Taborda de Jesus**, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul/Brasil), na Casa Episcopal, em Leiria, Portugal, para a elaboração do seu projeto de Tese, intitulado “Turismo e a Busca de Sentido: A Hospitalidade nos Bastidores das Peregrinações”.

Mais declaro que:

1. Autorizei a gravação da entrevista em áudio, captada pelo entrevistador;
2. Autorizo que as citações tiradas dessa entrevista sejam publicadas na Tese, da qual dispenso a condição do anonimato.

Leiria, 6 de fevereiro de 2019.


† Cardeal António Augusto dos Santos Marto

Bispo de Leiria-Fátima

DECLARAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

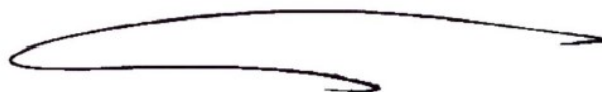
Para os devidos efeitos, declaro que no dia 28 de julho de 2017 concedi uma entrevista a **Eduardo Taborda de Jesus**, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil). Essa entrevista foi realizada no prédio da reitoria do Santuário de Fátima, Portugal, para a elaboração do seu projeto de Tese, intitulado: “Turismo e a Busca de Sentido: A Hospitalidade nos Bastidores das Peregrinações”.

Mais declaro que:

- 1) Autorizei a gravação da entrevista em áudio, captada pelo entrevistador;
- 2) Autorizo para que as citações tiradas dessa entrevista sejam publicadas na Tese, da qual dispenso a condição do anonimato.

Fátima, 10 de fevereiro de 2019

P. Héctor A. Ramirez.



Padre Hector Alfonso Ramirez Sanz Cerrada



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA

Estudos
Research

Declaração

Para os devidos efeitos declaramos que, entre julho e outubro de 2017, Eduardo Taborda de Jesus, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul/Brasil) realizou doze entrevistas com os diretores e/ou responsáveis pelos serviços deste Santuário para a elaboração de seu projeto de Tese, intitulado “Turismo e a Busca de Sentido: A Hospitalidade nos Bastidores das Peregrinações”.

Ao longo do período referido, o investigador entrevistou os elementos abaixo indicados:

- 1) Padre Doutor Carlos Cabecinhas, Reitor do Santuário de Fátima; Diretor do Serviço de Ambiente e Construções;
- 2) Padre Doutor Vitor Coutinho, Vice-Reitor do Santuário de Fátima; Diretor do Serviço Executivo do Centenário;
- 3) Padre Doutor José Nuno Ferreira da Silva, responsável pela área da pastoral juvenil;
- 4) Padre Cristiano Saraiva, Diretor do Serviço de Promoção e Preservação do Ambiente; Diretor do Serviço de Administração;
- 5) Padre Manuel Antunes, Diretor do Serviço dos Doentes;
- 6) Padre Sérgio Henriques, Diretor do Serviço de Pastoral Litúrgica;
- 7) Doutor Marco Daniel Duarte, Diretor do Serviço de Estudos e Difusão;
- 8) Doutor Pedro Valinho Gomes, Diretor do Serviço dos Peregrinos;
- 9) Dr.ª Cristina Fernandes, Diretora do Serviço de Alojamentos;
- 10) Dr.ª Carmo Rodeia, Coordenadora do Centro de Comunicação Social
- 11) Dr.ª Cláudia Camelo, Coordenadora dos Recursos Humanos;
- 12) Padre Hector Alfonso Ramírez Sanz Cerrada, Capelão dos Peregrinos de idioma espanhol

Todas as entrevistas foram captadas em áudio com a autorização do Serviço de Estudos do Santuário de Fátima e, também, dos respetivos entrevistados. Também, e a pedido do autor do estudo, informamos a autorização deste Santuário e dos entrevistados abaixo assinados



ISANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA

Estudos
Research

para a utilização nominal das citações na tese, facto que permitirá um melhor entendimento sobre o cargo e a função desempenhada pelo autor de cada manifestação no decorrer da tese.

Santuário de Fátima, 13 de fevereiro de 2019.

Padre Doutor Carlos Cabecinhas

Padre Doutor Vitor Coutinho

Padre Doutor José Nuno Ferreira da Silva

Padre Manuel Antunes

Padre Sérgio Henriques

Doutor Marco Daniel Duarte

Doutor Pedro Valinho Gomes

Dra. Carmo Rodêia





Dra. Cláudia Camelo

Dra. Cristina Fernandes

ANEXO E – Nos bastidores das peregrinações: pelo olhar do Santuário de Fátima⁸⁵



Lista de Fotografias com imagem

<p>Capelinha das Aparições</p> <p>279</p> <p>João Paulo II oferece um terço à Nossa Senhora de Fátima</p> <p>13 05 1982</p>		<p>Recinto de Oração</p> <p>5144</p> <p>Papa Paulo VI celebra a Eucaristia</p> <p>13 05 1967</p>	
<p>Capelinha das Aparições</p> <p>8549</p> <p>Dalai Lama e D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, bispo de Leiria-Fátima, chegam à Capelinha das Aparições</p> <p>27 11 2001</p>		<p>Capelinha das Aparições</p> <p>8551</p> <p>Dalai Lama entrega uma oferta a Nossa Senhora de Fátima</p> <p>27 11 2001</p>	
<p>Recinto de Oração</p> <p>46436</p> <p>Ammar Al-Hakim, vice-presidente do Conselho Superior Islâmico, acompanhado da sua comitiva chega ao Santuário de Fátima</p> <p>17 10 2008</p>		<p>Sala de Visita da Reitoria</p> <p>46447</p> <p>Ammar Al-Hakim, vice-presidente do Conselho Superior Islâmico, é recebido pelo padre Virgílio Antunes, reitor do Santuário de Fátima</p> <p>17 10 2008</p>	
<p>Capelinha das Aparições</p> <p>56143</p> <p>Papa Bento XVI saúda os peregrinos</p> <p>13 05 2010</p>		<p>Colunata norte</p> <p>56800</p> <p>Papa Bento XVI faz a bênção dos doentes</p> <p>13 05 2010</p>	

⁸⁵ Todas as fotos desse anexo são creditadas, a pedido, como “Arquivo do Santuário de Fátima. Núcleo Audiovisual”.

Capelinha das Aparições

110432

D. Samir Nassar,
arcebispo de Damasco,
faz a consagração da
Síria



01 | 12 | 2013

Capelinha das Aparições

110479

D. Samir Nassar,
arcebispo de Damasco,
abençoa os peregrinos



01 | 12 | 2013

Basílica da Santíssima Trindade

110570

D. Samir Nassar,
arcebispo de Damasco, é
saudado pelo padre
Carlos Cabecinhas, reitor
do Santuário de Fátima



01 | 12 | 2013

Basílica da Santíssima Trindade

140283

Padre José Cruz acolhe
peregrino portador de
deficiência



11 | 02 | 2015

Basílica da Santíssima Trindade

140337

Padre José Cruz fala da
mensagem do Santo
Padre para o Dia Mundial
dos Doentes aos
peregrinos



11 | 02 | 2015

Basílica da Santíssima Trindade

201057

Bispos das Igrejas
Católicas Orientais



23 | 10 | 2016

Basílica da Santíssima Trindade

201064

Bispos das Igrejas
Católicas Orientais



23 | 10 | 2016

Presbitério da Basílica da Santíssima Trindade

201278

Bispos das Igrejas
Católicas Orientais
celebram a Eucaristia



23 | 10 | 2016

Recinto de Oração

205007

Peregrino cumpre promessa de joelhos



15 | 12 | 2016

Centro Francisco e Jacinta Marto

246396

Actividades com pessoas portadoras de deficiência do projecto "Férias para pais com filhos com deficiência"



20 | 08 | 2018

Centro Francisco e Jacinta Marto

246402

Actividades com pessoas portadoras de deficiência do projecto "Férias para pais com filhos com deficiência"



20 | 08 | 2018

Centro Francisco e Jacinta Marto

246420

Actividades com pessoas portadoras de deficiência do projecto "Férias para pais com filhos com deficiência"



20 | 08 | 2018

Casa Nossa Senhora do Carmo

247075

Hilarion Alfeyev é saudado pelo Bispo de Leiria-Fátima, D. António Marto



18 | 09 | 2018

Sala de visitas da Casa Nossa Senhora do Carmo

247083

Hilarion Alfeyev é recebido pelo Bispo de Leiria-Fátima, D. António Marto



18 | 09 | 2018

Recinto de Oração

247124

Pedro Valinho faz visita guiada para Hilarion Alfeyev e sua comitiva, acompanhados por D. António Marto



18 | 09 | 2018

Capelas da Reconciliação

250337

Monitores informativos das Capelas da Reconciliação



30 | 01 | 2019

Capelas da Reconciliação

250338

Monitor informativo com os confessores em diferentes línguas

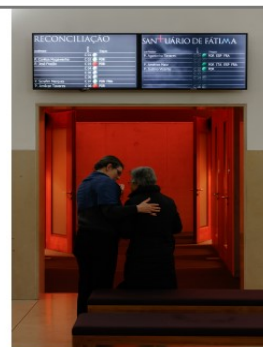


30 | 01 | 2019

Capelas da Reconciliação

250340

Acolhimento a peregrino que aguarda pela Confissão



30 | 01 | 2019

ANEXO F – Nos bastidores das peregrinações: pelas lentes do Sistema Canção Nova de Comunicação – Fátima⁸⁶



Pedido de Fotos

1 mensagem

TI CNPT <ti@cancaonova.pt>
Para: Eduardo Taborda de Jesus <tabordaturismo@gmail.com>

seg, 28 de jan de 2019 às 15:08

Boa tarde Eduardo,

Conforme pedido envio as fotos para a sua tese, e indico as condições para utilização das mesmas.

- Uso restrito a Tese, não sendo permitido a vinculação em outros meios (impressos, publicações, internet, redes sociais, etc.) sem as devidas autorizações.
- A fonte deve ser indicada em todas as fotos
- As fotos não poderão permanecer arquivadas após a apresentação da Tese.

FONTE: Canção Nova Portugal - Fátima
Local: Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Ano 2017/2018

 [fotos.zip](#)

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

Atentamente;

Carlos Silva

Canção Nova Portugal - Fátima

Tecnologia da Informação

Tel: (+351) 249 530 604

Tlm: (+351) 963 150 990

cancaonova.pt

⁸⁶ Todas as fotos desse anexo são creditadas, a pedido, como “Canção Nova Portugal – Fátima. Local: Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Ano 2017/2018”.

Figura 2 – Peregrinos em frente à Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima. 2017



Figura 3 – Peregrinos em recitação do terço em frente à Capelinha das Aparições, com a Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima ao fundo. Noite. 2017



Figura 4 – Peregrinos em frente à Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima. 2017



Figura 5 – Basílica da Santíssima Trindade. Noite. 2017



Figura 6 – Celebração eucarística na Basílica da Santíssima Trindade, Santuário de Fátima. 2017



Figura 7 – Crucifixo do Cristo Ressuscitado e imagem de Nossa Senhora de Fátima, na Basílica da Santíssima Trindade, Santuário de Fátima. 2017



Figura 8 – Apresentação de Andrea Bocelli para a celebração do Centenário de Fátima, na Basílica da Santíssima Trindade, Santuário de Fátima. 2017

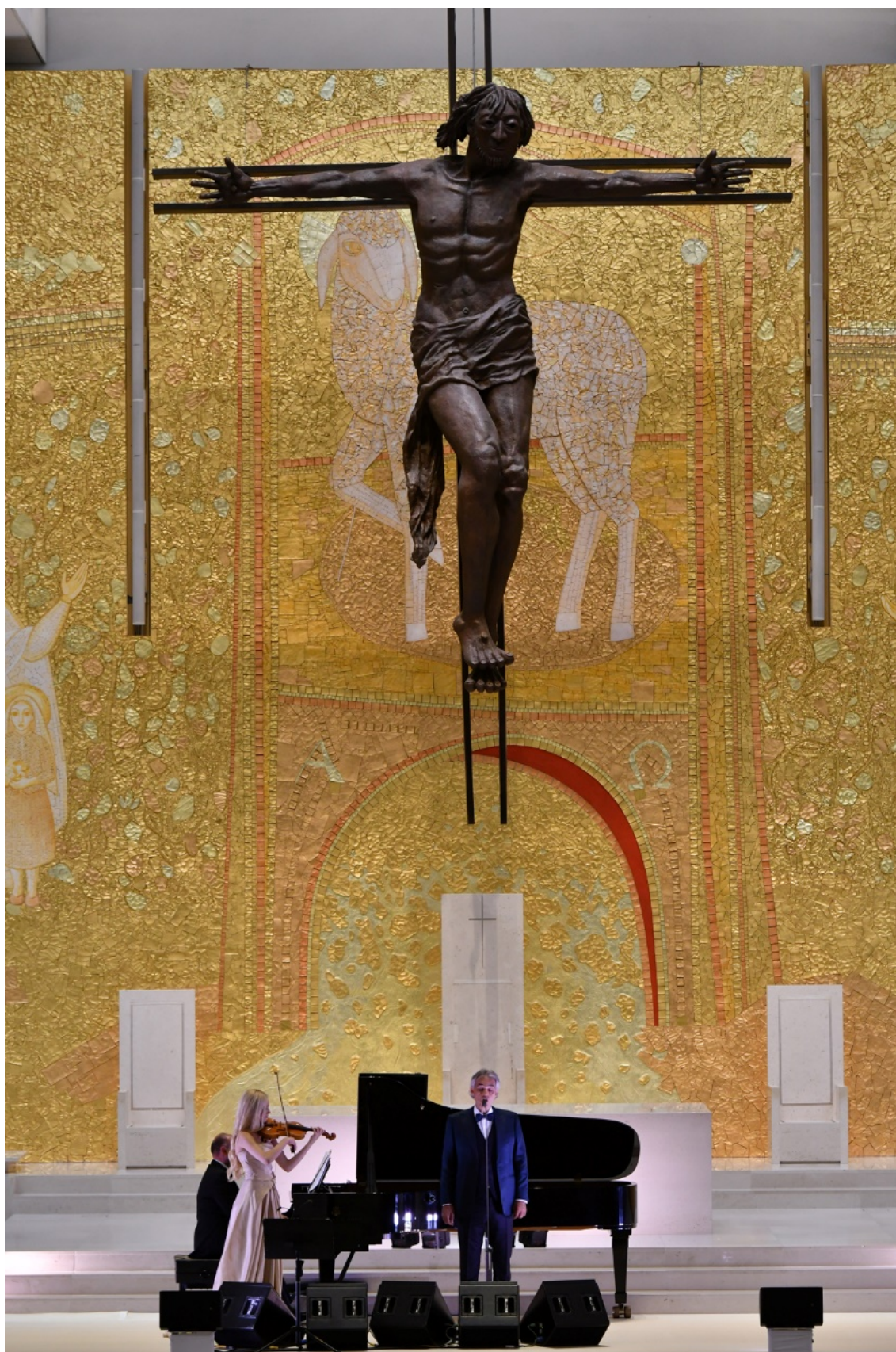


Figura 9 – Celebração eucarística na Capelinha das Aparições. 2017



Figura 10 – Papa Francisco na Capelinha das Aparições. Vigília de 12 de maio de 2017



Figura 11 – Procissão das Velas com Papa Francisco na Capelinha das Aparições. 2017



Figura 12 – Peregrinos em 13 de maio de 2017. Celebração do Centenário



Figura 13 – Peregrinos em 13 de maio de 2017. Celebração do Centenário



Figura 14 – Bandeiras dos Peregrinos. Recinto de Oração. 2017



Figura 15 – Peregrina. Recinto de Oração. 2017



Figura 16 – Peregrinos. Recinto de Oração. 2017



Figura 17 – Exaustão. Recinto de Oração. 2017



Figura 18 – Imagem oficial e Basílica ao fundo. 2017



Figura 19 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus ao centro do Recinto de Oração, em frente às Basílicas da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Rosário de Fátima, e ao lado da Capelinha das Aparições



Figura 20 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus ao centro do Recinto de Oração, em frente à Basílica da Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Imagem dos Santos Francisco e Jacinta Marto. 2017



Figura 21 – Imagens de Santa Jacinta e São Francisco Marto. Recinto de oração. 2017



Figura 22 – Procissão das Velas. Recinto de Oração. 12 de maio de 2017



Figura 23 – Sacramento da Eucaristia. Recinto de oração. 13 de maio de 2017



Figura 24 – Cardeal Dom António Marto ao lado da imagem oficial, na capelinha das aparições



ANEXO G – Nos bastidores das peregrinações: pelo autor do estudo⁸⁷

Figura 25 – Exterior da Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, e altar do recinto de oração



Figura 26 – Exterior da Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, colunata e recinto de oração



⁸⁷ Todas as fotos deste anexo são do autor deste estudo, Eduardo Taborda de Jesus.

Figura 27 – Vista lateral da Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Santuário de Fátima



Figura 28 – Aviso “Fátima é um lugar de adoração: Entre como peregrino”, vista lateral da Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Santuário de Fátima



Figura 29 – Procissão das Velas, Capelinha e Basílica. 2011



Figura 30 – Exterior da Basílica da Santíssima Trindade, com a Capelinha das Aparições à direita



Figura 31 – Alpendre e Capelinha das Aparições vista da escadaria do Recinto de Oração, com peregrinos espanhóis na missa diária em espanhol. 2017



Figura 32 – Exterior da Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima. Noite. 2011



Figura 33 – Portão de entrada da Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima. 2011

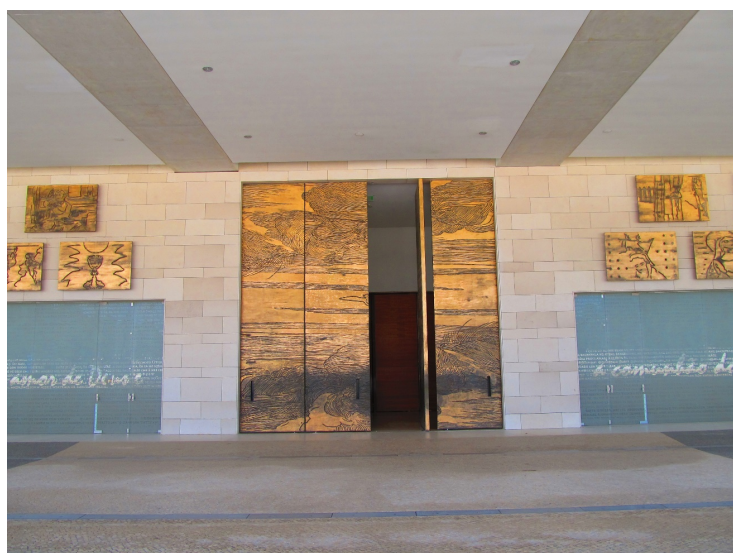


Figura 34 – Presbitério da Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima. 2011



Figura 35 – Interior da Basílica da Santíssima Trindade. 2011



Figura 36 – Interior da Basílica da Santíssima Trindade. Visão para o altar. Sala de controle de som e luz da basílica, espaço fechado aos turistas. 2011



Figura 37 – Alpendre e Capelinha das Aparições e imagem oficial. 2017



Figura 38 – Alpendre e Capelinha das Aparições. Peregrinação das crianças. 2017



Figura 39 – Reflexos. À esquerda percebe-se refletida a Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A direita a Capelinha, em frente a imagem original de Nossa Senhora de Fátima, e ao fundo percebe-se a Basílica da Santíssima Trindade, que não entra em conflito visual com a Basílica do Rosário

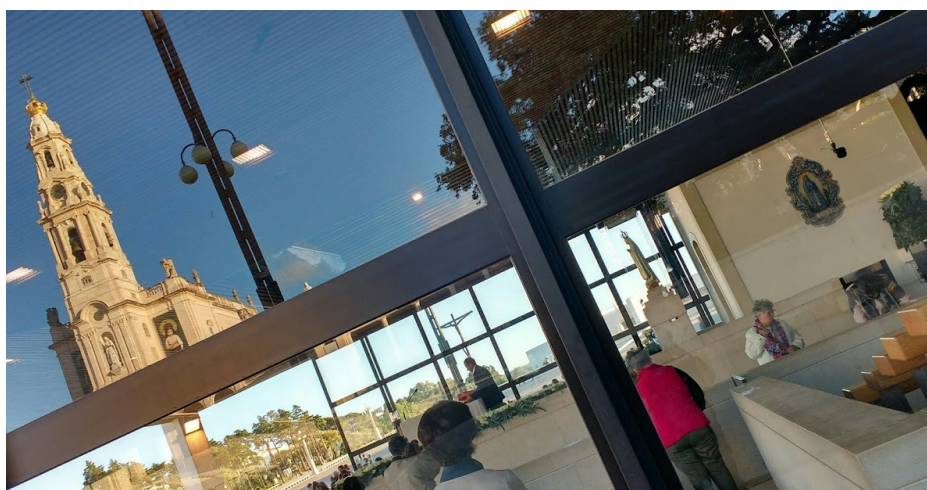


Figura 40 – Altar do Recinto de Oração, Santuário de Fátima. 2017



Figura 41 – Altar do Recinto de Oração, Santuário de Fátima. 2011



Figura 42 – Aviso “Fale baixinho. Por favor não tire fotografias em grupo”, parte central do Recinto de Oração, Santuário de Fátima. 2017



Figura 43 – Peregrinos no Recinto de Oração. 2017



Figura 44 – Peregrina ao realizar percurso de joelhos, no Recinto de Oração. Maio de 2011



Figura 45 – Cartaz de Concessão de Indulgência Plenária, exposto no mural da colunata do Santuário de Fátima, no ano do centenário das aparições, 2017, para o Ano Jubilar de Fátima



Figura 46 – Folheto com orações em diferentes idiomas oferecido aos peregrinos, na entrada da Basílica da Santíssima Trindade



Figura 47 – Pedaco do muro de Berlim. Santuário de Fátima



Figura 48 – Avisos no mural do Santuário. 2017



Figura 49 – Avisos no mural do Santuário. 2017



Figura 50 – Avisos no mural do Santuário. 2017



Figura 51 – Avisos no Santuário. 2017



Figura 52 – Avisos no Santuário. 2017

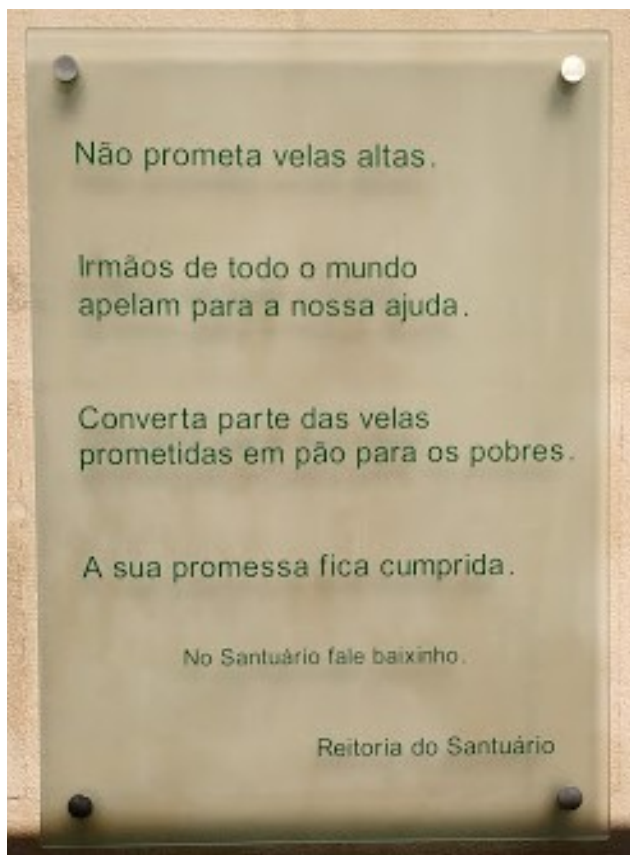


Figura 53 – Avisos no Santuário. 2017



Figura 54 – Quadro dos horários das celebrações oficiais no Santuário. 2017

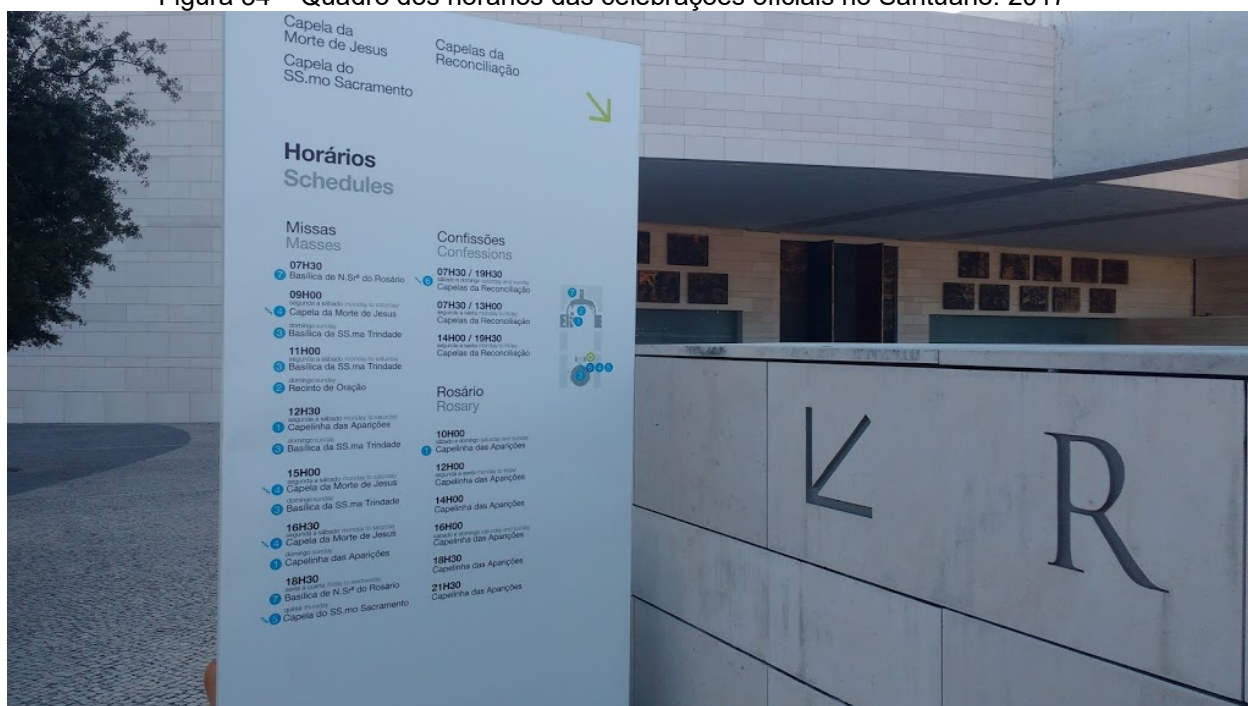


Figura 55 – Aviso dos horários das celebrações, naquele determinado dia, no Santuário

Santuário de Fátima PROGRAMA DE DIA 06 | JULHO | 2017

Celebração	hora	Lugar	Idioma
Missa	06:15	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Francês
Missa	06:30	Capelinha	Alémite
Missa	06:30	Capela da Ressurreição de Jesus	Romeno
Missa	07:00	Capela Morde de Jesus	Diferentes Idiomas
Missa	07:00	Capelinha	Polaco
Missa Oficial	07:30	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Português
Missa	07:30	Capela da Ressurreição de Jesus	Português
Missa	08:00	Capelinha	Italiano
Santa Missa	08:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Polaco
Missa	08:30	Capela Morde de Jesus	Português
Missa Oficial	09:00	Capelinha	Húngaro
Missa	09:30	Capelinha	Italiano
Oração	09:30	Capela da Ressurreição de Jesus	Italiano
Missa	10:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Italiano
Missa	10:30	Capelinha	Francês
Rosário	10:45	Capela Morde de Jesus	Diferentes Idiomas
Missa Oficial	11:00	Basilica de SS.ª Trindade	Português
Oração	11:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Espanhol
Missa	11:35	Capela Morde de Jesus	Diferentes Idiomas
Rosário	12:00	Capelinha	Português
Missa	12:15	Basilica de SS.ª Trindade	Português
Missa Oficial	12:30	Capelinha	Português
Missa Oficial	14:00	Capelinha	Português
Hora Rep. Inac. Cer. Maria		Capela Morde de Jesus	Português
Missa Oficial	15:00	Capelinha	Português
Concelebrated Missa	15:30	Capelinha	Inglês
Missa Oficial	16:30	Capela Morde de Jesus	Português
Missa	17:00	Capelinha	Croata
Vigília	17:30	Capela SS.ª Sacramento	Português
Missa Oficial	19:30	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Português
Rosário	19:30	Capela Morde de Jesus	Diferentes Idiomas
Missa	20:30	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Polaco
Rosário + Proc. Velas	21:30	Capelinha	Internacional

Figura 56 – Aviso dos horários das celebrações, naquele determinado dia, no Santuário

Santuário de Fátima PROGRAMA DE DIA 08 | NOVEMBRO | 2017

Celebração	hora	Lugar	Idioma
Missa	06:30	Capelinha	Inglês
Missa	06:30	Capelinha	Latão
Missa	06:30	Capelinha	Alemão
Missa	06:00	Capelinha	Polaco
Missa	06:30	Capelinha	Inglês
Missa	06:30	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Polaco
Missa	07:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Inglês
Missa	07:00	Capelinha	Polaco
Missa Oficial	07:30	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Português
Missa	08:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Inglês
Missa	08:00	Capelinha	Italiano
Missa Oficial	09:00	Capela Morde de Jesus	Português
Missa	09:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Inglês
Missa	09:30	Capelinha	Francês
Visita	10:00	Basilica de SS.ª Trindade	Português
Missa	10:30	Capelinha	Inglês
Missa Oficial	11:00	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Português
Saleção - Pastoral Crianças e Jovens	11:15	Capelinha	Português
Rosário	12:30	Capelinha	Português
Missa Oficial	12:30	Capelinha	Português
Missa Oficial	15:00	Capela Morde de Jesus	Português
SS.ª Arte e Património	15:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Português
Missa	15:30	Capelinha	Inglês
Missa Oficial	16:30	Capela Morde de Jesus	Português
Missa	17:00	Capelinha	Croata
Missa	18:00	Capela da Ressurreição de Jesus	Inglês
Missa	18:00	Capela Morde de Jesus	Polaco
Missa Oficial	18:30	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Português
Rosário	18:30	Capelinha	Português
Missa	19:15	Capelinha	Vietnamita
Missa	19:30	Basilica de N.ª Sr.ª do Rosário	Polaco
Rosário	21:30	Capelinha	Internacional
Rosário + Proc. Velas	21:30	Capelinha	Internacional

Figura 57 – Informações nas placas do estacionamento. 2017



Figura 58 – Espaço no estacionamento para pessoas com necessidades especiais. 2017



Figura 59 – Informações nas placas do estacionamento. 2017



Figura 60 – Paineis para fotos “com” o Papa Francisco, para peregrinação das crianças



Figura 61 – Capelinha das Aparições, missa especial aos doentes



Figura 62 – Capa do jornal O Século, 15 de outubro de 1917



ANEXO H – Nos bastidores das peregrinações: imagens históricas do arquivo do Santuário de Fátima⁸⁸

Figura 63 – Francisco, Lúcia e Jacinta, com peregrinos, em setembro de 1917



⁸⁸ Todas as fotos deste anexo são creditadas, a pedido, como “Arquivo do Santuário de Fátima. Núcleo Audiovisual”.

Figura 64 – “Verdadeiro aspecto da 1ª capelinha das aparições” (ASF, 4C67)



Verdadeiro aspecto
da 1.ª capelinha das
Aparições

Figura 65 – Aspecto da Cova da Iria em 1924. DS 95.63



Figura 66 – Aspecto de uma grande peregrinação. Antigo pavilhão das confissões. 1938. DS 98.58



Figura 67 – Pavilhão dos doentes e Capelinha das Aparições. 1929



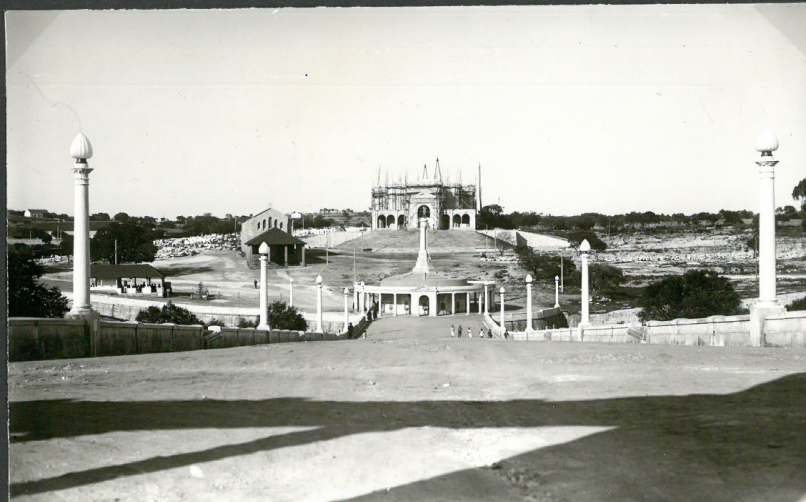
Figura 68 – Construção da Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima. 1932



Figura 69 – Peregrinos. 1932

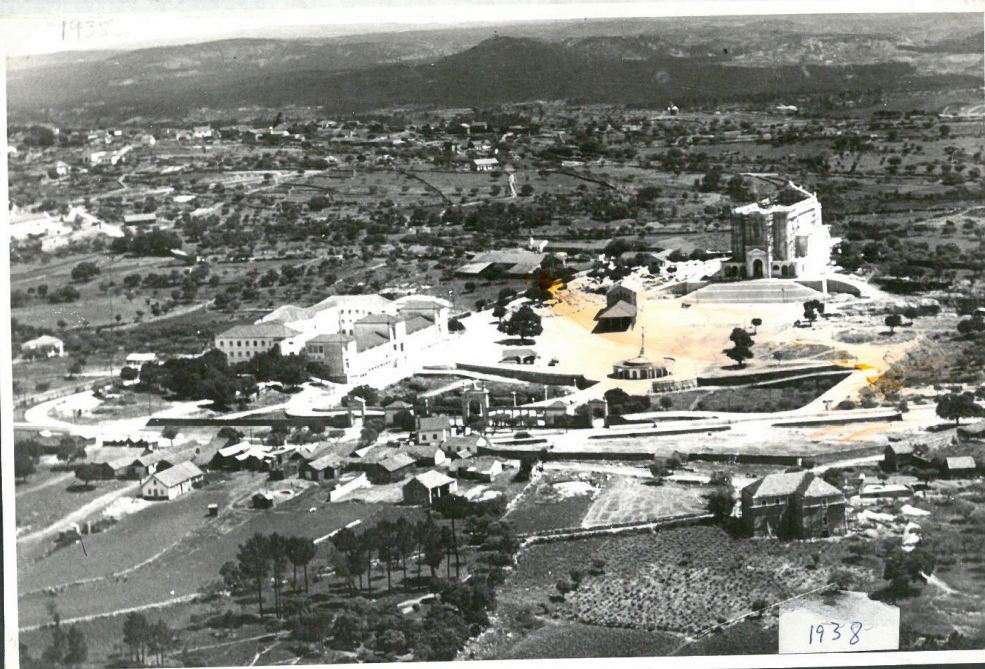


Figura 70 – Construção da Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima. 1935. DS 95.79

1935

1938 - Aspecto do Santuário e da Cova da Iria. Em primeiro plano a série de barracas de madeira de " feirantes" de artigos religiosos

De 95.79



1935

1938

Figura 71 – Escultura do Sagrado Coração de Jesus, com basílica sendo construída ao fundo. 1932



Figura 72 – Imagem, ao centro, do Sagrado Coração de Jesus e Construção da Basílica Nossa Senhora do Rosário. 1938



Figura 73 – Vista aérea da Cova da Iria, 13 de outubro de 1951

